

REVISTA DA SEMANA

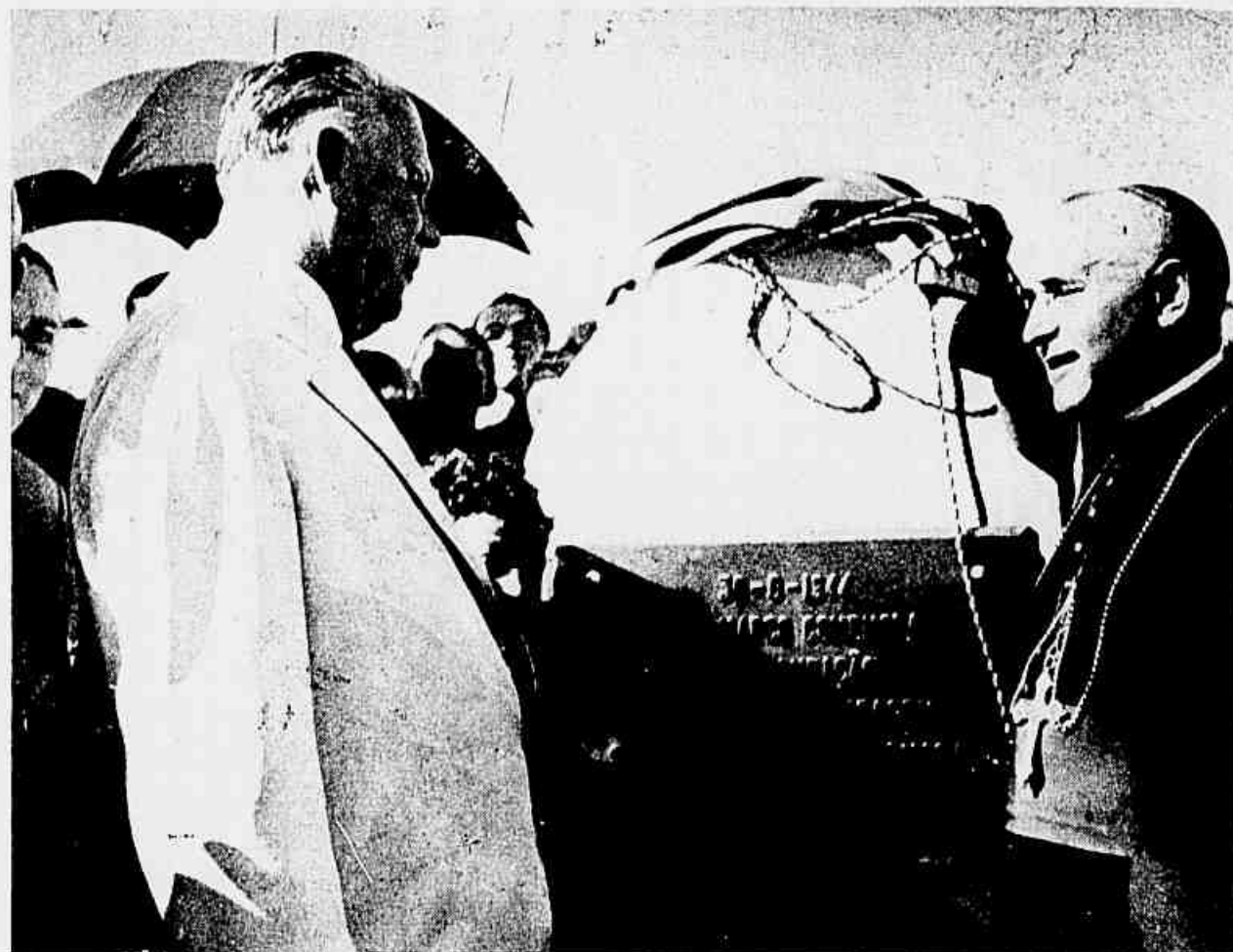
Nº. 49

2-12-44



CR\$
2,50
NA CAPITAL
3,00
NOS ESTADOS
UNIDOS
DE AMERICA
PORT. LEGAL

ANEXO - NOVOS MAPAS DA GUERRA



10 DE NOVEMBRO EM S. PAULO

Em todo o Brasil foi solenemente comemorado o 7.º aniversário do Estado Nacional. Em todos os recantos do território a efemeride, que assina o transcurso de mais um aniversário do regime fundado pelo Presidente Getúlio Vargas, foi celebrada com inaugurações de novos serviços públicos, o início de outros e a entrega ao povo de obras de utilidade pública.

Em S. Paulo um largo programa foi executado. Afim de presidir a numerosas solenidades comemorativas do 10 de novembro, o Sr. Interventor Fernando Costa viajou para o interior paulista, percorrendo diversas localidades com o objetivo de inaugurar obras e melhoramentos vários com que a data histórica foi assinalada no Estado.

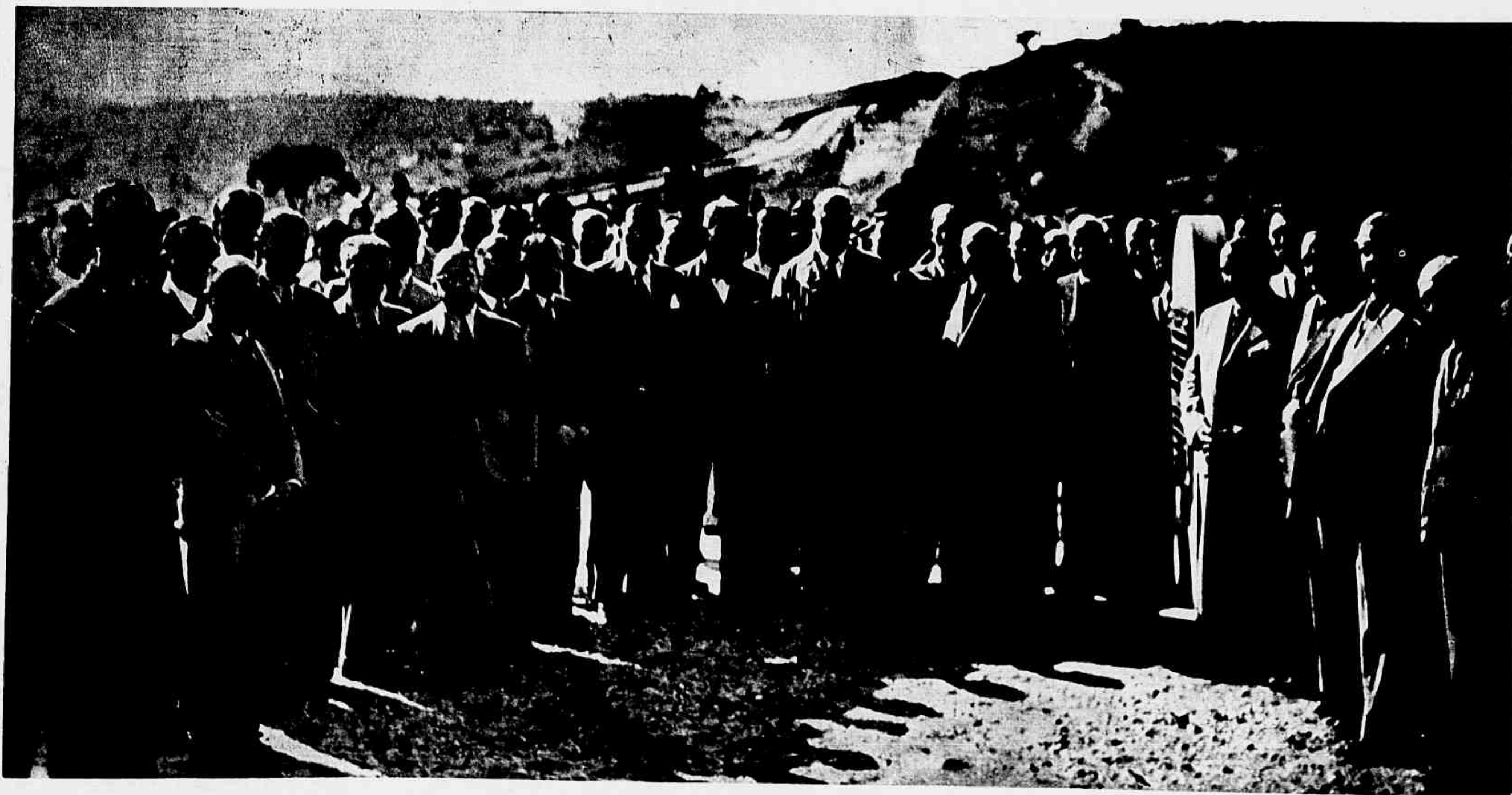
Dentre as solenidades presididas pelo interventor paulista, destacaram-se as de inauguração de estradas e início de novas, com a parte do grandioso Plano Rodoviário em execução.



Em Jundiaí foi inaugurado o marco do prolongamento da Via Anhanguera, entre aquela cidade e Campinas; em S. Carlos s. s. inaugurou a Estrada de Ferro S. Carlos-Araraquara, e, nessa mesma cidade, o marco inicial da estrada Araraquara-Matão. Terminou a excursão em Pirassununga, onde o chefe do governo de S. Paulo inaugurou a estrada para Cascavel.

Além dessas cerimônias inaugurais, acima mencionadas, inúmeras outras tiveram lugar em S. Paulo, na Capital e no interior, constituindo um esplêndido programa comemorativo do 10 de Novembro.

As fotografias que ilustram esta página são flagrantes da excursão do interventor Fernando Costa e sua comitiva pelo interior paulista, onde o ilustre governante foi recebido com as maiores demonstrações de apreço e simpatia.



UM DESEMBARQUE SILENCIOSO — REPORTERS E FOTÓGRAFOS ESPALHADOS POR TODOS OS PONTOS ESTRATÉGICOS — E UM PROLONGADO REPOUSO NO APARTAMENTO 201 DO COPACABANA — RECORDANDO O "PLANTÃO" DOS FÁS QUANDO ALI SE HOSPEDAVAM "ASTROS" CINEMATOGRAFICOS FAMOSOS.

SUA MAJESTADE DIVERTE-SE

O EX-SOBERANO, TAL COMO
NÃO SALTOU NO RIO.

A. SENHORA MAGDA LUPESCU NUM FLA-
GRANTE ANTIGO, AINDA NOS BONS TEMPOS
DA RUMANIA.

Após desembarcar, dirigiu-se imediatamente para o Copacabana Palace, onde tinha reservado dois apartamentos de luxo, pousando rapidamente para o único fotografo que o aguardava no Hotel, agradecendo em português.

A' noite, concedeu uma entrevista coletiva, onde, entre amaveis elogios à nossa terra, declarou não ter culpa dos fatos que lhe atribuem haverem entregado a Rumania aos alemães.

S. Majestade foi bastante hábil porque, dizendo o que desejava, esquivou-se a qualquer pergunta mais indiscreta, que os reporters desejassem formular.

Falou bastante o que lhe interessava, não dando oportunidade de indagarem cousas interessantes para informar o público. Após essa entrevista, sobretudo util aos interesses de S. Majestade, como defesa contra as acusações que lhe fizeram de ser nazista, o ex-rei esquivou-se da Imprensa, evitando sair do hotel, alegando cansaço da viagem.

Todos os esforços da Imprensa de ouvir novamente Carol, têm sido obstados por oito prestimosos rapazes da polícia, amaveis, porém inflexiveis no cumprimento das ordens recebidas, de impedirem que S. M. seja perturbado no seu cansaço... Embora não tivessemos conseguido entrevistar Carol, isso não nos impede de registrar o acontecimento, e relatar informes curiosos sobre a vida tumultuaria desse ex-rei pela segunda vez, que desde 1925, cerca de vinte anos portanto, vem dando motivo para os cartazes sensacionais da Imprensa mundial.

Poucas personalidades podem apresentar tão violentas alternativas, em sua vida tragi-cômica, sobretudo cômica, quanto essa augusta figura de rei de opereta. Opereta porque os acontecimentos mais trágicos, que despertariam pena si ocorrido com outro personagem, em Carol dão-nos idêa de convencionalismo, de que é tudo feito apenas para causar efeito; e sangue, quando há, é o das pobres vítimas dos seus conhecidissimos banquetes: perús, faizões e outras "penosas" creaturas, além do vinho capitoso das noites nos "cabarets" de todos os pontos do mundo.

Desde que trocou o trono de sua pátria pela mulher que amava, Carol não pode mais fugir às contingencias que o escandalo mundial provocou.

Mas suas aventuras não pararam aí. Depois de longo afastamento da pátria, conseguiu por meio de uma revolução vitoriosa ocupar novamente o trono, desta vez em companhia da célebre madame Lupescu, considerada por todos, a verdadeira ditadora da Rumania, enquanto Carol reinava.

Outra reviravolta do destino, tão ferteis são elas na vida de Carol, ei-lo novamente aliado do trôno, numa retirada estratégica ainda insuficientemente esclarecida quanto aos motivos que o levaram a entregar o poder a Antonescu e, conseqüentemente, à Guarda de Ferro.

Não deve ser estranho ao acontecimento, o instinto político de madame Lupescu, provavelmente mentora desta renúncia ao trono, á espera dos acontecimentos futuros. Possivelmente, sem forças para resistir à pressão

PROCEDENTE do México, onde permanecera longo tempo, encontra-se entre nós o ex-Rei Carol da Rumania. Sua chegada não despertou a intensa curiosidade que estamos acostumados a ver quando aqui aportam os astros de "Hollywood", que não raro interrompem o tráfego de nossa Capital.

Apezar disso, o desembarque do ex-monarca cercouse de tais mistérios e precauções que os poucos curiosos presentes foram ludibriados, e também os rapazes da Imprensa que ao desembarque compareceram por dever de officio. Foi um desembarque, em puro estilo "Fantasma Voador", efetuado na lancha da Polícia Marítima para o cais dos Marinheiros.





O EX-SOBERANO TAL COMO REALMENTE SALTOU Á PORTA DO HOTEL DE LUXO, NA AVENIDA ATLANTICA, APANHADO DE SURPRESA POR UM FOTOGRAFO QUE NÃO SE DEIXOU DESPISTAR.

germanica, preferiu entregar a pátria ao seu destino e pleitear em dias vindouros, o direito de governa-la novamente.

Nessas conjeturas, não estamos levando em conta o que possam pensar desta pretensão os rumenos, e muito menos as Nações Unidas. Entretanto, o cenário político europeu é fértil em acontecimentos inesperados e as mudanças de situações sucedem-se vertiginosamente.

Essas considerações devem ter sido feitas pelo hospede real que passeia pelas nossas ruas, enquanto o tempo quente na Europa não serena. Sua presença em qualquer ponto do globo torna-o figura obrigatória do galarrim da Imprensa, e, diga-se de passagem, ele não procura

evitar a publicidade levando uma vida discreta, compatível com a sua majestade de testa coroada.

Assim, devemos aguardar com curiosa atenção que durante a sua estadia entre nós não falem acontecimentos idênticos aos promovidos em outras terras por onde palmilharam seus augustos pés.

Desde a sua segunda renúncia ao trono em Setembro de 1940, Carol começou uma vida errante, indo inicialmente para a Suíça, daí para Espanha e em seguida para Portugal. Enfadado da Europa, transportou-se para o México onde descansou vários anos até que finalmente agora descobriu o Brasil como ponto ideal para continuar a repousar.

O CASAL DE HOSPEDES — O EX-REI CAROL E MADAME LUPESCU — NO "HALL" DO COPACABANA. AO CENTRO, A SECRETARIA PARTICULAR DE MADAME, QUE OS ACOMPANHA.





UMA DETALHADA EXPRESSÃO FISIONÔMICA DO EX-SOBERANO

Se S. M. adotar como lema o ditado "carregar pedra enquanto descansa" devemos esperar acontecimentos sociais de grande repercussão.

Entretanto, enquanto aguardamos os acontecimentos, seguindo o exemplo real, vamos aproveitando tempo, e não é de todo inoportuno deixar registradas nas páginas de "Revista da Semana" as declarações que S. M. achou por bem fazer à Imprensa brasileira, não sendo de estranhar que estas declarações assumam um cunho histórico nos dias vindouros.

Assim falou o ex-rei:

— "Verifico que uma parte da Imprensa não está bem informada sobre as causas que determinaram minha partida de meu país. É que muitas vezes sofria o eco das informações falsas e tendenciosas emanadas de certos círculos bem conhecidos.

Na Rumania, quem trabalhava em favor de uma aproximação com as potências do Eixo, e em geral por tudo que era pró-Alemanha nazista, era a bem conhecida

Guarda de Ferro. Desde o início lutei contra esta tendência. E desde que explodiu o conflito mundial sempre fui partidário das Nações Democráticas e tive desde o primeiro dia a convicção inquebrantável da vitória das Nações Unidas. E justamente devido à minha atitude é que ocorreu na Rumania a revolução feita pela Guarda de Ferro. Essa revolução foi levada a efeito porque minha

A ESPOSA E O FILHO DE CAROL: RAINHA MARIA DA RUMANIA E O ATUAL SOBERANO DOM MIGUEL.



opinião e minha atuação eram contrárias aos objetivos que visavam. O resultado é o que se conhece. Fui forçado a deixar o país.

E continuando as suas recordações:

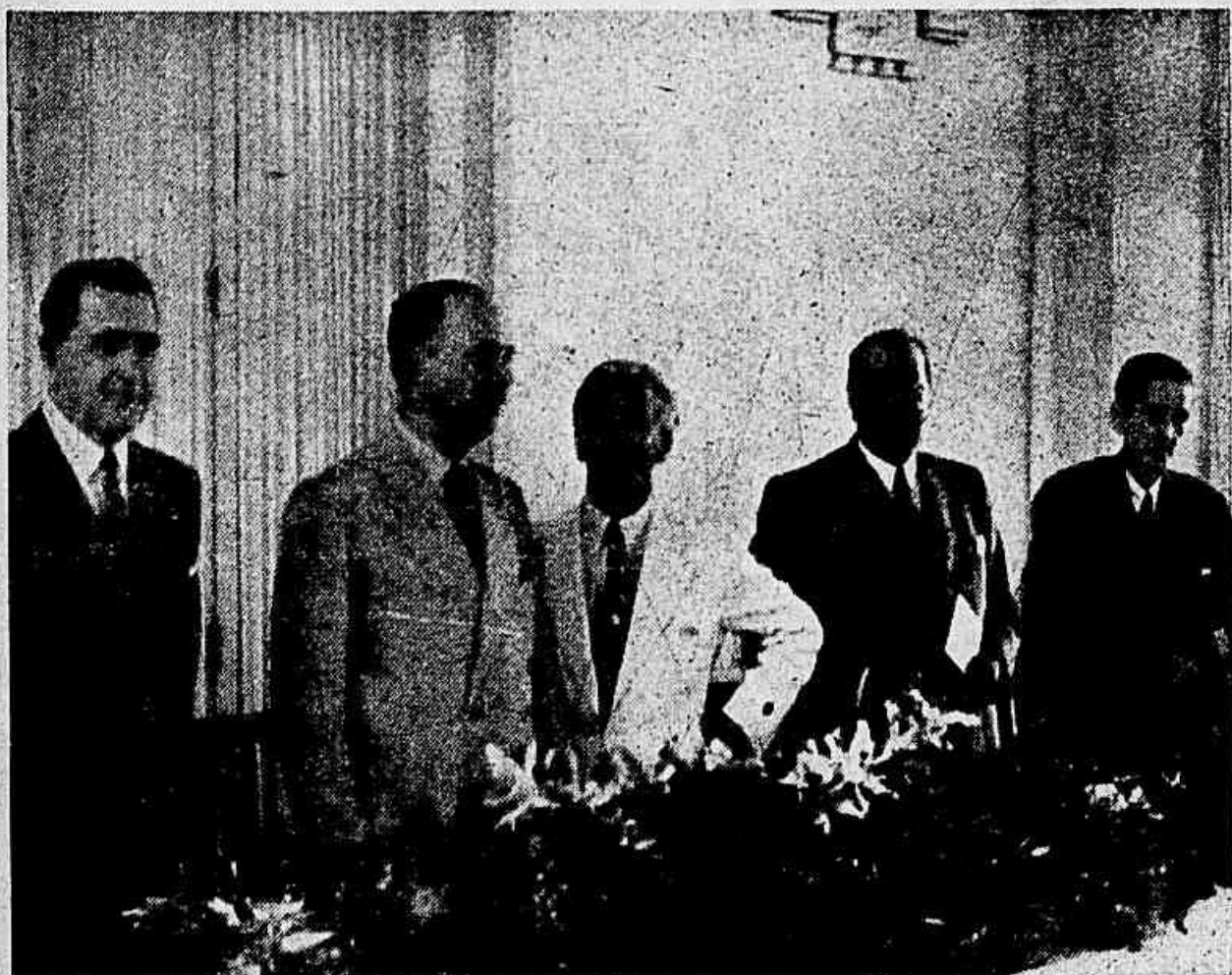
— "Após a minha partida, a ditadura nazista de Antonescu se implantou no país. E, quando tive de sair do meu país, ainda fui vítima da emboscada dos partidários da Guarda de Ferro que, não conseguindo deter o trem em que eu viajava, metralharam-no.

Vê-se, assim, que se eu não tivesse tido essa atitude decisiva não estaria aqui neste momento.

Não teria a felicidade, digamos, de conhecer o Brasil. Sinto-me feliz — devo acentuar — pela atitude de meu filho, que colocou a nação ao lado dos Aliados.

Ao lado dos Aliados — frisou — de onde jamais deveria ter se apartado".

Aguardemos os efeitos que as declarações do ex-rei Carol possam despertar nos bastidores políticos europeus.



JOCKEY CLUB MUNDANO



A nota mais elegante do domingo esportivo foi dada esta semana, como sempre acontece, pelo Jockey Club Brasileiro, com a realização de mais uma brilhante reunião no Hipódromo da Gávea. Na "pelouse" e nas tribunas do belo prado viam-se os elementos mais representativos do mundo oficial e da alta sociedade carioca. São deste "meeting" os instantâneos que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 2-12-945 -- N. 49

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Serenata.....(Gastão de Alencar).....	15
Nicolau Glaive.....(Tristan Bernard).....	19
Madame Chang.....(Marius Stettinius).....	23
Semana de Teatro(Escragnolle Doria).....	34
Livros Novos.....(J. L.).....	38/39

REPORTAGENS:

S. M. diverte-se.....	3/5
Jockey Club.....	6
Façam os profissionais do Teatro (Roberto Dyrá F.).....	8/10
Figuras e Fatos.....	20/21

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	3
Um segredo de beleza desvendado.....	31
Modelos.....	32/33
Outros Figutinos.....	42/44 e 46

CURIOSIDADES

Como se faz uma novela (A. Migueis).....	11/14
O Lucio de Paula Matos (Alvaro Ladeira).....	25/29

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha.....	16/17
Artes Plásticas.....	18
De Rádio (Djalma Maciel).....	24

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

ANEXO:

Suplemento de Guerra com Mapas.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O preço desta edição é de Cr\$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

Nossa Capa

É da jovem "estrela" Audrey Long, cuja apresentação a RKO prepara, neste momento, com muito carinho, a fotografia que ilustra a sobre-capa do presente número. Não a conhecemos ainda, através de uma boa interpretação cinematográfica, porem suas credenciais, no tocante a predados de beleza e elegância, ficam suficientemente lançadas com essa linda "cabeça", realçada de modo surpreendente pelo modelo do chapéu com véu que ainda mais lhe enfeita os traços e a expressão do olhar, todo candura e meiguice. Neste número, de par com o Suplemento de Guerra que vai em anexo e que não pode ser vendido separadamente, podemos destacar varias reportagens, focalizando assuntos de evidencia, como a presença do ex-rei Carq no Rio, ainda o tema dos profissionais e amadores de teatro, etc.

Chamamos a atenção de nossas lei-



toras para o desenvolvimento maior que estamos dando ao material feminino, seção que nos números vindouros será ainda melhor cuidada, pois para isso temos providenciado. Finalmente, ainda em relação ao presente sumário, destacamos uma interessante reportagem sobre 'Como se faz uma novela', desvendando á curiosidade dos "fans" aspectos aos bastidores de uma estação de rádio.

Um - calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

FALAM OS PROFISSIONAIS DO TEATRO

O teatro pouco a pouco vai alargando o seu campo, na imprensa. Já não fica relegado às colunas de anúncio e aos artigos de crítica. Hoje, discutem-se, animadamente, questões teatrais. Isso indica estar bem vivo, entre nós, o interesse pela ribalta. A REVISTA tem procurado participar desse movimento, dando ao teatro um lugar de honra em suas páginas, e durante este ano desfilaram aqui as grandes realizações teatrais da temporada, os maiores empreendimentos, no sentido de desenvolver o nosso teatro: Dulcina, Procopio, Bibi, Eva — os empresários, as suas companhias, os seus repertórios, cenas das peças representadas. Cedemos, depois, as nossas páginas a dois membros de um grupo novo, que têm uma concepção diferente de teatro, idéias próprias a respeito. Essas idéias foram expostas em nossa reportagem "Arte e Não Cruzeiros!", onde se debateu, entre outros, o problema do teatro-arte e do teatro profissional, que os entrevistados julgaram deficiente. Esta reportagem repercutiu aqui, no Rio, e foi ecoar em S. Paulo, aonde acompanhou a sra. Dulcina de Moraes, com as críticas feitas ao seu trabalho por Nelson Rodrigues e Santa Rosa. No dia seguinte a referida artista recebia um telegrama de dois Comediantes, os srs. Carlos e Stella Perry, que diziam permanecer coerentes com a homenagem a ela prestada anteriormente e não endossar as declarações de Nelson Rodrigues.

Pouco depois, R. Magalhães Jr. protestava, em nome da coerência, perguntando qual era, afinal de contas, a atitude dos Comediantes, pois testemunhara a homenagem a Dulcina e lera, mais tarde, as críticas de Santa Rosa, que "viravam a homenagem pelo avesso", conforme declarou.

FALA O AUTOR DE "VILA RICA"

Procurado pelo reporter, aquele nosso colaborador confirmou o que escrevera:

— Não sou contra os Comediantes, disse. — Acho, porém, que deveriam ser mais tolerantes e menos convencidos, pois não é possível que também não tenham seus erros...

Interrogado sobre sua posição diante das críticas feitas a Dulcina, acrescentou:

— Não tenho procuração para defender Dulcina, mas uma coisa gostaria de saber: quando foram sinceros os Comediantes? Quando homenagearam a atriz profissional, em cena aberta, através do tímido discurso do sr. Graça Melo, ou quando a atacaram tão terrivelmente?

Fazendo questão de salientar, mais uma vez, a ausência absoluta de qualquer prevenção de sua parte contra os Comediantes, R. Magalhães Jr. frisou que, quando, faz algum tempo, o grupo representou uma peça de Pirandello, dedicou-lhes um artigo elogioso, porém que, já naquela época, ele achava ingratidão o fato de não terem convidado para assis-

PROCOPIO IMITA PILATOS — E LAVA AS MÃOS DE TODO O EMBROGLIO, AFIRMANDO, POREM: "HA MUITOS ANOS EU VENHO FAZENDO UMA COISA QUE O PUBLICO TEVE A BONDADDE DE CLASSIFICAR DE ARTE. POIS NÃO ME CONSIDERO COM AUTORIDADE SUFICIENTE PARA CONTESTAR A OPINIÃO DO PUBLICO, NÃO LHE PARECE"? — E FOI, COMODAMENTE, FAZER "A MULHER DO PADEIRO"...

ENCERRANDO OS DEBATES À MARGEM DA ENTREVISTA DOS COMEDIANTE — "SE A PEÇA DO SR. NELSON RODRIGUES TINHA DEFEITOS, POR QUE SANTA ROSA NÃO OS APONTOU AO AUTOR ANTES DA REPRESENTAÇÃO?", PERGUNTA R. MAGALHÃES JR. — UM DESAFIO DE JAIME COSTA AOS COMEDIANTE — PROCOPIO APELA PARA O JULGAMENTO DO PÚBLICO — E BANDEIRA DUARTE ACHA QUE EXISTE EXAGÉRO PARA SE CRIAR "UM CASO".

Reportagem de Roberto Lyra Filho

tir ao espetáculo a Peregrino Jr., presidente da Associação de Artistas Brasileiros, que dera aos Comediantes a autonomia, pois eles estavam ligados àquela instituição, e pagara os primeiros ensaios.

— Acho que são de uma falta de modestia chocante. Não tendo confiança no julgamento do público, julgam-se a si mesmos. "Nós somos perfeitos!" Julgam-se geniais quando a verdade é que os gênios não são tão abundantes assim... A atitude agressiva dos Comediantes contra os que fazem teatro profissionalmente espanta, principalmente porque eles se dizem "amadores". Portanto, o campo deles é o do diletantismo. Não devem procurar atritos com os profissionais porque isso só pode criar um ambiente desfavorável para uns e outros. Em brigas assim, todos saem rasgados... Ademais, o teatro amadorístico, sozinho, não pode substituir o teatro profissional. Nós temos, na imprensa, o mesmo caso. Para o poeta Augusto Frederico Schmidt, para o crítico Alvaro Lins, para o romancista Lúcio Cardoso, para o jornalista Octavio Thyrsó, e outros, a revista "Lanterna Verde", por exemplo, deve ser leitura muito preferível à REVISTA DA SEMANA e a "O Cruzeiro". Mas, em nome do gosto desses intelectuais, não se vai privar um grande público de semanários despretenciosos e populares, de leitura leve e variada, que se destinam a um público numeroso e menos intelectualizado. Quem quer só os Comediantes também gostaria de ter todos os sábados a "Lanterna Verde", em lugar das revistas populares...

E R. Magalhães Jr. prosseguiu:

— Estranhei tanto mais as declarações que os dois ilustres membros dos Comediantes fizeram à REVISTA DA SEMANA, porque um deles agride os seus próprios companheiros de aventura... Santa Rosa, pensando muito, não conseguiu sacar da cabeça o nome de um autor... Foi preciso que você, meu caro reporter, lhe refrescasse a memória com uma alusão ao de Nelson Rodrigues. Mas quantas restrições a este nas entrelinhas de Santa Rosa! Tirou a camisa de grande autor, de Eugene O'Neill caboclo, que outros vinham cozendo à mão para o autor de "Vestido de Noiva", que, aliás, me parece uma excelente peça. E o sr. Lúcio Cardoso? Coitado! Tive pena dele! Agora, pergunto: se a peça do sr. Nelson Rodrigues tinha defeitos, por que Santa Rosa não os apontou ao autor, antes da representação, para que este fizesse uma revisão do seu trabalho? Antes de subir o pano, ainda é possível mexer-se numa peça... E se a de Lúcio Cardoso era execrável, por que a representaram? O "conselho" intelectual dos Comediantes não soube julgar a peça pelas suas qualidades ou ausência de qualidades, ou abdicou do direito de julgar, suggestionado pelo nome fulgurante do inquieto e moço romancista? Tudo isso são perguntas que a gente fica fazendo e gostaria de ver respondidas pelo grande Santa Rosa...



JAIME COSTA DESAFIA — "PODE LANÇAR O DESAFIO EM MEU NOME"—DIZ-NOS O INTERPRETE DE "VILLA RICA". UM DESAFIO PARA UMA LUTA EM IGUALDADE DE CONDIÇÕES. EU E OS COMEDIANTE APRESENTAREMOS A MESMA PEÇA, DENTRO DE VINTE DIAS, COM SUBVENÇÃO IGUAL. TERMINADO O PRAZO, INTERPRETA-LA-EMOS E O PÚBLICO DECIDIRÁ"...

AI FICA LANÇADO O DESAFIO, PELAS DUVIDAS.

TEATRO PROFISSIONAL — "DULCINA EM "SANTA JOANA", UM DOS GRANDES ACONTECIMENTOS DA TEMPORADA OFICIAL LEVADA A EFEITO EM NOSSO PRINCIPAL TEATRO E CUJA REPETIÇÃO SE FAZ, AGORA, NO TEATRO SANTANA DE SÃO PAULO.

"DESAFIO OS COMEDIANTES!" DECLARA JAIME COSTA

Dos que discordaram das opiniões de Santa Rosa e Nelson Rodrigues, falaram os que tinham à sua disposição as colunas de um jornal. Um ator profissional, porém, ainda não tomou a palavra para defender-se. Jaime Costa, um dos atores citados na reportagem, foi procurado. Interrompendo o ensaio da peça "Vila Rica" declarou-nos com veemência:

— Os Comediantes? São como uma bomba voadora: não se sabe de onde veem, não se sabe para onde vão; é certo, porém, que cairão, não se podendo precisar onde, nem quando!

Esta a opinião de Jaime Costa sobre os Comediantes.

— E o caso do teatro-arte?

Jaime Costa ri.

— Os Comediantes levaram a tal ponto a questão do teatro-arte que, para resolvê-la, só podemos recorrer ao método do box, mas sem luvas!

— De que maneira?

— Com um desafio que você pode fazer em meu nome. Um desafio para uma luta em igualdade de condições.

O reporter, um pouco assustado, acreditou que Jaime Costa tencionava resolver o caso, por assim dizer, fisicamente. Mas Jaime tranquilizou-o:

— Uma luta em igualdade de condições que deve ser feita assim: receberemos ambos, eu e os Comediantes, uma peça original, que nenhum de nós conheça, e nos encarregaremos de montá-la, dentro do prazo de vinte dias, recebendo para isso uma subvenção igual. Terminado o prazo, interpretaremos a peça e o público decidirá.

— Concorda com a opinião de que são poucos os autores nacionais de valor?

— Essa questão deve ser resolvida pela SBAT. Se não há autores, para que a Sociedade? Para cobrança de direitos? Nesse caso deverá chamar-se Sociedade Brasileira de Cobrança de Direitos Autorais...

— Mais uma pergunta: assistiu aos espetáculos dos Comediantes?

— Nada posso dizer de primeira mão, precisamente porque não lhes assisti. Mas me consta que na peça "Fim de Jornada", que se passa durante a guerra, os atores apareceram com botas reluzentes e cabelos penteados à força de gomalina. Uma guerra de criança, como eu fiz muitas vezes quando era pequeno, com espingardinha de pau... Temporada de bom teatro? Com uma gorda subvenção do governo não é assim tão difícil. Fiz, certa vez, uma temporada no Teatro Municipal, onde apresentei peças **somente de autores nacionais** (o negrito estava no tom da voz do ator), desde a tragédia até a farsa. Começando com "Mona Lisa", de Renato Viana, e terminando com uma peça de Armando Gonzaga... Para isso recebi somente quarenta e cinco contos. E digo-lhe mais uma coisa. Faz algum tempo eu convidei esse mesmo cavalheiro — Santa Rosa — para fazer uns cenários para mim. Ele fez. Ninguém me aplaudiu por tê-lo contratado, nem os cenários dele mereceram elogios...

PROCOPIO ACATA O JULGAMENTO DO PÚBLICO

Procopio Ferreira dirigia-se para o camarim quando o reporter postou-se à sua frente, armado de um número da REVISTA onde fôra publicada a reportagem sobre os Comediantes.

TEATRO DE AMADORES — ARMANDO COUTO (HOMEM INATURAL), STELA GRAÇA MELO (MULHER INATURAL) E ISAAC PASCHOAL (HOMEM INATURAL), TRES INTERPRETES DE "VESTIDO DE NOIVA", DE NELSON RODRIGUES, TAMBEM APRESENTADA NO MUNICIPAL, PELOS COMEDIANTES, EM 1943.

O ator piscou os olhos, surpreendido, e respondeu:

— As suas ordens.

— Leu a reportagem "Arte e Não Cruzelros"?

Procopio procurou uma maneira amável para confessar que não tinha a menor idéia sobre o assunto, sem ferir as susceptibilidades do possível autor. O reporter, porém, antecipou-se, pondo-o ao par do que ocorrera. Ciente, de tudo, perguntou:

— E que deseja saber?

— Sua opinião...

Ele sorriu.

— Bem...

— Diga!

O artista não perdera o bom humor. Soubera ter sido classificado de bom ator "em potencial" e parecera achar essa classificação muito engraçada.

— Olhe, eu não vou falar sobre a questão...

Imediatamente, julgando encontrar relutância, o reporter perguntou:

— Por que?

Não era preciso inquietar-se. A resposta viria.

— Não vou falar sobre a questão, por uma razão muito simples. Imagine você que, há muitos anos, eu venho fazendo, em diversos palcos, uma coisa que o público teve a bondade de classificar de arte. Pois bem, não me considero com autoridade suficiente para contestar a opinião do público!

— Acha que o teatro não perde por ser meio de vida?

Novamente ele sorriu.

— Não perde. Desde que o teatro, na Idade Média, foi separado da igreja, não é outra coisa senão profissional! Sofreu com isso? Sarah Bernhardt era profissional e Coquelin também. Se não pode haver bom teatro profissional Sarah era uma besta, Coquelin uma cavalgada e Procopio Ferreira, naturalmente, só pode ser um imbecil!

E finalizando:

— Se os Comediantes são os únicos que prestam, deve-se arranjar um exército deles para substituir os profissionais...

BANDEIRA DUARTE PÕE FIM AO DEBATE

Bandeira Duarte, crítico teatral e tradutor de várias peças de grande sucesso, exprimi, logo de início, o seu desprezo pelo debate:

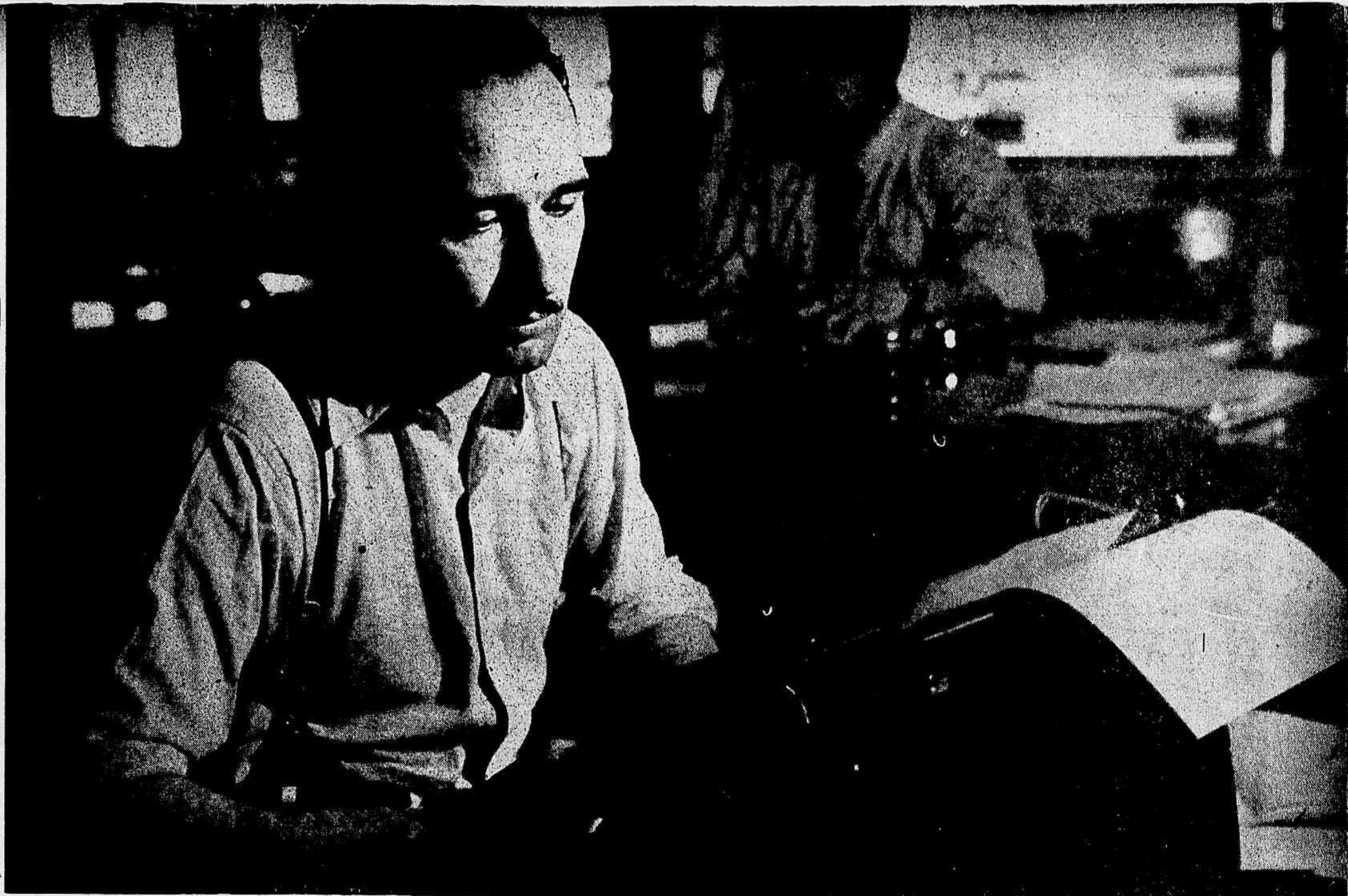
— Sinceramente, eu creio que está sendo dada uma demasiada importância a uma coisa que, pensando bem, nem comentários merecia. E quero frisar que só em atenção à REVISTA DA SEMANA falo sobre o assunto, porque discutir teatro é perder tempo. Ensinar teatro é o que se precisa fazer, antes de mais nada. O meu amigo já imaginou Sócrates discutindo filosofia com o conselheiro Acácio?

— E o caso de Dulcina?

— Dulcina é um caso que passou em julgado. Não adianta negar isso. Em quem o meu amigo queria que fossem dados os chutes que sobram da consagrada opinião dos **insky** reformadores? Ninguém atira pedras em pés de abacaxi... Só as árvores altas e de frutos compensadores seduzem essa atividade bélica dos meninos e dos gulosos... Aliás, nem tudo parece perdido nessa confusão que se pretende estabelecer... Há atitudes que salvam as aparências, como a de alguns elementos do grupo a que pertencem os entrevistados, que, elegantemente, telegrafaram a Dulcina e Odilon, desautorizando-os. Isso encerra qualquer consideração acerca do caso, se é que alguém deseja fazer de um exêgêro o que se chama "um caso".

E assim, fica encerrado o assunto.





PRIMEIRO A INSPIRAÇÃO... — QUANDO O NOVELISTA VAI SENTAR-SE À SUA "TYPEWRITER" PARA ESCREVER O PRIMEIRO EPISÓDIO, A MAIOR PARTE DO SERVIÇO ESTÁ FEITA. ELE É O ÚNICO A SABER QUE DESTINO VÃO TER OS INTERPRETES ATÉ O EPISÓDIO FINAL. O RESTO, É QUASI MECÂNICO. É PASSAR PARA O PAPEL AQUILO QUE JÁ SE DESENOVOU NO CÉREBRO. ASSIM TRABALHA AMARAL GURGEL, EM MEIO DO BORBORINHO DA ESTAÇÃO. À VONTADE. SEM LIGAR AOS OUTROS. VÊ-SE, AO FUNDO, GAGLIANO NETTO, ÀS VOLTAS COM OS ASSUNTOS ESPORTIVOS. MAS A NOVELA SÁE ASSIM MESMO...

COMO SE FAZ UMA NOVELA

DA VITÓRIA DE UM "BROADCAST" A OBRIGATORIEDADE DOS DRAMAS SERIADOS — DANDO TRATOS À BOLA PARA SATISFAZER O ANUNCIANTE E O PÚBLICO — DE UMA PEÇA TEATRAL NASCE UMA NOVELA RADIOFÔNICA — DA CONVERSA DO CORRETOR À ESCOLHA DE UM PREFIXO — FINALMENTE EM SEU RECEPTOR, AMIGO OUVINTE.

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotos de ARNALDO VIEIRA

E STAMOS na época das novelas. Toma-se café ouvindo o circo. Antonio Leão a procurar encobrir uma ação má, enquanto Henrique Briebe, por todos os meios e modos, procura atirá-lo na fogueira da inquisição popular... Almoça-se saboreando as palavras meigas do "galã" César Guimarães perante a sua "parterre" Ismeria dos Santos, embora se veja contrariada pelo radiador Silvio Silva... Lancha-se acompanhando as proezas mirabolantes do talentoso Rodolfo Maier metido na faustosa capa do "homem pássaro" e esquecido do reumatismo crônico... Janta-se em companhia de um cuidadoso diálogo entre Nilza Margessi e o personíssimo galã Paulo Gracindo... Finalizando, escuta-se o bate-papo agradável do luter-galã Cesar Ladeira com a sempre ouvida Anita Spá.

A novela, tão depressa recebeu o batismo de fogo do "broadcasting" brasileiro, tornou-se a coquete de dessa multidão que vive à certa de novidades afim de distrair o espírito, sendo assunto obrigatório de todas as prietas entre as famílias possuidoras de um apeteito receptivo, a ponto de provocar atônitas batalhas de palavras em torno da ação ceste ou d'aquele personagem.

É comum ouvir a lavadeira ao Estácio de Sá discutir com a granfina das areias de Copacabana a situação difícil criada pela figura central do drama seriado, o mesmo acontecendo com o respeitável chefe da firma importante que tenha discursos inflamados com o varredor da casa, na ansia de arranjar solução para o novo capítulo a ser apresentado... Confundem-se as categorias funcionais, pois na obra dos dramas seriados todos são iguais. Não

existe chefe nem empregado. Ambos são ouvintes da mesma novela, por isso discutem, democraticamente, seus pontos básicos.

Assumindo a liderança na programação de noites emissoras, esse novo gênero de "broadcast" jamais poderia entregar os pontos, o que veio forçar os radiadores patricios a irem buscar no cacinho da inteligência dramas e personagens para dessa maneira poderem saciar o desejo de toda uma legião de ouvintes, ávida por novas sensações.

Mas fazer uma novela representa verba. Verba representa dinheiro. Dinheiro representa trabalho. Muito trabalho, até que a mesma possa ser apresentada ao "amigo-ouvinte" que, refestelado numa boa poltrona, nem sequer sabe quanto custa preparar um capítulo, nem o que é a razão de ser desta reportagem.

Envolvido no bruhahá reinante na redação da Rádio Globo, Amiral Gurgel perde numa história seriada, enquanto à sua frente, silencioso, a máquina de escrever aguarda o momento de entrar em função, afim de revelar para o grande público o poder de imaginação de que é dotado esse brilhante e talentoso escritor de nosso "broadcasting" autor de uma série de trabalhos de sucesso marcante, ainda hoje reprisados com absoluto êxito. Amiral Gurgel necessita escrever mais uma novela, pois precisa atender à exigência do anunciante, que entrou com a "gaita" para os cofres da estação. Precisa satisfazer o interesse do sensilista, já reclamando um trabalho seu para o microfone da E-3. Consta da cláusula do

EM AÇÃO A SONOPLASTIA — OS CAPÍTULOS SÃO ENCAMINHADOS AO DEPARTAMENTO DE SONOPLASTIA, ONDE SE ESCOLHEM OS "EFEITOS MUSICAIS", OU SONOROS, TUDO CONVENIENTEMENTE GRAVADO. FAZEM-SE EXPERIÊNCIAS E TUDO É ENSAIADO COM O MAIOR CUIDADO PARA RESULTAR NO EFEITO MAIS CONVINCENTE MAIS TARDE, AO OUVIDO DO FAN. HA DISCOS COM QUASI TODOS OS SONS.





O QUE O "FAN" IMAGINA... — NA IMAGINAÇÃO DO OUVINTE, AS CENAS VÃO SE DESENLANDO DESSE MODO. TINA VITA ESTÁ AGUARDANDO O APARECIMENTO DE ZEZÉ FONSECA. E QUANDO ELA SURGE, DIZ-LHE O QUE PRECISA FALAR, SURTINDO UM INCIDENTE MUITO SÉRIO ENTRE "ELA" E A "OUTRA". MAS ZEZÉ RESPONDE Á ALTURA... TEM DE HAVER, COMO SEMPRE, UM GALÃ DE PERMEIO...

seu contrato, por isso há necessidade de dar tratos à bola para arrancar do cérebro uma nova história, seriada, tão do agrado do público. Sua imaginação trabalha. Ele escreveu uma peça. A peça nasceu do desejo de ver um ator fazer um trabalho em que marcasse uma vida, dos vinte aos sessenta anos. Da mesma forma a atriz, que irá dos quinze aos cinquenta e cinco. Nasceu para o teatro. Mas peça de difícil montagem, obrigando a um trabalho cansativo por parte dos atores, não foi entregue a nenhuma companhia. E se resolvesse transportá-la para o microfone, onde a execução de um trabalho dessa natureza é mais fácil e, portanto, com maior possibilidade de realização? Re-

flete alguns segundos. C. l. ca. papel na máquina. Abre a gaveta onde se acha guardada a peça. Entram em função as táclas da velha "Underwood". Está pronto o primeiro capítulo, que termina assim:

Dadá: — Si o tempo voltasse quanta coisa a gente faria!

Netinho: — Eu não me atrevera um ano. Atrazaria 26 anos para nascer de novo. Queria nascer com uma cara diferente e um coração insensível! Porque eu já estou cansado desta fisionomia. Levanto-me, olho para o espelho: — Eu. Vou dar o iaque na gravata, é o mesmo homem. Que diabo! 26 anos vendo o mesmo sujeito cansado!

Antonio: — Mas o tempo não pára!



OUTRA CENA CULMINANTE—LUCIA DELOR E TEREZA COSTA VIVEM UM MOMENTO DRAMÁTICO DE "O PASSADO NÃO VOLTA". DEVE SER MUITO SENTIMENTAL O QUE AS DUAS ARTISTAS DIZEM, AO DEDUZIR DE SUAS INFLEXÕES FISIONOMICAS. A CRIADORA DE "IAIÁ BONECA" E A VOVÓSINHA DE EROS VOLUSIA SÃO DUAS DAS MAIS QUERIDAS COMEDIANTES DO GÊNERO. NO PALCO, A CENA SERIA ASSIM.

Netinho: — Não pára de vergonha! Para não ver as misérias que vai deixando pelo caminho.

Amara! Gurge! não interrompe o tectec das táclas. Vai desenvolvendo capítulo por capítulo, a história de uma família, como tantas, que ainda debaixo da influência das transformações sociais, procura se adaptar. A formação de uma nova "elite", onde o imigrante que chegou, cheio de coragem e ambição, vem vencendo. E as novas gerações se fundem. E de 1904 até nossos dias, vai se desenrolando a história de três gerações. Tudo isso ligado por uma his-

tória de amor, ardente, puro, que a tudo resiste e, mesmo quando diante do impossível, sabem que para sempre estarão ligados pela saudade. Outro capítulo está terminado.

Netinho: — No nosso tempo de criança era assim, Ondina. Eu e Dadá sempre nos demos muito bem. Mas com você, quantas brigas! Eu lhe batí muito!

Ondina: — Mas também apanhou bastante.

Netinho: — Uma vez você me atirou uma pedra. Lembra-se? Veja o sinal.

Ondina: — Não quero ver.

Netinho: — Você chorou tanto quando me viu sangrando!

MAS NA REALIDADE... — É ASSIM QUE A MESMA CENA SE TRANSMITE. AMBAS, MESMO RIVAIS, FICAM LADO A LADO, CADA QUAL LENDO O SEU PAPEL E SEM SIQUER TROCAREM UM OLHAR. APENAS A INFLEXÃO DA VOZ TRANSMITE AO OUVINTE O SENTIDO DRAMÁTICO DA SITUAÇÃO. E JUSTAMENTE PORQUE NÃO HÁ O RECURSO DOS GESTOS, A TAREFA RESULTA MAIS DIFÍCIL DO QUE APARENTEMENTE PARECE.

NO MICROFONE É ASSIM — A MESMA CENA DA ILUSTRAÇÃO ACIMA, TAL COMO REALMENTE É FEITA AO MICROFONE. LUCIA E TEREZA COSTA NÃO TÊM MAIS QUE DAR ATENÇÃO AO DIÁLOGO ESCRITO. O AUTOR TEVE O CUIDADO DE REDIGI-LO COM TODO O PODER DE CONVICÇÃO, SUPRINDO A IMAGEM PELO PODER AUDITIVO. E O EFEITO É MAGNÍFICO. RÁDIO VIVE, ACIMA DE TUDO, DE IMAGINAÇÃO.





UMA TROCA DE PALAVRAS... E UMA BOFETADA!— TIPO ACABADO DA CENA DE CIUMES, OU A REPRODUÇÃO DE UMA QUESTIUNCULA DOMÉSTICA — QUEM SABE? MAS DE QUALQUER MODO, UMA CENA VIOLENTA. DESENTENDEM-SE — E ZÁS! OS CINCO DEDOS PERFUMADOS DA “ESTRELA” BATEM, VIOLENTOS, NA FACE DO GALÃ... ELA — ZEZE. ELE — DELORGES, O QUE FEZ O PROTAGONISTA DE “BONEQUINHA DE SEDA”. ASSIM OS OUVINTES IMAGINAM ESSA PASSAGEM CULMINANTE, ACOMPANHANDO O DESENNOLAR DOS CAPITULOS, DE LONGE, DE CASA...

MAS A BOFETADA VEM DO “CONTRA-REGRA”!— É ASSIM QUE A REFERIDA SEQUENCIA VEM A SER TRANSMITIDA PELO RÁDIO. ZEZE E DELORGES, QUIETOS, DE PAPEL EM PUNHO, VÃO REPLICANDO AS “FALAS” DA NOVELA. EM CHEGANDO O MOMENTO DA AGRESSÃO, O “CONTRA-REGRA”, QUE ESPERA A “DEIXA”, É QUEM BATE AS PALMAS DAS MÃOS, IMITANDO A BOFETADA. E DE TAL MODO “SINCRONISADA” COM O DIALOGO QUE, FÓRA DO ESTÚDIO, NINGUEM DEIXA DE TER A ILUSÃO DE ESTAR VENDO DELORGES RECEBENDO O “JUSTO” CASTIGO DA HEROINA DO ROMANCE...

Ondina:— Chorei sim, mas foi com medo que o titio me batesse.

Netinho:— Não foi... Você veio correndo, me abraçou, e...

Ondina:— (furiosa) Netinho!

Netinho:— (rindo) E me deu um grande beijo. Foi o momento mais delicioso de minha vida, Ondina.

Ondina:— Am?

Netinho:— Em cima daquela mesa existe um peso para papeis. Atire em minha cabeça. Depois você me dá um beijo e “trocaros de bem” outra vez.

Ondina:— Palhaço!

Netinho:— Dá o dedinho p’ra ficarmos de bem.

Ondina:— Bôbo!

Netinho:— Si não der eu dou-lhe um beijo...

cinar a novela. Está vencida a segunda etapa. A história seriada não mais ficará na gaveta à espera de alguém que a deseje patrocinar. Nada disso. Ela foi

vendida e dentro em breve estará no ar, no desempenho de um formidável “cast”, mas, antes disso... Sim. prepare-se o plano de propaganda. Um

redator especializado redige uma série de textos, que são lidos pelo “speaker” avisando aos ouvintes que...

— Não percam e partir do dia..., todas as segundas, quartas e sextas, às 19.30; e emocionante novela de Amaral Gurgel e desempenho de Zezé Fonseca, Delorges Caminha, Tereza Costa, Sadi Cabral, Tina Vita, Altivo Diniz, Lucia Delor e muitos outros, “O Passado não volta”, sob o patrocínio dos...

Enquanto pelo microfone é feita uma oitiva publicitária em torno da nova atração, pela imprensa é divulgada também a estréia da novela, o “cast” e alguns detalhes da mesma, o que influe de forma decisiva para o ouvinte, nos dias de audição, não se esquecer de ligar o receptor para 1180 quilociclos e aguardar o início do capítulo.

TODOS A POSTOS, SENHORES!— UTILIZAM-SE VARIOS MICROFONES PARA A IRRADIAÇÃO DE UM CAPITULO DA NOVELA. ELES SE ESPALHAM PELO ESTUDIO. UM PARA OS PROTAGONISTAS, OUTRO PARA O CONTROLADOR DE RUIDOS, UM TERCEIRO PARA OUTROS INTERPRETES E, QUANDO A PEÇA ASSIM DETERMINA, AINDA UM QUARTO OU QUINTO MICROFONE SE INSTALA. O ESPETÁCULO É CONTROLADO POR UM “RÉGISSEUR” QUE, À DISTANCIA, DÁ OS SINÁIS EVITANDO QUE OS PERSONAGENS FALEM A UM SO’ TEMPO. TUDO SE CONJUGA EM UM MESMO DIRETOR, MAS SUBDIVIDINDO-SE PELOS INTERPRETES E AUXILIARES.

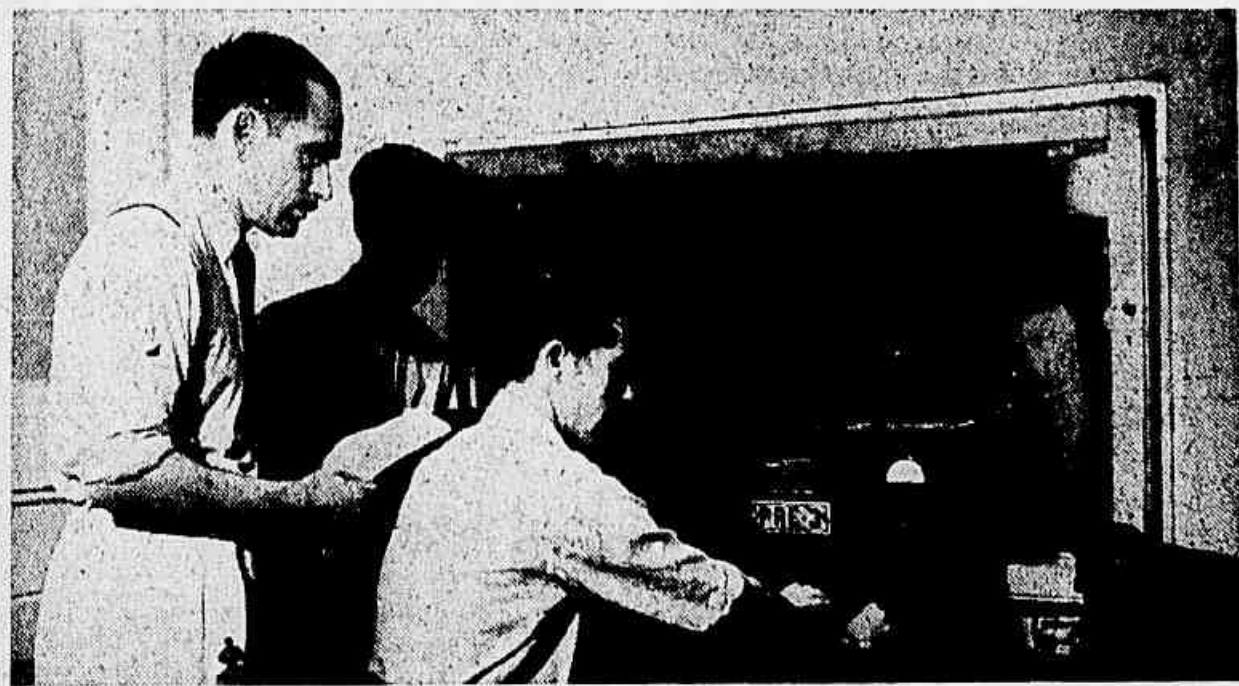


Finalmente o autor chega ao último capítulo, passando-o às mãos do corretor, o homem encarregado de vender os programas da estação. A ele cabe a tarefa de convencer o anunciante de que este ou aquele “broadcast” se presta ao seu produto, razão por que o procura. Às vezes, o dono do laboratório ou da perfumaria não está com o ligadão funcionando bem e dá-lhe o contra. O corretor, conhecendo todos os meios e modos de levar de vencida o fulano, retira-se, prometendo voltar no dia seguinte, o que de fato acontece. Trava-se nova batalha entre o anunciante e o agente de publicidade. Este alega ter esquecido a verba, enquanto aquele faz uma série de considerações, afirmando ser uma oportunidade boa, pois a novela é p’ra cabeça, o autor tem um grande público, a estação é a mais ouvida e léro-léro... e léro-léro... Ante o tremendo fogo de barragem do corretor, só existe uma solução. Patro-

Organizada a propaganda, Amaral Gurgel prepara a distribuição dos papeis. Tudo de acordo com o personagem que cada artista viverá. Lucia Dalor tem a seu cargo o papel de Dadá, uma criatura temerosa da idade que vai aumentando, enquanto Tereza Costa é a vovózinha querida, conselheira dos momentos difíceis e das horas amargas. A Zezé Fonseca cabe viver Ondina, a mulher que não chegou a realizar o seu desejo, casando-se com Netinho, cuja interpretação está a cargo de Delorges Caminha. Netinho é o marido de Bruna, jovem italiana, filha de um imigrante que fez fortuna, papel esse entregue a Tina Vita. A Sadi Cabral cabe viver o velho Antonio, pai do marido de Bruna, ao passo que Jesy Barbosa interpreta Maria, a creatura boníssima que acompanhará a vida dessa gente, o mesmo acontecendo a Aurora de Barros que marca o papel de Carmen.

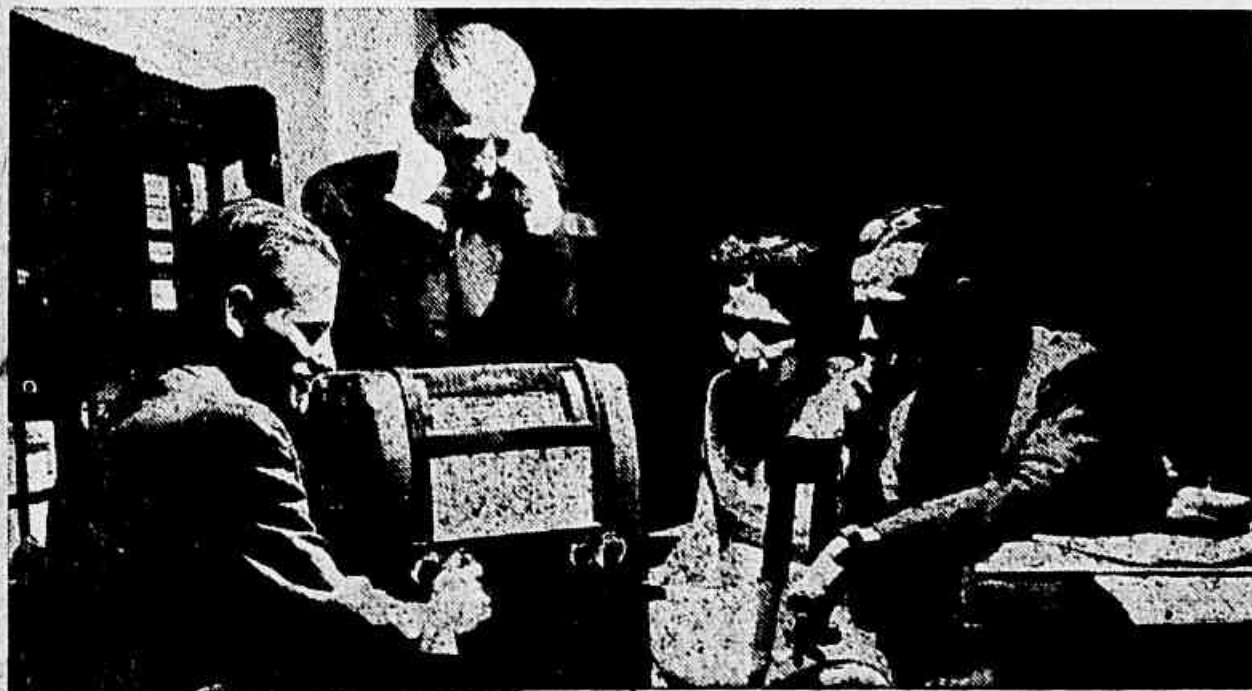


QUANDO EXISTIR TELEVISÃO... — NESSE DIA O RÁDIO-TEATRO, COM EFEITO VISUAL, TERÁ DE SER APRESENTADO COM INDUMENTARIAS A CARATER, OS ARTISTAS DEVIDAMENTE CARACTERISADOS, E TUDO A EXEMPLO DO QUE SE FAZ NO PALCO. MAS POR ENQUANTO, AQUI NO RIO OU EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, RÁDIO-TEATRO VIVE DO SOM. OS INTERPRETES NÃO GESTICULAM, NÃO CAMINHAM, NÃO JOGAM DEMASIADO COM A FISIOMIA. VEJAM SADI CABRAL, JESY BARBOSA E AURORA DE BAR COM A ATENÇÃO VOLTADA PARA O PAPEL. ELES SE INTEGRAM DE TAL MANEIRA NAS "FALAS" QUE FICAM POR COMPLETO ALHEIOS AO QUE OS CERCA.



DEPOIS O "CONTROLE" — O OPERADOR DESEMPENHA, NA OBSCURIDADE, UMA FUNÇÃO IMPORTANTE. SI NÃO ESTIVER ATENTO E DÊR AS "ENTRADAS" A TEMPO, O EFEITO DE UMA SITUAÇÃO PODERÁ SER INTEIRAMENTE PREJUDICADO. DE LADO, AMARAL GURGEL ACOMPANHA-LHE OS MENORES MOVIMENTOS.

FINALMENTE... "LA' EM CASA"! — REUNIDOS EM TORNO AO APARELHO RECEPTOR, A FAMÍLIA ESCUTA "MAIS UM CAPÍTULO"... QUANTA EMOÇÃO! OS PERSONAGENS SOFREM, VIBRAM, OU DESESPERAM-SE... E O OUVINTE SENTE AS REAÇÕES IMEDIATAS... QUE ACONTECERÁ NO PROXIMO CAPÍTULO?



além de Altivo Diniz, Hulda de Rezende, Graziela Ramalho e Luiz de Carvalho, também emprestando seus valiosos concursos à realização de "O Passado não volta".

Agora, é preciso mandar a peça à Censura, para que a mesma seja aprovada ou não, ou sofra algum corte. Um mensageiro da estação dirige-se ao DIP, levando o original e duas cópias da novela, devidamente seladas, afim de que o funcionário encarregado da censura leia e dê o vereditum final, que decidirá se a mesma poderá ou não ser interpretada ao microfone. Sendo favorável, é iniciada uma nova fase, entrando em ação o discotecário. Em geral o discotecário é um perfeito conhecedor de música, não se apegando para escolher e preparar a sonoplastia. Primeiramente ele escolhe o prefixo. Em "O Passado não volta" foi escolhido "Swanee River", de Stephen Foster. Depois são separadas as outras gravações que entrarão no transcurso da novela. Já nessa ocasião, o contra-regra estuda minuciosamente os efeitos especiais de ruídos, para que o ouvinte tenha a impressão exata da cena. No caso de uma bofetada, lá se acha o contra-regra preparado para bater u'a mão na outra, deixando através do microfone a sugestão de que a bofetada foi mesmo aplicada em grande estilo... Nesse caso, pobre do Delorges. Receber um "bife" da Zezé não deve ser coisa muito agradável...

Agora vamos ao ensaio do primeiro capítulo. Amaral Gurgel, em mangas de camisa, explica vários detalhes interessantes da peça. Prepara-se a turma para dar início ao ensaio. E' Zezé Fonseca a primeira a usar da palavra para dar começo ao diálogo:

— Si existisse outra Bruna, a outra seria eu. Sim, falemos claramente. Nós nos amamos. Mas o nosso amor é puro demêi para isso. Ninguém desce do céu para mergulhar o coração na lama. Eu renunciei. Bruna. E sinto-me feliz

assim. E' uma felicidade diferente, amarga demais, com muitas lágrimas. Mas como essas lágrimas me fazem bem. Como esse sofrimento consola! Eu não troco este sofrimento bom por um instante de felicidade roubada!

Prosegue o ensaio. Amaral Gurgel faz algumas ponderações, corrigindo falhas. Delorges Caminha, Tereza Costa, Tina Vita, Lucia Delor, enfim todos os interpretes da novela estão atentos à entrada enquanto o contra-regra também se encontra a postos, marcando as "entradas". E assim decorrem os preparativos para o dia em que a peça em apreço será apresentada ao público rádio-ouvinte. Discutem-se pormenores, apresentam-se sugestões, corrigem-se pequenos trechos. Tudo vai se desenrolando, tal como num filme de longa metragem, em que o assistente é obrigado a voltar na próxima semana...

Chegou a noite esperada. Os ponteiros avançam numa autentica marcha forçada. Todos estão a postos, aguardando a hora "H". O controle também está atento, observando o avanço dos ponteiros 19.28... 19.29... 19.30... Entra em ação o "pick-up", fazendo deslizar o disco sob a agulha, enchendo o ar de uma suave melodia...

— ...este prefixo assinala o início de mais uma novela de Amaral Gurgel "O PASSADO NÃO VOLTA" — anuncia a voz grave do speaker, dando começo à peça que durante algumas semanas serviu de preocupação para o escritor, para o corretor, para os artistas e para o "peérre".

Em casa, comodamente refastelado numa confortável poltrona, o ouvinte nem de leve imagina o trabalho que custou a elaboração e a irradiação desta novela, embora ele sofra a tragédia de Netinho, viva o drama de Bruna e acompanhe o sofrimento de Ondina... E assim se faz uma novela...



JOSÉ ANTONIO

LUCINHA nasceu fraca e minguada como Graziela, sua irmã gêmea. A mãe morria uma semana depois de tetano. Falava-se em descuido por parte do médico. Era uma cabocla de olhos grandes e rasgados como duas azeitonas pretas e cabelos negros e lisos até a cintura, brilhosos de óleo de côco. Zé Inácio tomara-se de desgosto, levando mais dias no mar do que costumava fazer antes, em vida da esposa. As mangabas amadureciam, a lua cheia desfolhava sobre a baía, e suspirava o vento entre as folhas dos coqueiros melodias de jangadeiros que se faziam ao mar — e Zé Inácio nunca que se alegraria mais. Um dia, morreu Graziela. Ficou Lucinha triste sem companhia, como a cabana solitária sem os cuidados de Maria e o jangadeiro sem o seu amor. A menina passou a viver com uma tia velha viúva, que morava numa casa caída de branco e coberta de sapê na curva da enseada. Dizia-se que era preciso Zé Inácio casar de novo. O povo tratou logo de arranjar uma candidata à sua mão. Isa, uma cabecinha loura e pele tostada de sol, filha de um pescador dali mesmo.

O coração de Zé Inácio sarou. O casebre com a porta e a janela abriam-se iluminadas a lamparina duas vezes por semana. Quando a cabana aparecia escura já se sabia: Zé Inácio estava para o mar. Isa fechava-se toda lá por dentro, sosinha e merencoria como uma sempre-viva sem sol.

O médico do Posto da praia diagnosticou paralisia infantil. Mas dava esperanças. Decorridos cinco anos de tratamento sério e metódico, poria Lucinha completamente boa. A menina não veio viver com a madrastra. Continuou na casa branca da enseada. Lembrou-se dela, em tardes serenas de verão, carregada nos braços da tia. Era tão mole, lembrava mais uma boneca desconjuntada. Trazia sempre na cabeça um laço de fita côr de rosa desarmado, as pontas esfiapando abertas desleixadamente sobre os cabelos lisos e desgraciosos. Mais dois anos, entretanto, já caminhava, embora tropeçando aqui e ali, tres, quatro metros, para abraçar-se logo à tia que a ficava chamando do outro lado: “—Apanhe uma conchinha, meu bem, e dê pra mim”. A paralisia passou deixando aquele corpinho fragil como uma pena, quase incapaz de manter-se em pé. Era triste, comovia até as lágrimas, em tardes placidas, vê-la recostada ao parapeito da janela da casa branca da enseada, esqueleticinha, os ombros quase furando o vestido fino de cambraia branca, olhando indefinidamente na direção da ultima linha entre o mar e o céu. Ali, assim, permaneceria por todo o tempo se a tia não a viesse chamar convidando-a a recolher-se. O sereno já começava a cair. A janela era fechada; mas do lado de dentro, pelas frestas, nas pontas dos pés minúsculos e nervosos, Lucinha arregalava os olhos encantados com a ciranda das meninas na areia alva da praia. “As veses, já deitada, com insônia, quedava-se ouvindo as alviças de um praieiro em terra a certa jangada que chegava do alto mar. Ficava depois girando com o dedo no ar por onde atravessava a retea clara que minava da lua pelo rasgão na coberta de sapê, lá em cima. A noite clara manava também aquela serenata de musica saudosa vinda do lado das mangabeiras. Flauta e violão. Havia uma que cantava com voz forte sustentando no fim em falsete: “Ela era linda!” A lua declinava no coqueiral e a antiga morria na curva da enseada. Uma lamparina de luz moribunda bruxoleava no quarto de Lucinha sobre um banco de tres pés. Ela dormia agora, embora a respiração, de quando em vez, fosse cortada por certa tosse seca e nervosa. O médico estivera lá em uma da-

SERENATA

Conto de GASTÃO DE ALENCAR

DESENHO DE JOSÉ ANTONIO

queas tardes, constatando que se tratava de bronquite. Uma noite ela teve febre alta e delirou. Durante o pesadelo, cantava com voz fraca e desafinada a modinha saudosa da serenata.

Ninguém tinha coragem de ir falar pessoalmente com Zé Inácio sobre aquele “xodó” de Isa com o americano da base. O jangadeiro podia muito bem não acreditar, tomando as dores pela mulher. Por fim, uma carta anônima foi que resolveu. Todo mundo ficou de olho nele afim de ver a reação. Olhava-o de longe, de braços para trás, barba crescida, dominado pela vergonha, nas suas raras saídas à praia quando ia visitar a filha doente na enseada. Os homens e as mulheres ficavam apostando de fora como em “briga de galo”: que ele ia entregar Isa aos pais, ou estava preparando uma emboscada para apanhar o americano de jeito. Poderia também assassinar Isa para depois matar-se.

A letra da carta fôra-lhe completamente estranha. Estava escrita a tinta roxa, sem data. Detalhava as façanhas de Isa com Mac durante os dias em que ele se ausentava de casa para a pescaria. O jeep riscava todas as noites na porta da cabana carregando os dois numa correria louca dentro das noites escuras com rumo ignorado. Falava-se até que ela já havia voado de avião sobre a praia. Algumas noites passava-as no casino da Base fumando, bebendo, dançando.

A carta acrescentava no fim que era um “amigo do peito” que lhe abria os olhos àquela perfídia e atentado à moral publica.

A serenata voltou com a Lua Cheia numa noite em que soprava do mar tenue neblina. Zé Inácio se achava também lá na casa branca da enseada. O caixão de Lucinha era azul enfeitado com alamares de prata. Vestiram-na de Santa Teresinha do menino Jesus. Uma hemoptise: levou para sempre deste mundo. As mulheres, pelos cantos, pediam licença para cantar benditos e tirar ladainhas, com jaculatorias. Comentavam, aos cochichos, os padecimentos da menina e o seu terror à morte.

Já às ultimas, abraçara-se à tia, tomada de terror, pedindo a esta para que acendesse a luz, dizendo que estava escuro. A lamparina, entretanto, conservava-se acêsa sobre o tamborête ao lado da cama. Chegaram o seu rosto mais para perto da luz afim de que ela sentisse que estava quente. O seu corpinho, entretanto, que só fôra em vida joguete de tantos sofrimentos, desconjuntava, agora de uma vez, para traz, frio de morte.

Naquela madrugada Zé Inácio surpreendeu os dois em flagrante dentro da sua propria casa. Regressara da pescaria um dia antes do que prevenira a Isa. Ele

só estava mesmo esperando por aquela oportunidade para tomar uma resolução definitiva. A porta da cabana achava-se fechada. Pelas frestas da janela escorria a claridade fraca da lamparina acesa lá no interior. Não se ouvia, entretanto, o rumor de viva alma. O jeep do americano, recuado da estrada, havia sido escondido ao lado sob o pé de malvão. Bateu palmas uma, duas, tres vezes. Ouviram-se passos fortes e apressados lá por dentro. Ninguém veio abrir a porta. Zé Inácio, sentindo-se traído, irado, apanhou a mão de pilão recostada à parede do lado de fora e com esta arrombou a porta da frente. Um vulto de homem escapuliu pela janela d's fundos embrenhando-se nas trevas da madrugada. Isa pediu perdão tres vezes sem ter sido atendida. E sob o pesado e certo golpe na nuca rolou ali mesmo na cama emaranhada nos lençóis em desalinho. O jeep já dobrava na curva da estrada quando o criminoso correu ao seu encalço. Aos gritos de “americanos dos diabos”, os vizinhos acordaram e vieram ver o que tinha acontecido. Ninguém mais deu notícias de Zé Inácio.

Pouca gente por ali soube porque Lucinha morreu de hemoptise. Durante o ultimo delirio que teve poucas horas antes de morrer ela mesma revelara. Falava repetidamente na serenata dizendo que “ela era linda”. A neblina caía sobre o mar naquela madrugada com a luz baça da lua. Na praia varria o vento que trazia arpejos de violão e flauta. A tia de Lucinha dormia a sono solto. A menina que, ultimamente, experimentava sensível melhora, convalescia daquela ultima crise forte da bronquite. O medico do Posto, na ultima visita à doente, aconselhara muito repouso e que ela evitasse o sereno, pois aquelas noites eram frigidissimas, caindo, lá fóra, densa cerração sobre o mar encapelado. As ondas fortes chegavam até ao coqueiral enguiçando as dunas. Os dois canhões que lá repousavam sobre a parede de cimento estavam lavados.

Sentara-se na cama, levando a mão direita ao ouvido, fazendo menção de escutar. A voz do serenateiro mexia por dentro dela com certa sensação estranha que nunca sentira antes. Como poderia mesmo ser ele...?

Levantara-se de mansinho, pé ante pé. Ao abrir a porta da saída sentira o rapido e malefico efeito que fizera aquela onda fria ao seu corpo morno apenas vestido na camisola de dormir. O vento no caminho, até as mangabeiras, assobiava zombando do esforço em vão que fazia para reter aquela vestimenta fragil deixando-a parcialmente despida. Na gruta a noite fazia outras sombras alem da sua. Descobrira os tres homens em baixo de uma arvore de folhagem densa acorados em circulo. Em dado momento, o que cantava deitou-se no chão, com o peito para cima, apoiando a cabeça sobre um velho tronco de coqueiro. Com encantamento e emoção Lucinha descobriu aquele rosto bronzeado iluminado de cheio por uma retea prateada da lua.

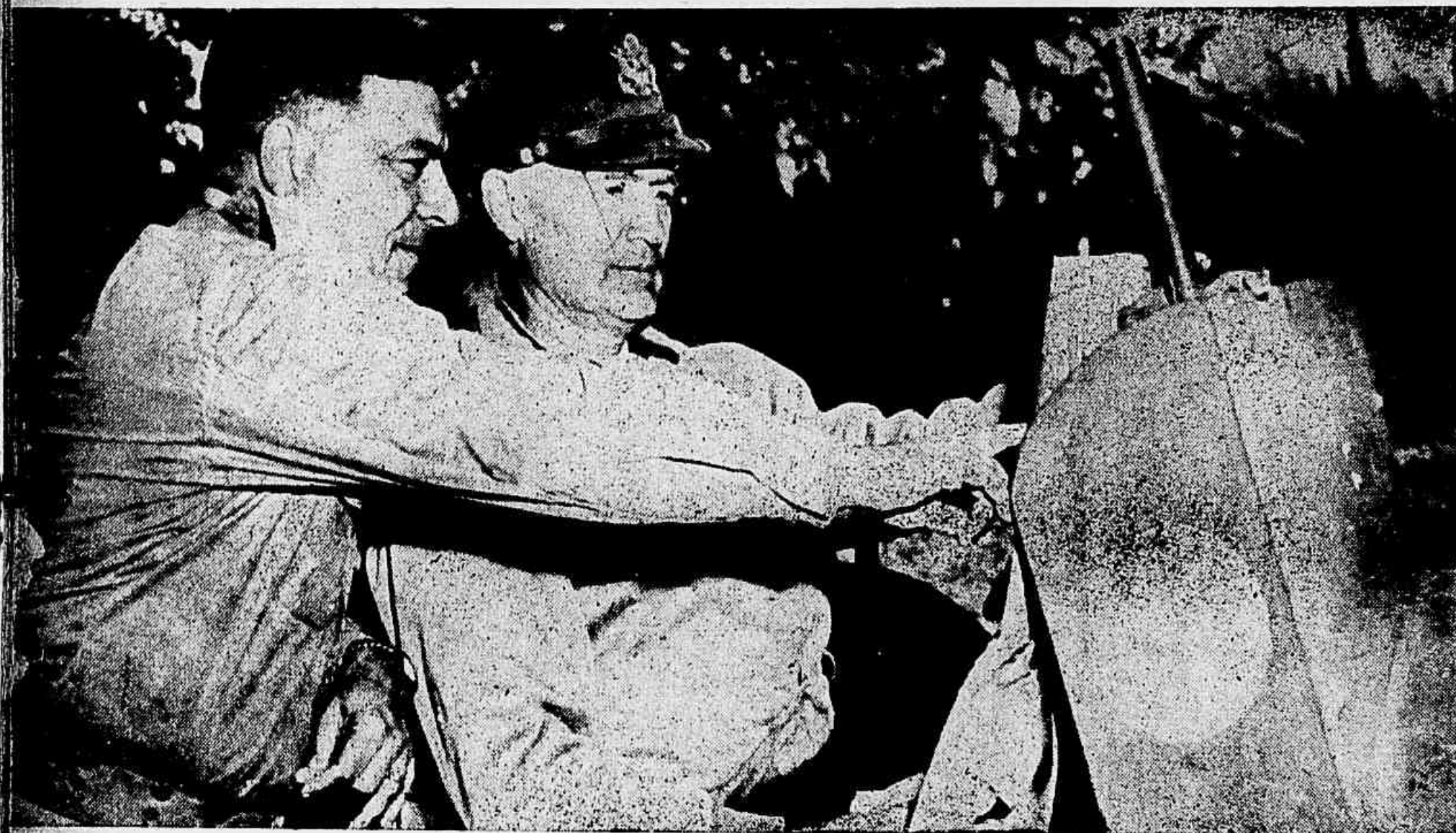
A policia ainda estava diligenciando por toda a orla da praia e no interior da mata procurando Zé Inácio que desaparecera. Uma semana já decorrera após a tragedia quando, certa manhã, muito cedo, uma jangada veio ter sosinha aos arrecifes da baía.

E para o sol que nascia, clareando a ultima linha entre o mar e o céu infinito o avião de Mac se dirigia abrindo as duas azas brilhantes em rumo seguro. O vento ondulando nas dunas ciciava entre saudosos arpejos: “ela era linda, ela era linda!”

A GUERRA EM MARCHA



GENERAIS BRASILEIROS EM AÇÃO — OS PRELIMINARES DE QUALQUER OFENSIVA CONSTITUEM UM TRABALHO ESTAFANTE PARA OS CHEFES QUE ESTUDAM MINUCIOSAMENTE OS PLANOS DE OPERAÇÕES ANTES DE TRANSPORTAREM PARA O TERRENO O PESSOAL E MATERIAL DAS TROPAS SOB SEU COMANDO. AQUI VEMOS OS GENERAIS ZENOBIO DA COSTA E CORDEIRO DE FARIA, EM COMPANHIA DE OFICIAIS DE SEU ESTADO-MAIOR EXAMINANDO UM MAPA DA ZONA DE GUERRA ONDE SE ENCONTRAM COMBATENDO OS SOLDADOS BRASILEIROS.



OPERAÇÕES COORDENADAS. — DURANTE UM COMBATE A HEROICA TROPA BRASILEIRA EM PERFEITA COORDENAÇÃO COM NOSSOS BRAVOS ALIADOS, OS AMERICANOS, AVANÇA PARA OS OBJETIVOS DETERMINADOS PREVIAMENTE ARROSTANDO AS PERIGOSAS EMBOSCADAS DOS NAZISTAS. PROXIMO DA LINHA DE FRENTE ACOMPANHA A PROGRESSÃO DAS TROPAS O BRAVO GENERAL ZENOBIO DA COSTA EM COMPANHIA DE UM GENERAL AMERICANO, ASSINALANDO NO MAPA DAS OPERAÇÕES AS POSIÇÕES QUE VÃO SENDO CONQUISTADAS AO INIMIGO TENAZ.



PREPARA-SE A F. A. B. PARA BOMBARDEAR POSIÇÕES NAZISTAS — A LEITURA DOS DESPACHOS TELEGRÁFICOS PROVENIENTES DA FRENTE DE COMBATE, DANDO CONTA DE QUE FORAM BOMBARDEADAS CIDADES E OBJETIVOS MILITARES DO INIMIGO, NÃO DÁ A MAIS PALIDA IDÉIA DOS MINUCIOSOS ESTUDOS QUE PRECEDEM A ESSAS OPERAÇÕES OFENSIVAS. VEMOS AQUI OS HEROICOS AVIADORES BRASILEIROS LOCALIZANDO NO MAPA OS OBJETIVOS QUE CONSTITUEM SUA MISSÃO AO MESMO TEMPO QUE ESTUDAM AS ROTAS DE VÔO A SEREM PERCORRIDAS.

POR meio de habil manobra de envolvimento e flaqueio, as tropas de Eisenhower, conjugadas à ofensiva do 1.º Exército Francês, de De Gaulle, conseguiram forçar os alemães a abandonarem posições chaves na Alsacia e Lorena. Os franceses irromperam pela brecha de Belfort seguindo a direção do Reno e Mulhouse também foi tomada pelas forças de De Gaulle.

O avanço do sétimo Exército para Blamont e Corcieux completa a manobra de envolvimento que força aos alemães o abandono da Alsacia e retirada completa para o interior do Reich.

O exército de Patton enfrenta séria resistência ao longo e ao sul da fronteira de Luxemburgo.

A ligação estabelecida entre o 2.º Exército Britânico e o 9.º Exército Americano, assim como a deste com o 1.º Exército também americano, veio aumentar as dificuldades dos alemães que recuam continuamente ou são envolvidos e aniquilados.

Si a ofensiva conjugada destes exércitos, puder manter o ritmo das operações já encetadas, não causará surpresa o aniquilamento da resistência alemã na frente ocidental. A esperança maior dos nazistas repousa na possibilidade de refazerem as suas desgastadas divisões e organizar um exército de manobras para fazer frente à ofensiva da primavera vindoura.

Essa possibilidade aumentaria de muito o custo da guerra, porque os aliados terão nessa hipótese, muito maior gasto de vidas e de material e em condições menos favoráveis as que atualmente enfrentam.

A rapidez e possibilidade de conseguirem continuar a ofensiva em pleno inverno é de importância vital para determinar a duração da luta na Europa.

Os russos, especialistas que são em ofensivas de inverno, preparam o desencadeamento de uma ofensiva que lhes dará o domínio completo dos países bálticos e provavelmente da Prússia Oriental.

As ofensivas na frente ocidental e oriental se mantidas em sincronismo podem acarretar a *debacle* da Alemanha antes de terminar o ano de 1944, por que os nazistas não podem fazer frente às duas ofensivas conjugadas no momento presente.

Eles precisam deste inverno para refazer os seus exércitos de manobra e procurarão manter as posições preestabelecidas com toda a determinação.

As próximas semanas darão cabal solução a essa incognita.

Na frente do Pacífico as operações de grande envergadura que devem ter lugar após a consolidação da conquista das ilhas de Samar e Leyte ainda não mostram o rumo que tomarão. Percebe-se, facilmente, que Mac Arthur tem varias direções de ataque à sua disposição dependendo quase exclusivamente a escolha, dos meios que disponha para essas ofensivas em perspectiva. De qualquer forma, é evidente que a preliminar destas ofensivas será a tomada de Luçon, afim de preparar a base necessaria ao reabastecimento e ao apoio aereo indispensavel a qualquer operação anfibia de grande envergadura. Uma ofensiva em direção ao litoral chinês é bastante atraente, porque estrangularia as linhas de abastecimento japonesas da Birmania e Indias Holandesas e facultaria aos chineses devidamente armados a expulsarem, eles mesmos, os japoneses do continente asiatico, e facultaria a criação de bases em numero suficiente e proximas do territorio metropolitano Japones.

Estamos em vespas de acontecimentos de grande alcance para o desenrolar da luta no Pacífico e a terminação do oleoduto de Calcutá à China, dado a publicidade nestes ultimos dias, poderá constituir o ponto inicial da derrota proxima do Japão.



BRASILEIROS EM AÇÃO EM TERRA E NO AR — AO ALTO, VEMOS SOLDADOS BRASILEIROS, OCUPANTES DE UM jeep, QUE NUMA DEMONSTRAÇÃO DE QUANTO PODE A UNIÃO NA CONQUISTA DA VITÓRIA ESCOLHERAM PARA DÍSTICO DESTA COOPERAÇÃO A LEGENDA SUGESTIVA: UNIDOS VENCEREMOS. — OBERVE-SE A FISIONOMIA DE CADA UM DESSES BRAVOS E EM TODAS É VISÍVEL O BRILHO DA MESMA DETERMINAÇÃO QUE OS LEVOU A LUTAR NOS CAMPOS DE BATALHA DA EUROPA AO LADO DE NOSSOS ALIADOS. EM BAIXO: — VÁRIOS SÃO OS DESPACHOS TELEGRÁFICOS QUE NOS TRAZEM NOTÍCIAS DA AÇÃO QUE VÃO DESENVOLVENDO NOS CÉUS DA EUROPA OS NOSSOS BRAVOS AVIADORES, E A F. A. B. JÁ INCLUIU NO SEU PANTEON DE GLÓRIA VÁRIOS DESSES HERÓIS ABATIDOS NO CUMPRIMENTO DO SAGRADO DEVER DE MORRER PELA PÁTRIA. VEMOS AQUI COMPONENTES DA ESQUADRILHA DE CAÇA DA F. A. B. NO MOMENTO QUE SE APRESTAVAM PARA DAR CUMPRIMENTO À MISSÃO RECEBIDA, A DE REALIZAREM UMA INCURSION SOBRE AS LINHAS INIMIGAS.





A O ALTO, À ESQUERDA: — Um dos trabalhos de Eliana Banderet, conhecida pintora chilena, que vem de inaugurar no Instituto dos Arquitetos do Brasil, sua mostra de quadros, bastante apreciados pela crítica. São expostos cerca de cinquenta trabalhos, entre os quais vários aspectos de Ouro Preto. — À direita: Pintura a "gouache" sobre sôda preta, interessante trabalho da snra. Anita Orientar, que recentemente levou a efeito uma exposição no Palace Hotel. Ali ofereceu aos visitantes uma novidade, que denominou "impressões chinesas": são pássaros e flores em "gouache", desta vez enriquecidos com motivos do Brasil.

ARTES PLASTICAS

Anita Orientar nasceu na Bahia e foi criada na Europa, onde se formou científica e artisticamente, sob a influência da escola francesa, conseguindo impôr-se como retratista e paisagista pelo "seu desempenho seguro e largo, seu colorido delicado e expressivo, sua visão ao mesmo tempo objetiva e pessoal, sua interpretação penetrante" palavras de autorizado crítico europeu.

EM BAIXO: — "Ponta do Mercador — Barcos" Medalha de Bronze do Salão de Belas Artes, de 1944, exposto pelo mais jovem marinista patricio, S. Pinto.



NICOLAU GLAIVE

OU

CANHENHO DUM CANDIDATO

25 de março — Esta manhã encontrei na minha correspondência a carta seguinte:

"Sr. Nicolau Glaive, fabricante de ventoinhas de arte. Paris — Um grupo de eleitores independentes, do distrito de Montsouris — Sud, com perfeito conhecimento do seu passado de integridade e de retidão, bem como das suas escatrecidas e leais idéias republicanas, resolveu convidá-lo a apresentar a sua candidatura às próximas eleições legislativas. Como o senhor não deve ignorar, o nosso distrito está cansado, e com toda a razão, das violências de linguagem e excentricidades do nosso deputado, o radical Triquet. Além disso, precisamos de evitar a vitória do candidato moderado e reacionário, sr. Ajax de Téliamon. E entre as duas correntes extremas, pode-se obter considerável maioria de votos.

Vou ter a honra, meu caro senhor, de o visitar para receber a sua resposta que — não tenho nisso a menor dúvida — será afirmativa.

Tenciono procurá-lo amanhã de manhã entre nove e onze horas. — (a) Henrique Prenant, chefe da agência de comissões Raubert — Prenant, fundada em 1912".

Satisfeito, no fundo, por se haverem lembrado da minha pessoa para tão elevado mandato e também por verificar como são notórias as minhas convicções políticas, não hesitei absolutamente em aceitar a proposta do Sr. H. Prenant. Deputado nos quarenta e dois anos, poderei dizer com a maior naturalidade deste mundo, aos conhecidos que encontrar pelo caminho:

— Vou à Câmara...

Ao mesmo tempo, esmagarei com a generosidade do meu perdão dois indivíduos: um guarda civil e um adjunto de comissário que certo dia me trataram sem a devida consideração. Viarei de graça nas estradas de ferro do Estado; e quando, no trem de subúrbios que tomo diariamente, o funcionário me vier pedir a passagem responder-lhe-ei com uma única palavra:

— Deputado.

26 de março. — Recebi a visita de Henrique Prenant. A minha primeira impressão — que, como sempre, deve ser a mais exata — foi que se tratava dum homem de ação e de púso. Ele mesmo me disse:

— Aqui onde me vê, sou de púso!

E' um sujeito baixote, gorducho, de bigode curto e barbicha, olhos esperfissimos e toco energia. Conheço o distrito de Montsouris-Sud como a palma da sua mão — não, diga-se de passagem, bastante cabeluda. Sobre política em geral emite opiniões que me parecem verdadeiramente proféticas. Chegámos à questão dinheiro.

— E' uma eleição... decidiu-se — que não lhe ficará barata. Isto é para lhe fazer com toda a franqueza...

Essas palavras não deixaram de me assustar... Logo depois pôde-me-me disse: quanta exata: oito mil francos; e achei-a razoável.

Ao retirar-se Prenant apertou-me afetuosamente a mão.

29 de março. — Aberto o período eleitoral, a primeira coisa que se fez, de tomar posição e impor o meu nome ao espírito dos leitores, foi mandar colar em certas paredes e certos andaimes cartazes de largas dimensões e tanto quanto possível vistosos.

Saí esta manhã com minha mulher, para vermos esses recamos. Caminhávamos com certa timidez, quase corando, como se fossemos práticos numa ação má — ou superiormente louca. Encontramos numerosos cartazes de Triquet e de Téliamon. Finalmente, numa faixa côr de

laranja e maior que as outras, deparou-se-nos o meu nome em caracteres tão estentosos que tive dificuldade em o reconhecer: Nicolau Glaive, *industri*, *cardito*, *republicano*. Contámos se's desses cartazes... De certo haverá muitos, mais, noutras ruas por onde não passamos — pois me disseram que seriam afixados, esta manhã, nada menos de dois mil e quinhentos...

30 de março. — Redigi hoje, de colaboração com Prenant, a minha circular aos eleitores. Pronunciei-me nitida, categoricamente sobre o privilégio do Banco de França, a eleição dos juizes e o preço do gás. Declarei-me inimigo de monopólios e açambarcamentos, e partidário duma política de moderação e progresso. Externei o desejo de ver a França unida dentro das suas fronteiras e respeitada no estrangeiro. Dirigi veemente apelo a todas as pessoas de bem. Quanto à questão do proteccionismo e do livre-comércio, adotei certos termos um tanto vagos, conforme conselho de Prenant e, em verdade, de acordo com as minhas mais puras convicções.

A conferência durou até dez da noite. Depois que Prenant se retirou levando o meu manuscrito para a tipografia, fui ver no dicionário certos vocábulos introduzidos naquela profissão de fé, afim de estar preparado para quaisquer perguntas que me fossem dirigidas nas reuniões eleitorais.

2 de abril. — Acabou de voltar duma reunião promovida pelo diretório do meu partido e efetuada na sala de festas do Restaurante Didier. Augural da sala: trezentos francos, incluída a iluminação. Havia á porta uma fiscalização severa para só entrarem os eleitores munidos de cartão. Entraram cinquenta e dois, que contei durante o discurso do presidente (professor de ortografia fonética).

— O senhor está vendo aqui... fez-me notar Prenant — a lista dos eleitores influentes de Montsouris Sud. Tenha cuidado — acrescentou em voz baixa — porque muitos desses são favoráveis a Triquet e outros são reacionários que vieram ver se o apanhavam em algum erro ou descuido.

Não foi sem certa emoção que expuz o meu programa. Ao que, porém, me afirmaram depois, obtive um êxito de primeira ordem.

Terminada a minha exposição, levantou-se um dos assistentes e perguntou se eu votaria a favor da manutenção do tratado de 1885 com a Suécia. A um sinal de Prenant respondi, com toda a firmeza, que sim.

Muito bem replica o interpellador. Essa atitude é tanto mais louvável quanto é certo que o referido tratado só existe na minha imaginação.

Prenant verbera os gracejadores de mau gosto que se insinuam nas assembleias mais conspicuas, com o único fito de as perturbar. Amigos nossos fazem sair do recinto o perturbador. E a ordem do dia proposta em meu favor é aprovada por unanimidade.

Vinte e tantos eleitores que se haviam salientado pelo entusiasmo acompanharam-nos ao diretório e a mim sem

serem convidados a beber cerveja no botequim mais próximo...

3 de abril. — Leio em dois jornais: "Ontem á noite na sala do Restaurante Didier, oitocentos eleitores, depois de ouvirem as declarações francamente republicanas do cidadão Nicolau Glaive aclamaram a sua candidatura".

4 de abril. — No dizer de Prenant, que ontem jantou comigo, os meus dois adversários estão empregando, nas respectivas campanhas eleitorais, os processos mais audaciosos e desonestos. Triquet tem dois homens especialmente para recrutar os barbeiros. A pretexto de barba, penteado ou fricção andam pelos salões do distrito catequizando patrões, empregados e clientela. Prenant viu, hoje de manhã, um desses homens sair duma barbearia, esbanjando de fresco com o cabelo lustroso, riscado ao lado, irrepreensível. E que fez ele? Entrou no primeiro portal desmanhou o penteado e, de novo na rua, dirigiu-se á barbearia imediata.

Pelo seu lado, Ajax de Téliamon se serve de expedientes como este: Alia todas as manhas uma criada de servir a quem paga largamente para que percorra as lojas suas fornecedoras e todos os estabelecimentos conhecidos contendo maravilhas da sua conduta moderna de chefe de família, dos seus sentimentos religiosos, da sua generosidade e carinho para com os enfermos e necessitados, etc; etc; E para confirmar esta última virtude, o mesmo Téliamon manda postar em certos lugares mendigos e estropiados, a quem distribue esmolas bem visivelmente, mas representando a comédia da discrição.

— Escute... diz-me de repente Prenant — por que não ha de o senhor ter na rua uma parelha desenfreada? Escolha-se um lugar adequado á hora em que os operários saem do trabalho; arranjava-se um cocheiro habil, dois cavalos pouco fogosos...

Não deixo Prenant continuar. Prefiro outros métodos de propaganda, como, por exemplo, uma afirmação mais intensa das minhas idéias progressistas ou o recrutamento sistemático dos garçons de café...

5 de abril. — O meu manifesto foi reproduzido em enorme cartaz, com o apoio de trinta e cinco eleitores: meus fornecedores; dois empregados meus que moram aqui no bairro; Prenant e o seu pessoal. Já despendi seis mil e oi-

tocentos francos; mas agora, dizem-me, pouco mais terei que gastar.

6 de abril. — Os jornais políticos do distrito tem sido bastante amáveis comigo. No n. 7 de *Eleitor de 22.º Distrito*, fundado há oito anos, e que ataca rijamente Téliamon, chamam-me "o distinto Sr. Glaive". O *Guiz de Montsouris-Sud*, que combate Triquet, nada disse ainda a meu respeito.

7 de abril. — Ao cabo de alguns dias de relativa calma, sofre um ataque formidável. Prenant procura-me logo de manhã; vem com um ar preocupado, meio assustado:

— Estão preparando contra o senhor uma terrível campanha de difamação.

Que diabo poderão dizer de mim? Levo a existência mais preta e mais escrupulosa. Não pratico o menor ato que possa redundar em meu desbom...

Diante destas razões, Prenant fica relativamente calmo, mas sai com afisionomia ainda bastante apreensiva.

Às seis da tarde vim pelo meu escritório, agitado como sempre diante de mim, de olhos bem fitos nos meus e pergunto:

— O senhor esteve o ano passado em Bonface-les-Bains?

Estranhando aqueles modos, respondi: — E' verdade. E então?

— Então, estamos bem arranjados! gemeu ele, deixando-se cair numa poltrona. E, depois de curta pausa, ainda mais tragicamente: — Estamos fritos!

Intimei-o a explicar-se. Levantou-se dum salto:

— Afirma-se que o senhor foi surpreendido, em Bonface-les-Bains, fazendo trapaga ao jogo!

E tornou a deixar-se cair, aniquilado na poltrona.

No primeiro momento senti uma espécie de sufocação; mas logo reagi, fiquei senhor de mim:

— Ora que tolice! Entrei uma única vez, por simples curiosidade, no salão de jogo. E nunca peguei numa carta!

— Mas eles tem testemunhas... insistiu Prenant, quase sem voz. — Pessoal seu, naturalmente. Até um sujeito da alta sociedade, um tal senhor de Saint-Théophile.

— Não conheço absolutamente.

— Possuem até uma prova escrita.

— Como assim?

— A prova escrita de que o senhor esteve, o ano passado, em Bonface-les-Bains.

— Mas eu não penso em negar...

— Naturalmente! atalhou Prenant. — Nem pode. Não ha dúvida, estamos bem arranjados!

Continua na pág. 41.



Conto de
TRISTAN BERNARD



SENHORINHA MARIA DE LOURDES GARCIA, QUE TERMINOU COM MUITO BRILHANTISMO O CURSO DE PROFESSORA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO.



POR MOTIVO DO RESTABELECIMENTO DO MAJOR AMILCAR DUTRA DE MENEZES, DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA, FOI CELEBRADA MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS. O FLAGRANTE BATIDO MOSTRA-NOS UM ASPECTO TOMADO QUANDO S.S. RECEBIA OS CUMPRIMENTOS DE AMIGOS E AUTORIDADES.

FIGURAS E FATOS

20

JEANNE MARIE, GALANTE FILHINHA DO CASAL DR. GEORGE JARDIM E SRA. NAIR FIDALGO JARDIM, DA SOCIEDADE DE UBERABA, ESTADO DE MINAS.



BEATRIZ E LIRIAM, DUAS GRACIOSAS FILHINHAS DO DISTINTO CASAL RAUL JARDIM E SRA. NICE P. JARDIM, DA ALTA SOCIEDADE DE UBERABA, ESTADO DE MINAS.



A SOCIEDADE DE CUBA HOMENAGEIA O BRASIL — Havana, Novembro (Especial para A REVISTA DA SEMANA, via aérea) — Na sua magnífica residência em Repasto Kohly, o capitalista Jesus Azqueta e senhora ofereceram à Embaixada Especial do Brasil a posse do sr. Ramon Grau San Martin, novo presidente de Cuba, uma recepção a que estiveram presentes as mais altas autoridades do país e figuras de relevo nos meios sociais.

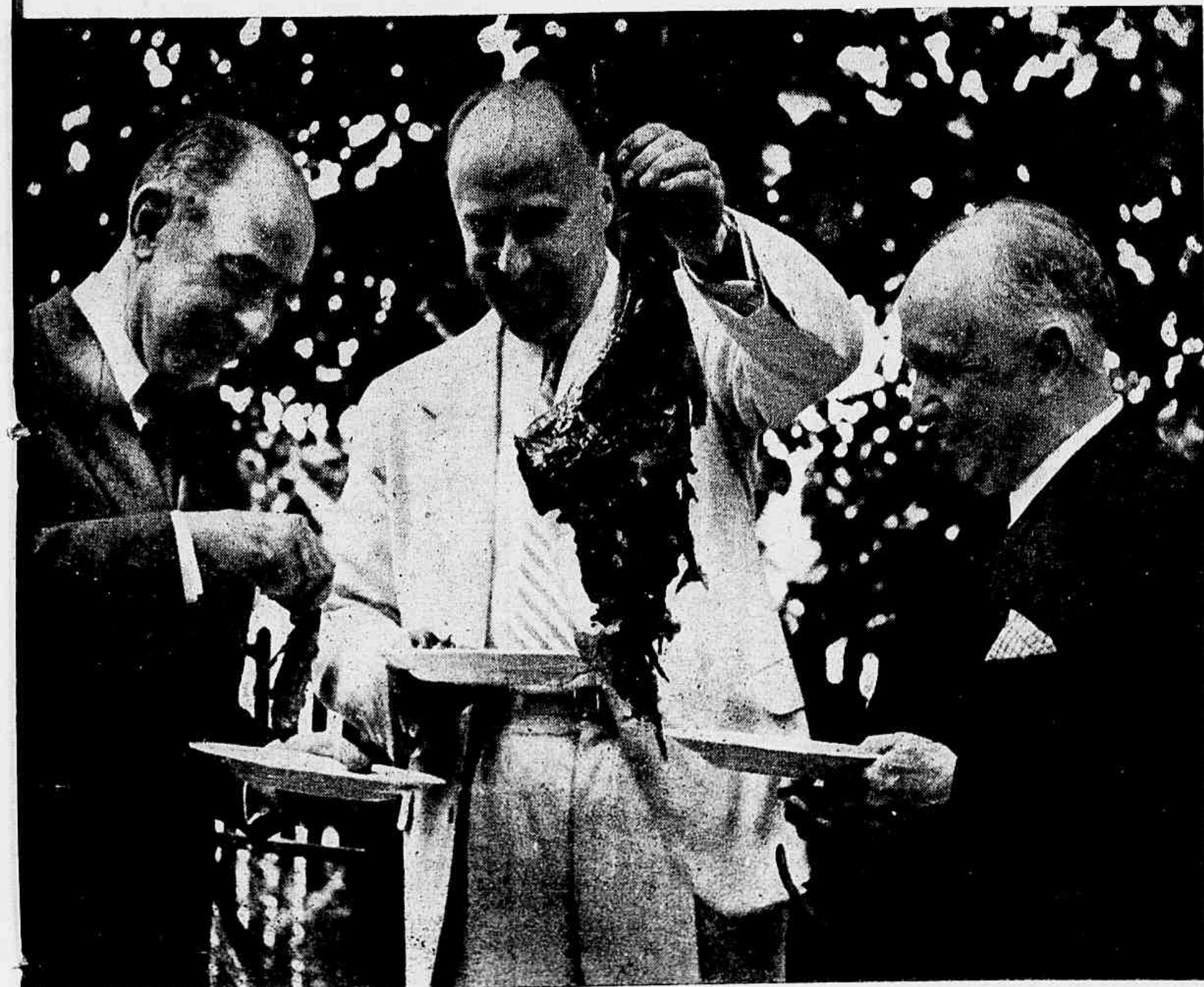
O general Firmo Freire do Nascimento, chefe do Gabinete Militar da Presidencia da República, e senhora e os demais membros da missão foram alvo da mais vivas demonstrações de apreço. A linda festa foi, sem dúvida, uma legítima homenagem da sociedade de Havana ao Brasil. A mesa principal do "bufet" apresentou em flores uma bandeira do Brasil.

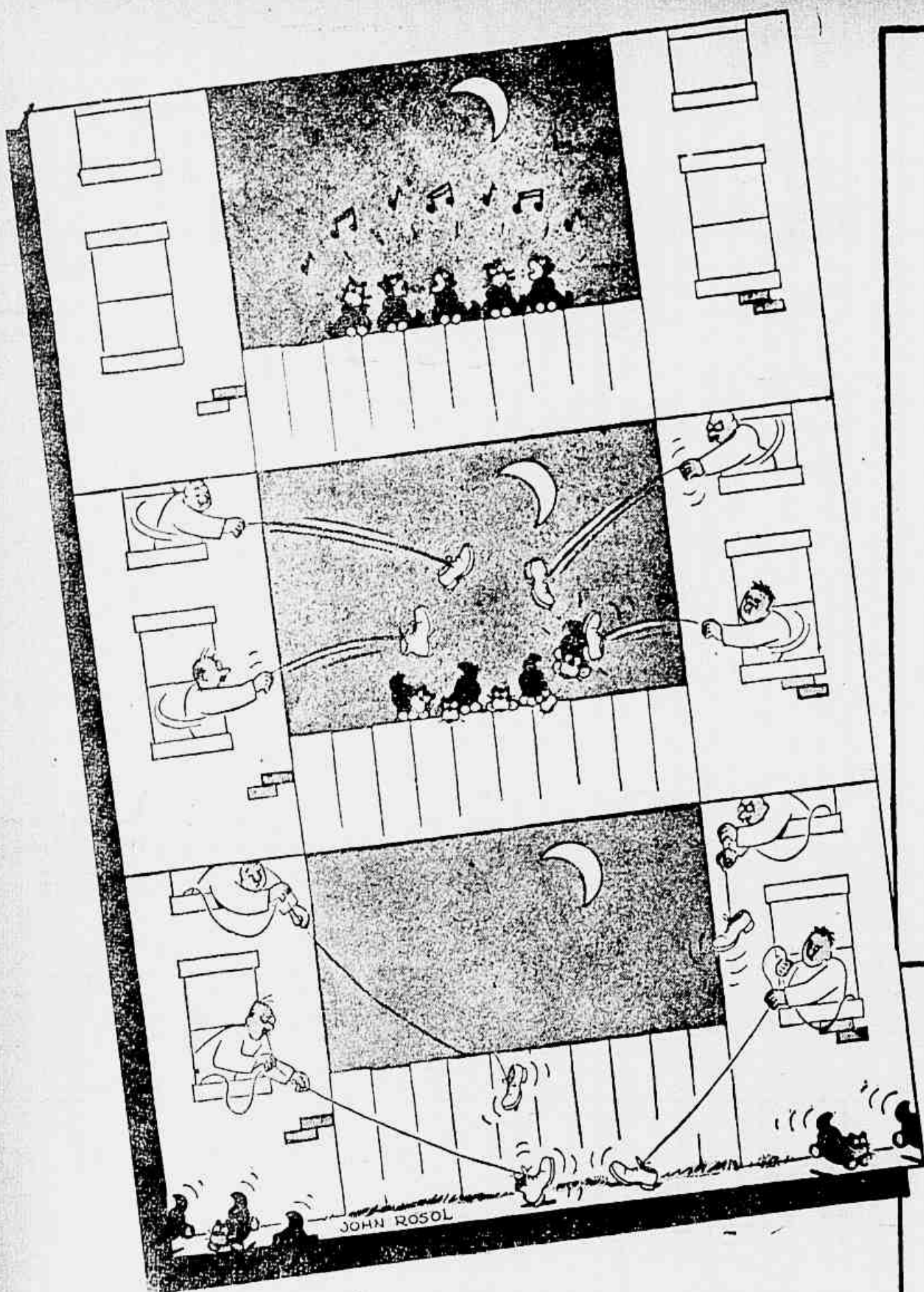
As fotografias que ilustram este texto foram tomadas durante essa linda reunião.

UM CHURRASCO À MODA SUL-AMERICANA EM ESTOCOLMO, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DO BRASIL NA SUÉCIA, DR. SEBASTIÃO SAMPAIO, QUE SE VÊ À DIREITA, NA GRAVURA ABAIXO.

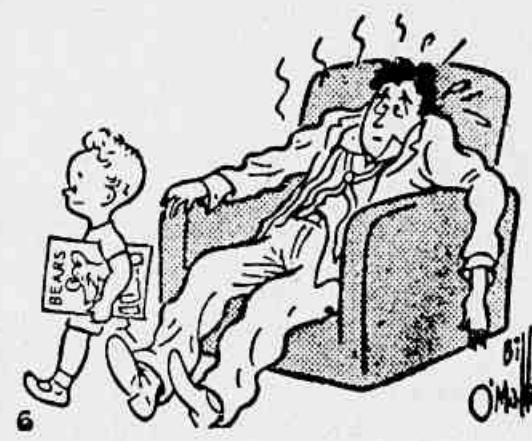
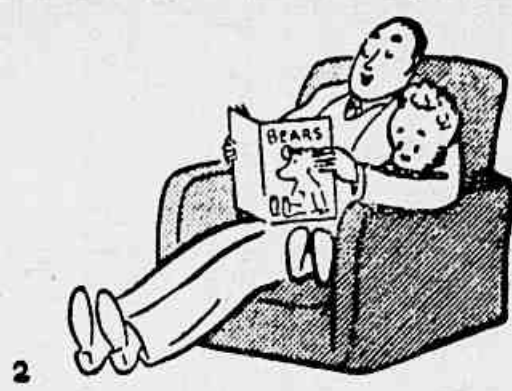


ENLACE FLORIPES TURANO — ANTONIO DOS SANTOS PINHO — Os noivos no dia do seu enlace, realizado na Igreja de São José, nesta capital. Serviram de padrinhos, no civil: o sr. Serafim Turano, sra. Yeda Sayão Turano, sr. Alvaro dos Santos Pinho e srta. Isaura dos Santos Pinho; no religioso: sr. Emilio Turano, sra. Margarida Caruso Turano, sr. João José de Pinho e srta. Isaura Pinho.





DE BOM HUMOR



— Como está, Sr. José... Bom dia, Sr. Mendes... A'ô, senhor tá E ois... Como vai Sr. Fonseca...



Esta é um amorzinho, senhores. A ponta contém um explosivo devastador, a seção do centro um gás mortal e a cauda conduz folhetos de propaganda para os sobreviventes.

Quem seria a estranha milionária, com um nome chinês?

Madame Chang

(Novela de *Marius Stettinius*)

Não tinha o hábito de falar com rapazes estranhos na rua, mas aquele jovem não parecia um audacioso vulgar. Vendo-a passar, cega a tudo o que a rodeava, quase atropelada por um carro cujo chauffeur ber-rara alguns insultos devido à sua falta de cuidado, ele a segurara pelo braço e a ajudara a atravessar a rua. Chegados à outra calçada, ele disse:

— Pronto!

E ela, sem prestar bem atenção a ele, sem mesmo perceber, perfeitamente, o favor que ele lhe tinha feito, respondeu, mais maquinalmente do que com gratidão:

— Obrigada.

Ele ia afastar-se, mas mudou de ideia. — Escute aqui!

Ela voltou-se, surpreendida. Pela primeira vez observou com atenção o seu

rosto. Era um rapaz simpático, com olhos azues e cabelos muito louros...

— Que deseja?

— Senhorita... Não pude deixar de notar que...

— Que há, cavalheiro?

— Se vai se suicidar, não o faça. Desista.

Ela ficou surpreendida, mas aquela sua estranha capacidade para ver o lado cômico das coisas fez com que esquecesse, por um momento, as suas preocupações, e dissesse brincando:

— Será que toda a mulher, com ar preocupado, que o senhor encontra lhe desperta esse louvável desejo de impedir que se suicide?

— Não brinque. Eu notei, pela ex-

pressão de seu rosto, que a vida não tem o menor valor para a senhora...

— De fato.

— Nesse caso, eu tinha razão. Não se suicide...

— Obrigada pelo conselho.

Estavam os dois, de pé, no meio da calçada. Transeuntes apressados olhavam, de relance, para aquele par, conversando com tanta seriedade, e sorriam. Deveriam ser, com certeza, dois namorados, discutindo. Um senhor romântico até imaginou uma história romanesca a respeito daqueles dois e, por consequência, quase foi atropelado. Novos impropérios partiram de um automobilista irritado. Isso fez com que os dois percebessem que estavam de pé, conversando, no meio de uma rua muito movimentada.

Ele propoz:

— Vou almoçar agora num restaurant aqui perto. Venha comigo. Depois desse almoço, nos separaremos. Talvez nunca mais nos vejamos. Quero ter a certeza de que, pelo menos, fiz tudo para dissuadi-la.

Ela olhou para ele indecisa. Aceitaria? Por que não? Por que virar as costas, no mesmo instante em que se apresentara na sua vida, na pessoa daquele rapaz, uma aventura sem perigo, para variar?

— Vamos.

— Isso já indica que você não está tão preocupada assim...

— Será?

O restaurant estava cheio, mas havia uma mesa reservada para o rapaz que parecia ser freguês antigo da casa. Sentaram-se e ele encomendou um almoço que não deixava dúvida quanto à sua situação financeira.

— Pelo que vejo, não são preocupações de dinheiro que a perturbam, disse ele, olhando para a capa caríssima com que ela se protegia do vento frio. Ela sorriu.

— Não. O dinheiro não me preocupa.

— Então, que será?

— Não façamos confidências. Você quer ter a certeza de que me dissuadiu da decisão que eu tomara? Seja amável e fale de outras coisas. Eu preciso urgentemente de alguém amavelmente frívolo para me fazer esquecer... esqueça.

— Você já reparou que aquela senhora que está sentada ali adiante, com aquele chapéu ridículo, parece um elefante a quem não falta nem a tromba?

Ela riu. Riu mais do que seria justificável ao observar o espetáculo ridículo da mulher. Precisava rir.

Mortimer abriu a porta com a correção impecável que lhe dera a longa prática. Madame Chang entrou.

— Alguma novidade?

— Não, madame.

— Muito bem. Pode avisar à cozinheira que não jantarei em casa.

— Sim, senhora.

O mordomo inclinou-se, respeitoso, e saiu, deixando-a sózinha, no hall enorme, em frente à escadaria de mármore. De repente, uma porta se abriu e um homem baixo e calvo apareceu.

— É? você, Maria?

— Sim. Já estou aqui.

— Trouxe o que eu pedi?

— Não.

— Como?!

Ela olhou em torno. Não havia ninguém, porém era mais prudente ir conversar na biblioteca. Abriu a porta, e entrou, fazendo sinal ao homem para que a seguisse. Uma vez instalados em frente à lareira, ela acendeu um cigarro e falou:

— Eu disse a você que Lupton é muito mais difícil do que você pensa.

— Por que?

— Porque não "cái" como os outros...

— Não "cái"?

— Sim. Você calculou mal dessa vez. Ele desconfiou de tudo, logo no início, e depois de brincar de cão e gato comigo, uma meia hora, mandou-me embora.

O homem deu um risinho:

— Tem a certeza de que não foi você a culpada de tudo?

— Que é que você quer dizer com isso?

Reparou que o homem tinha um revólver na mão. Assustou-se. Mas ele tranquilizou-a.

— Não é preciso ter medo. Ainda está em tempo. Porém, se você não completar sua missão até amanhã, será com grande desprazer que lhe darei de presente essa arma para que você se mate...

Sem mais uma palavra, o homenzinho saiu.

O telefone estava tocando, mas ela não tinha a coragem de atender. Ficava ali, sentada perto do fogo, pensando na sua situação. O mordomo parecia estar muito longe, pois deixava tocar o

(Continua na pag. 35)





LOURDES DEL MAR — A INTERESSANTE CANTORA-HUMORISTA DO RÁDIO CLUB, ESTÁ AFASTADA DO MICROFONE DA PRA-3, PARA UMA TEMPORADA NA RECORD DE SÃO PAULO, ONDE TEM ALCANÇADO SUCESSO.



JORGE MURAD CONTINUA SENDO UM DOS APROVEITÁVEIS ELEMENTOS, ENTRE OS VETERANOS DO "BROADCASTING" CARIOCA. ÀS VEZES UM TANTO EXAGERADO, OUTRAS DIVERTINDO O PÚBLICO. CONTINUA NA G-3.

Crise que não existe

DJALMA MACIEL

ACEITANDO a suposição de uma crise de speaker no rádio carioca, meu confrade Roberto Ruiz pergunta aos seus leitores se o fato não será resultado da exiguidade dos salários profissionais da classe. E, como está em moda o decreto que estabeleceu níveis mínimos aos estipêndios jornalísticos, sugere a extensão dos mesmos aos locutores. Peço licença para dizer três vezes — não. Jamais houve, entre nós, falta de locutores; a mediocridade dos que se encontram atuando nada tem a ver com a exiguidade dos seus vencimentos; nem decreto regulamentador de ordenados resolverá o hipotético problema que tanto preocupa o presado Roberto Ruiz e outros críticos. Conheço vários papagaios-de-microfone montados em excelentes rendas mensais, cujos méritos



não valem outra reação além do respeito merecido pelos indivíduos que procuram ganhar a existência honestamente. Outros há que, de escala em escala — ou para melhor dizer: de centena em centena de cruzeiros, — foram melhorando os respectivos padrões de vida e no entanto sempre zelaram pela decência das atuações.

E que diremos, em boa consciência, de alguns rapazes votados à má sorte das estações de pequenas recusas, aos quais nenhuma oportunidade teve a crítica especializada de fazer restrições?

Evidentemente, o problema dos bons

locutores não é problema de salários, pelo menos agora. Senão, leve-se como apoio desta afirmativa a ausência dos profissionais da rodela prateada nas rubricas classificadoras do decreto-lei assinado em 10 de novembro. Não mais das vezes trabalham em regime de contratos e, quando recebem proveitos exíguos, fazem uma recuperação econômica através da publicidade. Mas com isto não estou insinuando que se abandone a classe à sua própria sorte. Pelo contrário: — Vá o Clube dos Locutores ao sr. Marcondes Filho, apresente sugestões e peça também um decreto de regulamentação, que a boa vontade do governo certamente não

recusará. Talvez, assim fortalecido o senso comum dos deveres e direitos, consigam os *speakers* a base necessária ao aperfeiçoamento de sua técnica.

Repito, todavia, que não há falta de candidatos a locutor; se houvesse, não inflaria no caso um parcela mínima de ordenados, baixos, de vez que todos eles ora em atividade ganham por meio de ordenados ou ordenados e comissões de publicidade, importâncias quase nunca inferiores a mil e quinhentos cruzeiros mensais. Depois, nessa história de *speakers* é preciso não esquecer os fatores psicológicos, principalmente a vaidade. Veja o cronista Roberto Ruiz o exemplo do nosso amigo Júlio Leuzada: — não foi ambição do dinheiro que o levou ao rádio. Deixem-no a tostão e não reclamem; logo não lhe tirem o prazer — o esquisito e refinado prazer — de dar a bênção radiofônica às suas beatas!...



ISMENIA DOS SANTOS, A VETERANA DA NACIONAL, CUJOS MÉRITOS DE RÁDIO-ATRIZ NÃO FORAM AINDA ABALADOS, É UMA FIGURA DE MERECIDO RELEVOS.

alô... alô...

UMA RETIFICAÇÃO IMPORTANTE: O matrimônio da cantora Zilch Fonseca realizou-se com o locutor da Tup, Osvaldo Luiz, e não com o cidadão cujo nome, por engano, saiu em nos o número anterior.

Inegável êxito correu a iniciativa dos concertos sinfônicos semanais da Rádio Nacional, realizados às 22 horas das 2.ªs feiras no auditório da Praça Mauá. Ótima orquestra e programas inteligentemente selecionados, não obstante a atenção aos pedidos formulados pelo público.

É o grande cronista dos meios radiofônicos, no momento em que encerramos esta página! — Cesar Ladeira desligara-se da Mayrink Veiga, passando-se com armas e bagagens para a Rádio Pan-Americana, a estação de Odvaldo Viana teria quebrado uma grande resistência do bem nutrido locutor da "Cidade Maravilhosa".

Também sussurra-se que a PRD-2 — Cruzeiro do Sul — vai mudar de dono, adquirida por nossos confrades de "Folha Carioca".

Quando sair a presente edição deverá estar estreando a nova Rádio Globo. Inauguração com um grande concerto de Madalena Tagliaferro no Teatro Municipal e audição de Jean Sablon e outros ares no auditório da A. B. L. A fadista Amelia Rodrigues fará parte do cast da PRE-5 e o sr. Manoel Barcelos fará ao seu microfone, aos domingos, em vespéral, um programa de variedades.



SÉRGIO D. T. DE MACEDO, QUE VEM REDIGINDO "CENAS BRASILEIRAS", APRESENTADO PELA PRA-2, ONDE RECONSTITUE O PANORAMA DO BRASIL COLONIAL E IMPERIAL.

O LUCIO DE PAULA MATOS

No seu romance "Sol sôbre as palmeiras", Paschoal Carlos Magno revela uma infância "melancólica e pobre". Uma visita de saudades ao morro tradicional da Metrópole.

Por ALVARO LADEIRA

Fotos de E. MEDINA



"Por tôda parte portais desmantelavam-se..."



A RUA ANDAVA SEMPRE CHEIA DE VOZES, GRITOS E CIRANDAS DE CRIANÇAS; PREGÕES DE VENDEDORES AMBULANTES; O VENDEDOR DE AMENDOIM, OS SORVETEIROS COM SEUS CARROS À CABEÇA...

A RUA DE PAULA MATOS, TODA EM DECLIVE, CHEIRAVA A FLOR MURCHA. ERAM CASAS IMENSAS, SOBRADOS DE BALCÕES MOURISCOS, PORTÕES DE FERRO ENTRE COLUNAS ENCIMADAS POR ANIMAIS DE LOUÇA OU GLOBOS DE VIDRO COLORIDO.



TENHO nas minhas mãos, enfim, o livro de capa amarela, onde se insinua, num arabesco, o facho verde da palmeira do Brasil. Estou ansioso para desvendá-lo a paisagem subjetiva e creio que aproveitarei a noite amorável de Santa Teresa que nos envolve na solidão dum paraíso perdido.

Daqui, realmente, a sua perspectiva torna-se imortal como aquela residência de Stefan Zweig em Salzburg, na qual ele substitua "os horizontes tantas vezes percorridos"; do Curvelo se avista a Guanabara, semelhante a uma efígie de esmeralda polida; das ruas sinuosas amamos a escultura do gigante adormecido e, preso no Corcovado, o Cristo de luz nos abre longamente os braços para a terra aflita...

Sem bulício acendo o abajur de pé e agora mesmo irei percorrer esse universo multiforme, denso, vasto, glorificado pela apreciação de Clemente Dane: — "São verdadeiramente extraordinários o encanto e a força deste livro... seus caracteres não poderão ser nunca esquecidos... principalmente o pequeno Lucio".

No aposento, depois da lida fatigante, minha esposa repousa serenamente. Os seus grandes olhos se fecham como duas asas sobre o rosto. Na sala de jantar mamãe ouve um trecho de novela seriada.

Papai já se acha na delegacia, vigilante e dando ordens. Na farândula noturna o Roberto perderá mais um instante da preciosa juventude. São dez horas da noite no quadrante do tempo. O meu modesto gabinete de trabalho se perde na penumbra, enquanto me debruço sobre o volume como quem vai ouvir o "Concerto em Mi Menor", de Chopin.

As coisas, em derredor, se apaziguam numa doce atmosfera. Já

passaram as últimas mercadorias ambulantes do dia: o negro atlético do "Chica Bom" e o vendedor de amendoim, aquele mirrado mulatinho de chapéu de palha. Olho na rua o cenário cativante e na paz cristã da primavera, cioso do destino e o guarda indicado para a ronda.

11

A alvorada encontrou-me a frente encostada na derradeira página do volume e os braços estendidos sobre a mesa.

Estava estremunhado quando as mãos da minha mulher tocaram nos ombros. Acordei de súbito pela vigília. Ainda sarabandeavam na imaginação alguns das personagens vividos no romance:

— Sabes? A Imaculata morreu de gripe. O "seu" Chico quase que enlouqueceu no cemitério. Lá estavam, solidários, o Zacarias, o Fioravanti, o Panzinni, professor de d. Josefa...

— Que estás dizendo, disse-me ela, candidamente.

A cabeça andava oscilando. Fiz um esforço mental para retornar à realidade. Os contornos do ambiente tornaram-se palpáveis. Estrequei os olhos, espreguiçando-me. Tinha um tanto assustada, comentei, sorrindo:

— Passei a noite lendo o livro do Pascoal. É lindo. Desenrolava aqui mesmo em Paula Matos e aproveitou reminiscências da infância para contar o drama dum menino que em 1917 e 1918 luta contra os designs da sorte. O "seu" Chico, aliás, no sótão duma casa colonial,

fia dia e noite, ajudado por d. Josefa, essa mãe suave, no sentido de educar cito filhos...

O clima dessas existências vibra na intensidade da psicologia mais rútila de impressionismo, onde o senso da poesia irmanase no realismo rude. As almas que surgem nos capítulos ficam para sempre plasmadas no coração, traçadas num relevo emotivo. São belas, eloquentes e superiores. Não há uma só que mereça censura. As filhas de "seu" Chico emolduram o quadro doméstico como legendas de delicadeza, bondade e doçura. Certamente, dentre todas a mais querida deve ser Imaculata, que pelo feito humano desaparece nestas páginas heroicamente incompreendida, numa suprema renúncia. Ela é pálida, franzina e sabe dedilhar divinamente o piano. Ama em surdina o Zacarias, um amigo da casa. O Zacarias, pintor e boêmio, jamais lerá nos seus olhos a flama de paixão que a consumirá até à morte. Imaculata escreveu um diário. A família vive sempre no determinismo da angústia econômica. Ela se eleva entre gestos de grandeza:

"— Fiquei espantada com o preço que me ofereceram. O sujeitinho

me olhava com um ar desconfiado: — A senhora me disse um plano de segunda mão. E este plano é novo, não tem três anos de vida. E me ofereceu uma quantia muito maior, quase o duplo do que paguei a prestações. Fechei logo o negócio, encantada com o sucesso financeiro da proposta, num deslumbramento."

O Henrique, filho mais velho, estudou nesta rua em que residimos. Mais tarde auxiliará os pais fazendo um concurso para o Banco do Brasil. Gilberto sempre adorou os pássaros. O "Milton", o pássaro cego, constitui o seu amor ingênuo. A figura atraente, contudo, neste poema primoroso revela-se no Lucio com o seu "ar de lua". Enfermo o frágil como um canção. Poeta aos doze anos — vocação que marcará um destino — está em duelo com a morte por motivo da sua constante fraqueza física. "Seu" Chico adora-o. Procura orientá-lo espiritualmente.

Compre-lhe livros, mesmo que o aluguel do prédio fique por algum tempo em suspensão. Parece atitude de louco, mas a tendência do adolescente para acina das contingências usuais. Fazem confidências comuns em torno da arte. "Seu" Chico, maravilhado, cita-lhe o pintor-poeta

PELOS TERRAÇOS, ONDE HÁ MENOS DE CINQUENTA ANOS, ABRASTAVAM-SE RENDAS DE SAIAS-BALÃO, IA AGORA UM ZUM-ZUM DE MULHERES AGARRADAS A TINAS E TANQUES, LAVANDO ROUPA, FALANDO ALTO OU CANTANDO.





O BIZAG DA LADEIRA DO SEZADO

PARCE ESTRAANGEIRO: MAS É ALI MESMO EM PAULA MATOS: UM MENINO, SUA CABRA E A MOLDURA DAS RUINAS.



Dante Gabriel Rosseti, cuja mulher pintara invariavelmente em vida e que, depois de morta, levava no caixão os seus poemas...

No colégio Lúcio se distingue na classe. O seu talento seduz os professores. Jack, seu amigo, rico, colega de banco, forte e varonil, só o abandona quando pensa que ele está tuberculoso... Lúcio diz resignado: — "Eu morrerei cedo. Mas isso não tem importância. Todos os poetas morrem sempre antes dos vinte anos..."

Está sempre de cama, ardendo em febre, preocupando aos seus. Gosta tanto de Eleonora Duse que um dia conseguirá autógrafos da eminente atriz. Imaculada lembra-lhe a fragilidade no diário:

— No mesmo canto da sala de jantar, junto à janela, com o mesmo raio de sol dourando-os, vi nesta tarde: Lúcio, "Manduca" e "Milton". Um menino doente, um macaco e um pássaro cego. Três imagens tristes. A mais triste não é a do macaco, tão parecido com os homens sem ser homem, não é também a do pássaro sem poder ver, mas a do menino doente que não tem o direito de ser como os outros meninos."

Mas o Lúcio, línfático e de olhos mortais, desdenha da constituição ingênita, será então saudável e autor famoso dum breviário de beleza, cuja repercussão no exterior define a epopéia da sensibilidade, reconstituindo o milagre da evocação sonora.

Depois de ter lido o "Livro de San Michele", de Axel Munte, "Madame Curie", de Eva Curie, e "Ariel", de José Henrique Rodó, "Sol sobre as palmeiras" ficará no estante dos meus livros de cabeceira confirmando a sentença de Gilbert Murray: — "É um livro que nunca mais esquecerei. É um romance deveras extraordinário".

III

O Lúcio que eu conheço há quinze anos veio jantar conosco por um dever de cortesia e, assim, pode lembrar, no bairro em que viveu, a sua infância ignorada.

Perdera a fisionomia do adolescente primitivo, vergado sobre um corpo frouxo, enfiado de ossos. O rapaz que aqui esteve numa noite, corado e ágil, dominando o ambiente com o encanto da simplicidade, denunciava um homem triunfante.

Entrou na sala de visitas, todavia, com a mesma alma de outrora, fácil e delicada de artista. Durante o jantar a sua palestra ofuscante dourou o retângulo humilde, falando acerca do que vira em estranhos territórios através de viagens incomparáveis. Parecia um irmão que tivesse voltado após muito tempo de ausência. Servido o café fomos para a varanda. Um resto de inverno errava pelo ar tépido. Debruçados no parapeito ele fez o elogio da paisagem, já enumerada numa das folhas do seu romance:

...as luzes da cidade, ao longe, faiscando como um montão de joias ardendo...

Retornou altas horas. Antes se sentou na minha cadeira negra, pediu a caneta-tinteiro e na página branca, vincada de vermelho pelo título de "Sol sobre as palmeiras", escreveu:

"Para Eunice e Alvaro, muito sinceramente este livro que encerra um pouco da minha infância melancólica e pobre. Tenho certeza de que vocês ficarão com uma pena imensa do pequeno Lúcio tão mal compreendido... Lúcio cresceu: a vida lhe encheu de bens as mãos, mas como nos tempos deste romance é ainda a mesma criança tentando ser amado e compreendido na linguagem vasta e inútil dos homens — Paschoal."

PAULA MATOS NO ROMANCE QUE LONDRES CONHECEU

A noite a rua de Paula Matos se animava. Os moleques pareciam mais contentes, aos saltos e às correrias. Meninas trançavam as mãos em roda, no meio da rua, pois não havia perigo de automóvel em disparada (automóvel no morro só da Assistência... E esse fazia tanto barulho!).

O acendedor de lampêões de gás, fardado de cáqui, vinha com um bastão ao ombro, estrelando as ruas tortas.

O guarda-noturno subia e descia lentamente, na sua ronda. (Uma vez o guarda-noturno afirmara na venda do "seu" Lucas que gostava de carne de gato, achando-a superior à de galinha ou coelho. Por isso, alta noite, quando se ouvia um gato gritar desesperado na rua, podia-se adivinhar o guarda-noturno caçando o almoço do dia seguinte...).

Os homens e as mulheres saíam dos cortiços, dos quartos sujos e apertados, com tetos negros de fumaça dos lampêões e iam tomar fresco,



A RUA DO PARAÍZO. NO MORRO DE PAULA MATOS. AS RUAS TÊM NOMES BONITOS: RUA DO PARAÍZO, RUA DAS NEVES, RUA DO ORIENTE. UM AR INGENUO NAS COISAS E NAS CRIATURAS.

O QUE MAIS APRAZIA ÀS CRIANÇAS ERA SUBIR ATÉ O LARGO DAS NEVES PARA VER AS LUZES DA CIDADE. AO LONGE, FAISCANDO COMO UM MONTÃO DE JOIAS ARDENDO...



arrastando cadeiras para as calçadas. Negras velhas, enquanto mastigavam fumo, contavam histórias para grupos de pirralhos e marmanjos, à sombra dos portões senhoriais caindo aos pedaços. Muita gente sentava-se no meio-fio. Namorados passavam de mãos dadas. As filhas do "seu" Lucas, bamboaleando as ancas, falando alto, não paravam um instante, andando de um lado para outro, ao longo da rua.

— Essas meninas não cansam de bater pernas — suspirava uma velha, pensando coisas.

Invariavelmente, depois das nove, o Fioravanti saía, acompanhado pelo único amigo que tinha, o Garibaldi, cachorro enorme, de pelo preto, lustroso. Ao vê-lo passar, de cabeça baixa, como em sonho, na certa cantando para si mesmo as árias dos seus discos, havia risos abafados. Faziam graças com o Fioravanti e o cachorro. Aquilo de sair à rua com o cachorro, era de mulher e mulher-vagabunda. E riam-se.

Passavam o vendedor de amendoim, os sorveteiros com seus barris à cabeça, o italiano, de barbilha, o chapéu enterrado à cabeça, um órgão de quatro rodas, periquito da sorte no ombro.

Apareciam rostos de mocinhas, no recorte das janelas, entre vasos de tinhorões e latas de roseiras.

Meninos de nove ou dez anos eram vistos fumando restos de cigarros apanhados na rua.





JINX FALKENBURG -- ("COLUMBIA").

NOS BASTIDORES FEMININOS

ESTAMOS no verão e você, leitora amiga, naturalmente já escolheu o seu "maillot" último tipo, já encomendou os seus vestidos claros para a estação, já comprou seus sapatos brancos, enfim, já está em grande preparativo para deixar suas amiguinhas "abafadas". Há um detalhe, no entanto, que não convém esquecer: o "make-up" de verão... Não há nada mais desagradável do que vermos, num dia de calor, uma pequena com o rosto lustroso de creme, com os lábios grossos de bôn, as faces excessivamente coradas e os olhos com rimel... Um "make-up" assim faz com que os homens (sim porque é para ele que nos preparamos e enfeitamos), sintam ainda mais calor, mas não o "calor" que

você desejaria que ele sentisse... E a sua preocupação no verão deve ser a de fazer com que "ele" sinta, ao vê-la, uma sensação de frescura que vem de você... E, para obter isso, nada melhor do que um "make-up" natural, com cores alegres e vivas, sem excesso de cremes, sem rimel, bastando para realçar a sua beleza um ligeiro toque de rouge, uma finíssima camada de pó e uma leve camada de bôn. Também o perfume tem papel importante e sugerimos a nossa leitora gentil que evite usar perfumes fortes no verão, dando preferência, pelo menos durante o dia, a uma boa água de colônia. E assim, poderá você enfrentar os dias de calor certa de que a sua aparência não desagradará a ninguém.

Um segredo de beleza desvendado



A adorável Elaine Riley, "estrelinha" da RKO Radio, mostra às nossas leitoras (que coragem tem essa Miss Riley!) o "aspecto" de uma "glamourosa" às seis da manhã... Esses "elegantíssimos" tubos de papelão permanecem na cabeça da artista até às nove horas, quando finalmente ela é chamada à cena. Tirados os tubos, Miss Riley pôde ostentar com orgulho a sua linda cabeleira...

Aí fica pois a sugestão de Elaine Riley. Arranjem os tubinhos de papelão, enrolem neles os cabelos e... não apareçam à janela para não assustar os vizinhos!





1 — "Sofisticação" é o nome que daríamos a êsse sugestivo modelo apresentado por Ramsay Ames, uma das morenas mais sensacionais de Hollywood. Miss Ames apresenta um modelo para jantar e cassino, em setim preto, ombros armados, mangas compridas, jaqueta franzida e bem ajustada na cintura. Decote alto, aberto em estreito V e pequenos botões cobertos com o mesmo setim completam o "charme" dêsse modelo sugestivo... Um colar de grandes pérolas dá um toque de luz na "toilette" negra de Ramsay Ames.



2 — Para as compras, para um almoço na cidade ou ainda para uma sessão de cinema à tarde, Anita Louise oferece às nossas leitoras êsse "tailleur" bem feminino, que tanto poderá ser confeccionado em tecido liso e pesado como em estampado leve. Bastante interessante é o corte do decote; seis botãozinhos abotoam o elegante casaco e uma blusa de organza, com "festonné" e "pois" em tom contrastante, completa a "linha" do conjunto.

(Fotos
RKO Radio)



3 — Vestir-se bem dentro de casa não é um "luxo" de mulher bonita... É uma necessidade para você e para aqueles que a cercam. Veja o exemplo de Laraine Day, que nos apresenta um lindo modelo de "estar em casa", em "rayon" estampado preto e branco. O corpete franzido e arrematado por um lado de "roulouté" bem como as amplas mangas são de "georgette" pérola. Note o interessante efeito obtido nos ombros e decote com o próprio estampado recortado e aplicado sobre o corpete.



4 — Se você vai à praia e não quer usar "maillot", aceite a sugestão de Barbara Hale, que aparece aqui vestindo um alegre modelo de algodão estampado, com grandes laços marron sobre fundo branco. A blusa é drapeada e uma tira estreita dá um nó de cada lado prendendo o "drapé". Uma das pontas dessa mesma tira é enfiada numa casa feita na alça que serve de manga, o que dá a este modelo uma nota de ineditismo. A saia é ampla, com um ligeiro movimento de pregas na frente.

Com tanto o mundo tem sido comparado a um Teatro. Sobram-lhe tragédias, dramas, comédias. Tem actores, companhias, publico de não se poder contar, para palmar ou patear. O Teatro do mundo é rico em cenários, mudanças de cenas, levantars e arriars de pânno, apoteoses. Ainda o mesmo Teatro, para muitos de seus actores, não dispensa o pânno, a ajudad-lhes a memoria no sopro de papeis.

Não pretendemos lembrar o Teatro de malucula, ele movimentado, curioso, estabelecido em toda parte sem exigir do espectador passagem por bilheteria ou entrega de senha.

Desejamos apenas, referindo-nos ao teatro com minucula, assinalar em dia a dia de semana uma penda de nota, um successo de marra de relação com o teatro nacional, para meios inexistentes. Alguns ficam acreditando que pelo menos existia. Recordam então uns tantos actores, umas tantas peças originais ou traduzidas, uns tantos teatros pelo Rio de Janeiro conhecidos e frequentados.

Algo do palco brasileiro pretende lembrar *Semana de Teatro*, com uma infração cronologica que a successão natural dos dias de qualquer semana facilmente explica.

A MORTE DE JOÃO CAETANO

(SEGUNDA FEIRA 24 DE AGOSTO DE 1865)

Ha oitenta e um anos uma noticia circula pelo Rio de Janeiro causando-lhe pezar. Tinha desaparecido João Caetano, o maior l dos artistas nacionais. A et al persistencia de sua fama mostra-a magna na sua época. Uma das atrações dela era ver João Caetano nos seus principais papeis. A's vezes interpretava-os com tal força de vida que da mesma se queixavam as atrizes, sobretudo Desdemona, quando o Mouro de Veneza as exprobrava para abafar.

Desde Fevereiro de 1865 se sabia João Caetano perdido. No tempo as mudanças de ares eram precognitadas um pouco para tudo e hoje outras panaceias, também o são e com extensos nomes químicos alguns intermináveis.

Em tarde de Agosto, no sinuoso Caminho Velho do Botafogo, era rua Senador Vergueiro, João Caetano expirava cantando pouco mais de 55 anos de idade.

De sua casa, na rua do Lavradio, esquina da do Senado, saíam-lhe o feretro para o cemiterio de Catumbi, o ator irmão terceiro da Ordem de S. Francisco de Paula. A terra da necropole abriu-se para quem lutando com a morte, por horribis padecimentos dispneicos e cruel agonia, representara artefante sua ultima tragedia.

Fachados todos os teatros, todos os actores do Rio de Janeiro acompanharam o feretro de João Caetano, a pé, da rua do Lavradio a Catumbi, entre multidão silenciosa nas ruas do trajeto.

BENEFICIO SINGULAR

(TERÇA FEIRA 10 DE AGOSTO DE 1886)

Uma das estações teatrais de maior brilho no Rio de Janeiro foi a de 1886. Assinalou-se pelo numero de teatros funcionando, pela presença de excelentes companhias, pela seleção de elencos. Dela participou Sarah Bernhardt, então celebrada pela sua "voz de ouro", para que mais tarde se celebrassem as pernas de Mistinguette.

O empresario Claudio Rossi occupava o *Teatro Lirico*. Sua companhia, a 25 de Junho de 1886, estreou com *Aida*, prot. gnieta na opera Nadina Bulicloff, artista de nome logo a diz-la russa.

Veio, cantou e venceu. Favorita do publico, deu beneficio a 10 de Agosto de 1886. No momento a campanha abolicionista estava em auge, tudo lhe servindo de pretexto para chegar a seus fins.

Para homenagem à Bulicloff haviam aberto subscrição de produto para compra de jolas. Em vez delas, a Bulicloff pediu que lhe dessem cartas de alforria. Deram-lhas.

Chega a noite do beneficio. No *Lirico* nem um lugar vago. O imperador e sua familia na tribuna de honra ao proscenio. O corpo diplomatico presente, nele na ocasião primacial o ministro russo Ionine. Nos camarotes, na platéa, o esol social.

Num fim de ato, em cena aberta, José do Patrocinio ora, dirigindo-se à Bulicloff, que finge entendelo.

Todas de branco seis pardas entram, alinham-se ante a cantora, esta lhes entrega alforria.

Ovações sobre ovações, o teatro não vindo abaixo pela solidez da construção antiga.

Dias depois a Bulicloff parte. Nunca mais tornará ao Rio. Fica-lhe na memoria a noite na qual libertara escravas antes de tornar á sua Russia de milhões de servos.

NASCIMENTO DA RISTORI

(QUARTA FEIRA 30 DE JANEIRO DE 1822)

Justo quando o Brasil se preparava para nascer independente, uma recém-nascida tinha berço, a 30 de Janeiro de 1822, em cidadezinha da Italia Setentrional, Cividale de Friul.

A recém-nascida de 1822 seria grande no seu seculo, seria Adelaide Ristori. Na tragedia se sublimaria para

SEMANA DE TEATRO



NADINA BULICLOFF.

que na comedia o seu talento mostrasse o que a comedia exige, sobretudo graça, donaire e malicia.

Duas vezes a Ristori visitou o Rio de Janeiro, em 1869 com mais demora, com menos em 1874. Na sua dupla presença no Rio era natural que buscasse a colonia italiana e dela recebesse especial homenagem patriótica.

Em nome de compatriotas saudu Ristori um italiano de bons e longos servicos ao Brasil, o Dr. Luis Vicente De-Simon. Saudand-o a em verso, servio-se do idioma referindo-se à patria em nome de conterraneos:

*"Pochi son essi qui ma rommo e vero
E' il giubilo di lor in vederti
Metter pié nell' antartico emisfero."*

Quem jamais perdeu recita da Ristori foi a imperatriz D. Teresa Cristina. Pela artista falava a Italia.

Grande a variedade de papeis no repertorio da Ristori, ele uma noite Phedra, em outra Maria Stuart, noutra Cassandra, em mais outra Maria Antonieta.

Até seu ultimo dia, a 9 de Outubro de 1906, Adelaide Ristori lembrou-se do Brasil onde obsequiada. Provam-o as suas Memorias e as suas cartas. Isto merece nota, a ingratidão officio muito exercido mormente por favorecidos de costa aos favores.

DECAPITAÇÃO INCRUENTA

(QUINTA FEIRA, 4 DE JULHO DE 1839)

Na actual rua do Teatro, primeiro rua de S. Francisco de Paula, havia em 1838 um terreno baldio. Aproveitou-o um francês, João Chabry, para construir casa de espetaculos, chamada *Teatro de S. Francisco de Paula*, nome substituido em 1855 pelo de *Ginasio Dramatico*.

No palco do *Ginasio* foram a luz de ribalta peças de bons autores, um Alencar, outro Machado de Assis, a *Dama das Camélias* apresentada por tradução de José Joaquim Vieira Souto 2.

Nas taboas do *S. Francisco de Paula*, em 1839, exhibio-se um magico francês, Leroux, os magicos quase sempre prestidigitadores. Na dupla qualidade eram bem acolhidos por toda parte, não admira que os festejassem e festeje o nosso publico.

O homem tem tal tendencia para enganar o proximo que não se lhe dá de ser voluntariamente enganado de vez em vez por cartemantes, magicos e prestimanos. Muitos proclamam rei deles o Hermann, professor de prestidigitação da rainha dos Belgas Maria Henriqueta. No Brasil encontrou um discipulo, Costa Brito, tão notavel que o proprio Hermann o quiz debalde levar à Europa.

Do magico Leroux ficou memoria no Rio pela decapitação de um homem, primeira sôrte do genero para satisfacção da curiosidade cariosa, sorte depois vulgarizada, conhecidos os seus truques. Como a decapitação era sem efusão de sangue e a cabeça do decapitado voltava logo ao seu lugar, a policia de 1839, não tomando conhecimento do fáto, deixou Leroux decapitar à vontade.

ESCRAGNOLLE DORIA

1. REPRESENTAÇÃO DE O GUARANY

(SEXTA FEIRA 2 DE DEZEMBRO DE 1870)

Primeira representação da opera capital de Carlos Gomes no Rio de Janeiro. Ouvira-a não muito antes o teatro Scala de Milão, aplaudidor ou pateador de operas e maestros, aquelas insensíveis ao agrado ou ao desgosto por meios variados, de ruído ou de balística incerta, o tacão de sapatos substituido pelo arremesso de projeteis especiais, moedas ou batatas, as primeiras, pela razão da economia, menos prodigalizadas que as segundas.

A noite de 19 de Março de 1870, no Scala, fôra triunfo para Carlos Gomes, autor novo. Como tal sujeito ao desembolso de dez mil liras, condição iniludível para a empresa do Scala montar operas de autores principiantes.

Dez mil liras, sonantes não em cordas, s'm em dinheiro, não as tinha o joven compositor campeiro. Mas num papel, não de musica, escreveu. Dirigio-se a D. Pedro II, chegaram-lhe dez mil liras.

Justo, pois, que *O Guarany* subisse à cena a 2 de Dezembro de 1870, data natalicia do imperador, presente à recita José de Alencar, autor do romance do qual nascera a opera.

Segundo consta, o escritor, de começo, não acolheu a opera com simpatia, aborrecido "ao ver Cecy cantando duetos e o Cacique dos Aimorés a oferecer-lhe o trono de sua tribo". Mas Alencar acabaria dizendo que as harmonias da opera induziriam muitos a ler e reler o romance. Ser relido, declarou o romancista, é o maior favor que um autor pôde merecer.

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DE OTHELLO NO RIO

(SÁBADO 15 DE SETEMBRO DE 1838)

O ano de 1838 foi de produção teatral na vida literaria de Gonçalves de Magalhães.

A 15 de Setembro de 1838, em beneficio de Estela Sezeffredo, vinha a palco a tragedia *O Poeta e a Inquirição*, peça escrita em Bruxellas e aí, segundo Magalhães, terminada às onze da noite.

Logo depois da tragedia que relembra o queimado Antonio José da Silva, Gonçalves de Magalhães apresentava ao publico da sua cidade natal o *Mouro de Veneza*, não pelo original de Shakspeare, sim pela adaptação francesa de Ducis.

Gonçalves de Magalhães agradeceu em verso a João Caetano e a Estela a interpretação dos papeis de Antonio José e Mariana na tragedia de sua lavra.

No *Othello* deu papel bem apropriado ao talento de João Caetano. A gente da época louvava-o no desenho teatral da figura amorosa e sombria do heroe shaksperiano, vitima de Iago, este a instilar-lhe suspeitas perdidas no sentimento tão favoravel a elas, o ciúme, desvariador a valer.

Outrora poupava-se o espectador de tragedias oferecendo-lhe visões agradaveis para fim de emoções tristes. Terminou a recita da tragedia a adaptação de Magalhães um baile pantomima, *O rapto de Arpaxia ou o Sullão Generoso*. Não consta que a mulhé de Pericles fosse raptada, mas a coreografia pula por cima da historia sem condenação de ninguém.

MORTE DO CREADOR DA REVISTA DE ANO

(DOMINGO 20 DE MAIO DE 1877)

A 20 de Maio de 1877 falecia no Rio de Janeiro, onde nascera em 1829, Justino de Figueiredo Novaes, o creador da revista de ano na cidade natal de tantos quadros sociais.

Funcionario do Tesouro Nacional, nele por fim no elevado cargo de contador, Novais era dado a letrás, autor de alguns romances, frequentador da boa rôda literaria de sua época.

Em 1858, em colaboração com alguém que se deixou ficar no anonimato, Novais escreveu a primeira revista de ano no Rio de Janeiro, inaugurador de genero teatral que se desenvolveria entre nós à saciedade.

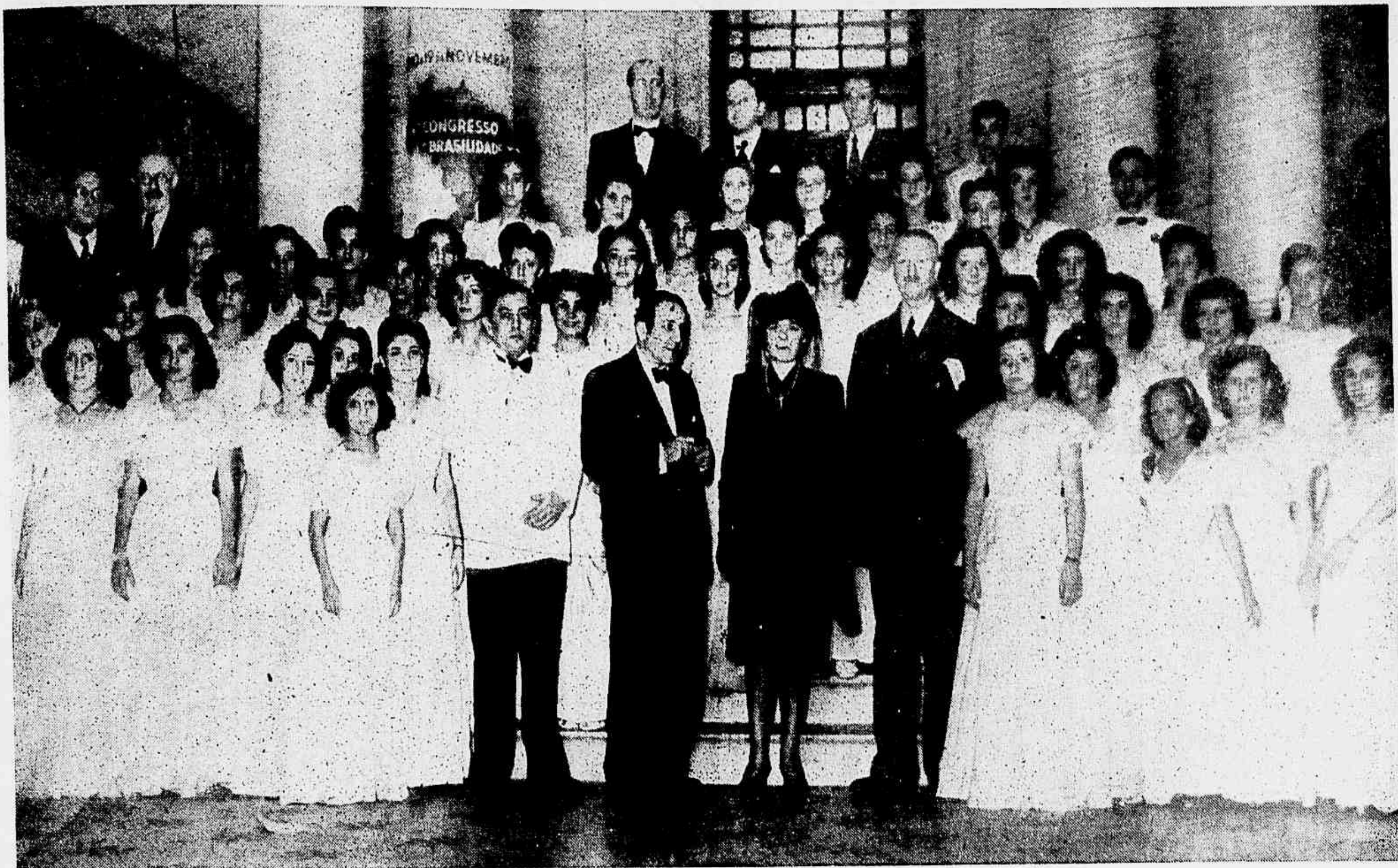
A revista de Novais representou-se poucas vezes, de recita primeira a 15 de Janeiro de 1859, acolhida com frieza e protestos, de gente que se reconhecia na revista.

"*As Surpresas do Sr. José da Piedade*", tal o titulo da revista de pouco agrado.

Os continuadores do genero foram mais ou menos reproduzindo os personagens da revista de 1859. José da Piedade nela era o roceiro, nas revistas de mais tarde o compadre.

No palco do *Ginasio Dramatico* apareceram A Politica, a Censura, o Diario Mercantil; o Teatro Lirico, o côro das nações, Estados Unidos, França, Inglaterra.

Acrescentem-se um mostrador de ratos sabios; um tocador de realejo; um cocheiro de tilburi e outros tipos populares e ver-se-á na revista de 1859 uma porção de cenas e personagens reproduzidas nas revistas de ano do fim do Imperio, na Republica e depois.



AS ALUNAS DO COLEGIO LUTECIA, CANTANDO EM BENEFÍCIO DAS CRIANÇAS FRANCESAS — O Coral Lutécia, conjunto de alunas do Colégio Lutécia, apresentou-se no salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, em um belo espetáculo em benefício das crianças francesas, sob o patrocínio do Comité des Oeuvres de Guerre. — O professor Roquette Pinto pronunciou eloquentes palavras, vivamente aplaudidas pela numerosa assistência. — O embaixador francês e a embaixatriz estiveram presentes, bem assim como o consul geral, o *attaché* cultural da Embaixada, o presidente dos *Anciens combattants* e numerosas outras personalidades da Colônia Francesa. — A fotografia acima mostra as alunas do Colégio Lutécia componentes do Coral tendo ao centro a embaixatriz de França Mme. Blondel, o embaixador Blondel, o professor Roquette Pinto e outras pessoas presentes.

Madame Chang

(Continuação da pag. 23)

telefone, sem vir atender. Finalmente, Maria fez um esforço, e levantou o receptor.

— Alô?

— Madame Chang está?

Era a voz do rapaz do almoço. Dera o telefone a ele, pensando que poderia sair, mas agora tinha que terminar sua missão.

— Sinto muito, mas hoje não pode ser.

— Por que? Você prometeu...

— Sinto muito.

De repente, porém, uma ideia ocorreu-lhe. Por que não confiar nêle? Porque não tomar para seu protetor aquele rapaz que, apesar de o conhecer tão pouco, já sentia seu amigo? Por que não? Sua vida fôra, toda, um grande jogo, uma partida que, estava certa, haveria de terminar com a sua derrota final. Mais uma cartada audaciosa — Que diferença faria? Ele parecia digno de confiança...

— Escute... Quer me fazer um grande favor?

— Pois não. Então venha até aqui imediatamente. Sabe onde é?

— Você me deu o endereço.

— Fico esperando...

Ela poderia ter acrescentado: Esperando e arranjando uma história bem verossímil, para não ser forçada a contar-lhe tudo... "Que direi a ele?" era o que perguntava a si mesma. Era preciso arranjar uma pessoa que a ajudasse e confiar nela até certo ponto... Seria, porém, prudente, dizer-lhe tudo?

A noite chegara de repente, com um nevoeiro terrível. Chegara, e abafara tudo como uma capa jogada sobre a cabeça de uma pessoa desprevenida. Abafar de repente os ruídos, amortecera-os, e cegara as pessoas. Os carros andavam com uma lentidão enervante, com medo de chocar-se com outro veículo, pois mal se enxergava um palmo adiante do paralamas.

Lúcio, recostado na almofada do taxi, perguntava a si mesmo por que acor-

raera imediatamente. Não era seu hábito servir de cavalheiro andante para damas em apuros. Entretanto...

Ficara surpreso ao saber o nome da desconhecida que encontrara aquela manhã, na rua. Chang? Seria chinesa? Ou casada com um chinês? Dissera, claramente: *Madame Chang*...

O palacete era luxuosíssimo. Apesar do nevoeiro, Lúcio pôde ver as colunas de mármore do terraço e a porta de bronze trabalhado. Casa de milionário. Quem seria aquela mulher?

Ela mesma veio abrir a porta

— Boa noite.

— Boa noite. Entre depressa.

Ele entrou. Sem uma palavra ela tomou-o pela mão, e levou-o para cima. Subiram depressa as escadas, e entraram numa saleta elegantemente mobiliada, que devia ser a antecâmara dos aposentos particulares dela.

Madame Chang sentou-se em frente a ele, numa poltrona, e disse:

— Resolvi confiar em você. Porque, não sei. Mas sinto que você merece confiança.

— Muito obrigado.

— Não há tempo para gentilezas. Esta noite, alguma coisa vai acontecer e eu necessito uma pessoa que me ajude...

— Estou às ordens...

— Escute bem o que eu vou lhe dizer, e não me faça perguntas, porque não responderei. Esta noite, um baile de fantasia realizar-se-á, no Albert Hall. Você deve vestir uma fantasia que eu já tenho preparada aqui, e acompanhar-me, porém não poderá pronunciar uma só palavra, pois se falar, trair-se-á. Virá comigo, e só me abandonará se eu lho mandar ir. Está compreendido?

— Compreendidas as instruções, sim, mas...

— Já lhe disse que não responderei a nenhuma pergunta. Se quer me fazer um grande favor, acompanhe-me. Se não, ainda é tempo de ir-se...

— Pode contar comigo.

— Sabia que não me haveria de falhar. Eis a sua fantasia. Pode vestir-se ali, naquele quarto.

A fantasia era um mefistófeles vermelho. Estava perfeita. O dono era da mesma estatura que Lúcio. O rapaz envergou a roupa, apressadamente, e voltou à saleta. Madame Chang já estava à sua espera, vestida toda de branco à moda de 1830.

— Vamos. Não há tempo a perder. Um taxi, guiado por um chinês, esperava-os à porta. Partiram.

O salão enorme de Albert Hall estava repleto, quando eles chegaram. Madame Chang disse a Lúcio que havia um camarote reservado, para eles, sob o nome de Chang Huang Li. De fato, um camarote ótimamente situado trazia, na porta, um pequeno cartão, dizendo: Reservado — Chiang Huang Li. Entraram. Já lá estava um chinês de meia idade, que cumprimentou Madame Chang com a cortezia encantadora dos chineses. Não deu, porém, atenção a Lúcio, que ficou no fundo do camarote. Imediatamente, o chinês e Madame Chang começaram a conversar, sem se dar ao trabalho de abaixar a voz, para que Lúcio não os ouvisse:

— Então?

— Tudo pronto.

— Trouxe Lupton?

— Sim.

— E ele, que diz?

— Foi forçado a aceitar. Por isso está amuado.

O chinês virou-se para Lúcio, e disse:

— Aproxime-se, Sr. Lupton.

Lúcio de um passo à frente, lembrando-se da recomendação de Madame Chang: Não dizer uma palavra!

O chinês olhou-o, evidentemente satisfeito:

— Você é um prodígio Huang Li.

— Não seria sua parente, se não o fosse, replicou Madame Chang.

— Sente-se sr. Lupton, disse o chinês.

Lúcio sentou-se.

— Quando vamos assinar o contrato? Lúcio não respondeu.

— Dê-lhe o papel que ele assinará, garanto, disse Madame Chang.

O chinês tirou da manga do seu quimono um papel. Era um contrato. Lúcio apanhou a pena que ele lhe deu, e segurou o papel.

— Agora ele vai ler com atenção o que está ali, disse Madame Chang.

O chinês curvou-se.

— Estou de acordo.

Lúcio começou a ler. Era um contrato para o arrendamento de uma propriedade perto de Glencastle, uma pequena cidade do interior.

— Tudo em ordem? perguntou o chinês.

— Tudo pronto, Sr. Robert Lupton? perguntou Madame Chang. Então, assine!

E Lúcio assinou: Robert Lupton.

O Chinês deu um risinho vitorioso, e disse: Agora vamos à outra parte.

Lúcio olhou para Madame Chang e esta disse:

— Não se preocupe, Sr. Lupton, receberá o seu dinheiro.

— Lógico! disse o chinês.

— Vamos, Huang, dê-lhe a sua parte. Estou impaciente para acabar de uma vez por todas com esse negócio desagradável.

— Não se precipite, minha querida. Eu queria falar com Lupton em particular...

— Mas...

— Vamos, minha querida. Espere-nos do lado de fora da porta.

Ela teve mais um gesto de protesto, mas, finalmente, resignou-se. Olhou para Lúcio com ar de derrota e saíu. Lúcio viu que o chinês achara esquisito aquele seu silêncio e estava desconfiado. Mas falando não iria trair-se?

A orquestra tocava um fox, e o baile continuava muito animado. Dentro do camarote, dois homens se encaravam, com desconfiança.

— Sr. Lupton...

Lúcio não respondeu.

— Meu caro senhor, se o sr. se recusa a responder, serei forçado a acreditar que é um mistificador e...

Quem o salvaria? Como falar? De que maneira? Alto ou baixo? Deveria ter algum sotaque? De repente, ele notou que a garrafa de licor com que Madame Chang estivera brincando estava à sua frente. Com a faca, ela riscara a etiqueta. Era um licor de ótima qualidade: Grand Marnier. Grand Marnier? Um momento! Que era aquilo? Ela tinha riscado algumas letras, porém outras estavam intactas. O G e o A. GA? Mais em baixo, o nome do distribuidor, na Inglaterra, Gorbel, Gorbel & Cia. E ela riscara todo o nome, exceto as duas primeiras letras. Ga... Go... Ga... Go... Gago!!!

(Continua na pag. 47)



LIBERTAD LAMARQUE

Impressões da "Estrela"

Ela veio de Buenos-Aires trazendo em sua voz de timbres cariciosos a poesia e o romantismo da peonada que doma os espaços ilimitados do Pampa com a mesma facilidade e graça com que, nas noites brancas de luar, domina os corações das "chinas" improvisando as canções filhas de sua ternura simples.

Veiu da Argentina com seus tangos "callejeros" e suas "milongas", que são o espírito mesmo da gente ardorosa e lírica cuja emoção floresce em melodias enternecidas nos cafés e bares da Boca e do Riachuelo.

Chegou ofertando para a nossa sensibilidade uma mensagem de carinho, falando de seu afeto e admiração pelo Brasil com um gesto espontâneo e delicado: — o de, colaborando com a direção do Casino Atlântico, doar seu primeiro "cachet" ao fundo de previdência do Lar do Expedicionário.

Retornando ao Rio, Libertad Lamarque cuidou logo de reatar as relações com seus





MENSAGEM SONORA DA ALMA PORTENHA do Casino Atlantico

"fans" e amigos cariocas, reunindo-os num "cock-tail" a que não faltaram os mais lidimos representantes de nossos círculos artísticos e sociais, bem como os da imprensa.

Cantora de méritos invulgares, Libertad Lamarque, vem de estreiar na "boite" do Posto Seis com um sucesso marcante, difícil de igualar. No "show", cujos números lograram agradar a seléta assistência do "music-hal" do "Atlantico", seu repertório foi o suporte magnífico do espetáculo, levantando uma onda de admiração entre os distintos frequentadores daquela "boite".

Por tudo isso, a noite inaugural da temporada de Libertad Lamarque no Casino Atlantico foi verdadeiramente uma "soirée" triunfal, nada faltando para o deslumbramento dos assistentes.

Fotos de HOLFELD





Que diz?
da Casa **MUNIZ**
Suvidor 102

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

O CASO DO GATO DO PORTEIRO, romance de Erle Stanley Gardner, tradução de Carlos Vidal de Oliveira — Rio de Janeiro, 1944.



O advogado-detektive Perry Mason a quem já nestas notícias nos temos referido, recebe um consulente que lhe vai contar o caso, à primeira vista simplicíssimo, dum gato. E' um tal Ashton, porteiro dum palacete; e o proprietário deste, recentemente falecido, impoz em testamento aos seus herdeiros a cláusula *sine qua non* de conservarem o fiel servidor nas suas funções. Mas o porteiro tem um felino de estimação; os novos donos da casa, a pretexto de higiene e asseio, intimam-no a desfazer-se do bichano; e, não se resignando a tal sacrifício, o porteiro, que tem algumas economias e está disposto a gastá-las num processo, recorre aos serviços do profissional que nunca deixou de esclarecer um crime misterioso nem de obter a punição do verdadeiro culpado.

Desta vez, a dupla missão de Perry Mason comporta as maiores dificuldades — ou as que, para qualquer outro, assumiriam essa condição extrema. A causa, a primeira vista, de tal singeleza, tal clareza, que parece não merecer a atenção dum luminar do fóro e da polícia privada, imediatamente se entenebrece e complica a ponto de se afigurar inextricável. Mas a inteligência excepcional de Perry Mason e os seus recursos que vão às diligências mais extraordinárias e à perpetração de coisas bem semelhantes a autênticos delitos, acabam, como é de esperar, triunfando em toda a linha. E o romance termina com o reclamo à obra que lhe vai suceder, do mesmo gênero e tendo como protagonista o mesmo discípulo de Sherlock Holmes — discípulo que, em mais de um sentido, pretende ultrapassar o mestre.

• • •

OS MAIS BELOS CONTOS FRANCESES, traduzidos por Marina Guaspari, Frederico dos Reis Coutinho, Edison Carneiro, Gilberto Galvão e Constantino Ianni — Vecchi, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Continua a série dos mais belos contos, agrupados por gêneros ou por paizes. Tínhamos os mais belos contos de amor, os mais belos da espécie terrífica, os mais belos da velha e da nova Rússia; aqui estão os mais belos contos franceses.

O volume, de amplo formato e quatrocentas páginas, compreende trinta obras, cada uma de seu autor, desde Fénelon até Guy de Maupassant. Os compiladores — ou os editores — não quizeram homogeneidade de orientações nem de aspectos literários. Sem sair da França e com os grandes nomes franceses que nesta colectânea figuram se bteria um livro só de histórias comovedoras, edificantes, aventurosas, idílicas ou joviais. Certamente, porém, esse plano exigiria mais longa procura e mais cuidado de escolha, ao passo que, como se fez, tudo se facilitou e apressou. Do sumo-sacerdote da ironia, Voltaire, se nos oferece o conto moralista *Jeannot e Collins*, com a conclusão de não ser na vaidade mais ou menos ostentosa que reside a pura felicidade; de Diderot, filósofo e crítico, fundador, com Rousseau e d'Alembert, da Enciclopédia, vem a *História do Padre Hudson*, meio doutrinarista, meio libertina, e à qual serve de fecho uma frase que o tradutor substituiu por um eufemismo — e fez muito bem; o romancista dos amores celebríssimos de Paulo e Virginia, Bernardin de Saint Pierre, está representado por uma narrativa localizada na Índia e que dá ensejo a uma dissertação de certo letrado chinês, discípulo de Confúcio, sobre as religiões e a natureza; *O leproso da cidade de Aosta*, com as surpreendentes revelações dum enfermo isolado do resto do mundo, é um trabalho de Xavier de Maistre, bem diverso, na orientação dos conceitos e no feitiço literário, da sua conhecidíssima *Viagem à roda do meu quarto*...

Nestes e noutros casos se preferiu, portanto, separar da produção dos autores certas peças que, por se desviarem da feição geral ou vulgarizada das suas obras, proporcionassem aos leitores menos eruditos alguma novidade, alguma surpresa. E eis incontestavelmente um dos atrativos do presente volume.

China Contemporanea

Publicados pelo serviço de informações da Legação da República da China em Cuba, recebemos os três primeiros exemplares da série que foi iniciada com o título acima.

São interessantes folhetos sobre a China atual.

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM
É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA
RESFRIADOS
UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

Novos

CAMINHOS, poesias de Alysio de Castro, da Academia Brasileira de Letras — F. Briguiet e C. editores — Rio de Janeiro, 1944.

O Sr. Alysio de Castro é um belo e nobre poeta. Os seus versos, que indeclinavelmente se revestem de formosura, do mesmo modo acasam a herança, o sangue, a raça. Este rimador trouxe com a própria vida a bênção de prezar e honrar a poesia. Percorrer as páginas do seu livro é notar, de momento a momento, os conceitos elevados e os labores duma arte que não transige nem se descuida nunca. Tudo são pensamentos puros e expressões esmeradas. O amor ao passado, que por toda a parte se afirma, vem a ser sobretudo o respeito, o culto das coisas perfeitas que ficaram. E nos cantos que exaltam as imagens e os aspectos ressoa a voz dum parentesco imperecível.

O Sr. Alysio de Castro serve, ilustrando-a, uma tradição de idealistas e de cultores da forma. Por isso o vemos, louvando Alberto de Oliveira, celebrar os séres e os mitos a que o evocador da *Galera de Cleópatra* também rendeu o preito do seu gênio. Com ele e levando por guia a sua memória amada, anda pela Roma e pela Grécia, por entre poetas, artistas, filósofos; hembraia com os deuses que Ovídio dotou de novo prestígio ou definitivamente immortalizou; contempla a História, como venerandamente se fixou e também como, segundo a versão anedótica, é escrita; e volta ao Brasil, aos cenários onde Alberto amou, sofreu, envelheceu e mais do alto do espírito e do fundo do coração poetou. Os poemas consagrados pelo autor dos *Caminhos* aos panoramas e às antigas figuras da Itália podem ser considerados, pela natureza da inspiração e a feição realizadora, netos legítimos das odes de Horácio que ele traduz com a afeição e a devoção de quem reconstitue relíquias de família. E é o sagrado sentimento filial que o leva a colocar na primeira página deste novo livro o soneto a Francisco de Castro, escrito no trigésimo aniversário da sua morte.

"Tudo acabado", ouvi. Já o niveo rosto
Com o rendilhado lenço então lhe culro...
Ziziava uma cigarra. Era em Outubro,
E a manhan tinha os ares do sel posto

Pensei no Christo, lá, da cruz deposto
Das chagas tendo o traço em sangue rubro,
E a ver si vida ao morto lhe descubro
Os lábios na demissa fronte encoberto.

O morto era eu! Morreria
Na flor primeira a alegre mocidade,
Mas (milagres do amor!) nesse repente

Ambos nós renascemos. Pae perfeito:
Pois si ainda em mim ha coração que sente,
E's tu que pulsas dentro do meu peito!

ALYSIO DE CASTRO

CAMINHOS

TIRADENTES, ensaio de Luís Pinto; Editora Panamericana — Rio de Janeiro, 1944.



Não quis o Sr. Luis Pinto fazer, nestas paginas, uma biografia. "... não vou — diz ele no prefácio — fazer uma biografia de José Joaquim da Silva Xavier. E' meu intuito traçar o roteiro da Conspiração Mineira e, no desenrolar dos acontecimentos, colocar Tiradentes no lugar que lhe compete, como o elemento nuclear da Inconfidência, a sua maior figura, até hoje ultrajada pela incompreensão dos que não querem encarar o fato histórico sem enfeites nem id iluterações." Sem dúvida este plano é mais amplo; exige vistas superiores e mais esforçado trabalho que os exigidos pela obra estritamente biográfica. Mas o Sr. Luis Pinto leva dignamente a cabo o seu intento. Dir-se-ia até que e não escassearam recursos nem tempo, ao contrário do que ele declara em outra passagem do antelôquio: "Tiradentes foi escrito às pressas. As pressas, como tenho feito tudo nestes últimos tempos. De l cado do meu Estado, onde vivi com honra, lá deixei parte dos meus livros e da minha documentação, produto de investigações e estudo." Se, porém, alguns elementos faltaram ao autor, não seriamos nós, leitores, que lhes sentiríamos a falta.

A individualidade de José Joaquim da Silva Xavier tem sido enormemente discutida, controversa até ao extremo, bem como a política de Portugal, na época, em relação à sua colônia. Apologistas ardentes o elevam às nuvens, não poucas comentários divergem do Sr. Luis Pinto — ou, antes, vem o Sr. Pinto a divergir deles — quando o considera o fator essencial, nuclear da Conspiração Mineira. Não importam maiores louvores nem quaisquer restrições para se apreciar o valor da obra, presente. Das suas próprias investigações e do que obteve de anteriores publicações, assinadas por Varnhagen, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Silvio Romero, Manoel Bomfim, Oliveira Martins e outras sumidades — estabeleceu o Sr. Luis Pinto o seu critério, a sua teoria, para lhe dar uma forma tanto quanto possível pessoal. E para os que reclamam todos os nomes, todas as datas, há no fim do volume um sistema de dados, que de certo nada deixa a desejar.

J. L.

CADEIRA-MESA "LISBOA" PARA TELEFONE



MAR. REG.

PAT. 33.577

Preço Cr\$ 650,00

LOJA

R. 7 DE SETEMBRO, 164
Tel. 43-8704



Moveis Lemos

RIO DE JANEIRO

com

0,92 x 0,36 x 76 alt.

Movel

elegante e pratico
com gaveta para
livros telefônicos.

apresentado por

FABRICA

R. BENEITO HIPOLITO, E
Tel. 43-9631

ESTE E O CHARUTO
VITORIOSO



Apenas um lembrete
de que a adorável fragrância
de Lavender, de Yardley,
voltará com a paz.

Yardley
de Londres

Nação Armada

Recebemos um exemplar da edição da revista supra referida concernente a Novembro de 1944.

E' o numero 60 do 5º ano, trazendo matéria variada

Henry Purcell

Por J. A. Westrup

LONDRES, novembro — Henry Purcell, o grande compositor britânico do século dezessete, foi geralmente pouco admirado até 1876, quando foi formada a Sociedade Purcell com o objetivo de publicar uma edição completa e autorizar os seus trabalhos. Nascido em Westminster em 1659, filho de Henry Purcell — um membro da Capela Real — foi admitido como corista da Capela ainda criança e ali permaneceu até 1673, quando perdeu a voz.

Estudou música com três grandes mestres, sendo o último deles um distinto compositor, o Dr. John Blow, cuja influência é aparente em muitas obras de Purcell. Em 1680 substituiu o Dr. Blow como organista em Westminster Abbey e começou então a escrever música. Era igualmente organista da Capela Real e "Compositor do Rei".

Nesse última qualidade compunha um hino para cada acontecimento público, dos quais os mais belos são "Swifter, Isis, Swifter Flow" e "Fly, Bold Rebellion". A canção inglesa já adquiriu os seus acentos característicos na Idade Média, e o encanto dos madrigais britânicos consiste não somente na letra como também no manejo subtil das palavras inglesas.

Purcell, o primeiro compositor inglês a fazer com que cada palavra fosse cantada e não falada, tomara como modelo os mestres italianos. A Inglaterra não importou imediatamente a ópera da Itália, mas emprestou-lhe a nova arte de recitar. O acompanhamento desses recitativos não era rigidamente prescrito ainda. Felizmente a canção declamada não matou o estilo mais simples da canção de ritmo regular.

Nessa época em que Purcell estava em plena atividade como compositor — ali por 1680 — esses dois tipos de canções eram familiares. Usou ambos e algumas vezes combinou-os numa simples canção, no estilo de uma cantata italiana.

Purcell mostrou nas suas composições líricas que o respeito pela "nota e acento justos" não era a única prerrogativa da canção declamatória. Tem os um exemplo em "O Attempt from Love's Stickness to Fly" — uma canção tão encantadora que não se pôde deixar de observar como Purcell deu valor à significativa palavra "fever", com a música elevando-se na linha anterior e a

UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid *você* pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

De-lhe estas
Jóias perfumadas!



EXTRATO MIRAGE

grande Cr\$ 70,00
médio Cr\$ 35,00

LOÇÃO MIRAGE

grande Cr\$ 50,00
médio Cr\$ 28,00

POURQUOI PAS
Cr\$ 100,00

PRODUTOS

ATKINSONS

11N A AM-P-3-535-5

palavra ajustando-se a uma frase que vai baixando. Podemos imaginar o quanto ele se sentiu encantado, com a sua viva apreciação do estilo italiano e do idioma inglês, ao encontrar uma palavra que não fosse nem um expediente nem uma convenção.

Essa escrupulosa atenção prestada às palavras individuais encontra naturalmente a sua mais intensa expressão nas composições declamatórias. O ouvinte que casualmente qualificar essas composições como "recitativas" pouca ideia terá da subtileza de que era capaz

Purcell. E' verdade que abrangiam certo número de convenções, derivadas em parte de fontes italianas e, em parte, dos imitadores ingleses dessas fontes. Mas quando Purcell dominou completamente o seu texto, tornou as convenções suas servas e o resultado é uma forma de expressão musical que não tem paralelo. Essas canções declamatórias, nas quais os acentos das palavras são fielmente seguidos e o sentimento interpretado com riqueza de ornamentação, são um produto único da fusão do estilo italiano com o idioma inglês.



Esta Não Ficar Solteirona

★ Não falta nada para completar essa beleza radiante que todos admiram. Ela bem sabe quanto vale a Triple Ação do Crêmo Dental Kolynos, que refresca, embeleza e limpa os dentes. Adote o mesmo sistema:—use Kolynos duas vezes ao dia, para ter uma dentadura linda, sadia... e um sorriso cativante!

Use-o com Confiança





A NOVA FILIAL DE "GATO PRETO" — A conhecida casa de calçados GATO PRETO, com matriz no largo da Lapa, satisfazendo às exigências de seus vultuosos negócios, acaba de instalar mais uma luxuosa filial, à rua do Passeio, 70, ao lado do cinema Plaza. A inauguração desta casa compareceu o maior número de elementos da nossa alta sociedade, amigos e admiradores da firma Ferreira Henriques & Cia., que lhe foram levar as suas felicitações. Nas fotos que aqui reproduzimos vemos, à direita e à esquerda, dois aspectos da inauguração e, ao alto, uma vista da fachada da nova filial de GATO PRETO.



Nicolau Glaive

(Continuação d. pág. 19)

Fui então acometido dum acesso de cólera:

— Vou processar esses miseráveis!
— Processa! repetiu Prenant, estupefato. — Mas será ainda pior o escândalo. O advogado dos réus toma-lhe a sua conta, dirá o diabo do senhor. E o grande argumento, o cavalo de batalha: "Poderá a testemunha dizer-lhe se, com conhecimento seu, o senhor Glaive esteve, o ano passado, em Bonifácio-Bains?" E a caça resposta das testemunhas: "Não sei" ou "Ouvi dizer que sim", o advogado se voltará para o júri e abrirá os braços, triunfante. Porque, respondam as testemunhas o que responderem, sempre o advogado se volta para o júri e abre os braços, com a de triunfo.

Prenant gicou esse tema durante uma boa hora e retirou-se, verdadeiramente descoroado.

8 de abril. — Dia de indecisão, de ansiosa expectativa. Prenant não me apareceu hoje. Por onde andará? Que estará para acontecer? Abstei-me de fazer disto a minha mulher, que começa a inquietar-se com os meus modos assustados, apensivos...

9 de abril. — Prenant procurou-me hoje ao meio dia. Parecia mais calmo... Mas terrivelmente misterioso. Havendo no esotérico outra pessoa, declarou que precisava de me falar em particular.

Conta-me então o que andou fazendo. Não perdeu o seu tempo. Chegou à conclusão de que Saint-Théophile não passava dum canalha. Os nossos adversários tinham-lhe prometido tres mil francos para depor contra mim. E o sujeito contava com esse dinheiro para embatear com destino à América do Norte. Ora, se nós lhe dêssemos quatro mil francos para ele embarcar imediatamente? Não era boa idéia? Quanto ao diretor do *Eleitor* do 22.º Distrito, que estava disposto a divulgar a história de Bonifácio-Bains, bastariam dois mil francos para lhe tapar a boca...

O que há de mais horrível em tudo isto é que o próprio Prenant, o meu amigo Prenant, se não mostra inteiramente convencido da minha inocência! Ainda teimeio um pouco, declarando-me inclinado a intentar o processo. Prenant, porém, mostrou-se tão contrariado, tão nervoso, que acabei passando-lhe as seis notas de mil francos. Custe o que custar preciso da minha tranquilidade. Tenho já a minha consciência. Agora, tenho também os canaihas por mim.

12 de abril. — Meu primo Carlos, que tem viajado muito e entende de política, mostrou-se, a respeito da minha eleição, bastante otimista. Excelente sinal! Porque Carlos é tido pela família na conta dum pessimista de marca. E está tra-

balhando por mim ardorosamente. Hoje, falou com dois eleitores que lhe prometeram o seu apoio "à boa causa". Ontem convenceu um acendedor de lampões, partidário de Triquet, a virar a casaca em meu favor.

14 de abril. — Nas últimas eleições Triquet alcançara 3.500 votos contra 3.050 a Témamon. Eis, desta vez, os papéis de Prenant: *Eu*, 2.400; *Triquet*, 2.400; *Témamon*, 1.300 a 1.400. Assim, serei eu eleito no segundo escrutínio, graças ao acréscimo dos votos de Témamon.

— Não tenha dúvida! garantiu-me Prenant. Nem Triquet pode vencer nem Témamon; e o senhor irá no meio.

16 de abril. — Nas reuniões eleitorais de Triquet, todos os homens de bem condenavam com indignação os expedientes usados por Témamon; nas reuniões de Témamon, todos os cidadãos íntegros se mostram revoltados diante do procedimento de Triquet. Excelentes para mim: essas refregas! Prenant diz muito bem: vou no meio.

18 de abril. — A eleição está me custando, até esta data, cerca de 15.000

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

francos, ou sejam exatamente 16.850 francos. Ao que, porém, me diz Prenant, os meus adversários já despenderam, calculando por baixo, 30.000 francos cada um.

19 de abril. — Os jornais de hoje publicam as suas listas de candidatos. Uns apadrinham Témamon, outros Triquet. "Excelente sinal!" diz Prenant. Só o *Pantheon do Comércio*, periódico ilustrado, sustenta a minha candidatura. Deu até, com retrato, a minha biografia. Encemendei dois mil exemplares: mil para os principais eleitores e mil para mim.

27 de abril. (o grande dia) Oito horas da manhã. — Está um bonito dia. Excelente sinal, diz Prenant. Muitos eleitores de Triquet irão passar o feriado no campo e por conseguinte não comparecerão às urnas. E corre um vento

(Continúa na página 45)

DÔRES NOS PÉS, PERNAS E CALCANHARES?

Pés cansados e doloridos; dôres nos pés e nas pernas, semelhantes a reumatismo; calosidades, ou calcanhares sensíveis — estes são os sinais de debilidade ou caída dos arcos.



1A-S-32

Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dôres, eliminando sua causa — a distensão dos músculos e nervos — e fazem os arcos caídos retornarem à posição normal. Anatômicamente ajustados nas Lojas Dr. Scholl.

Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFÔRTO DOS PÉS
RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO • RUA AROUCHE, 71 - S. PAULO

SUPORTES DE ARCO
REMÉDIOS
CALÇADOS



REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

Vestidos Brancos



1) Distintíssimo é este modelo de seda branco com pespontos e babado formando lapela — 2) Muito prático é este vestido de linho branco realçado com pespontos — 3) Gracioso modelo de crepe mate branco, com babados do mesmo tecido e botões decorativos. — 4) Fitas de veludo de cor viva dão uma nota alegre a este lindo modelo em shantung branco. — 5) Este vestido de crepe de seda branco leva um babado que forma duas grandes flores sob os ombros.



6) — Os dois motivos de metal dourado, e a aplicação de duas tiras pespontadas que vão dos ombros à borda das mangas, dão a este modelo um toque de grande elegância. 7) — Interessante "chemisier" de linho e seda branco, com bolsos originais. 8) — Pincos e grossos pespontos enfeitam este modelo de duas peças, cujo decote é realmente encantador. — 9) Lindo "tailleur" de linho com grandes botões e laços do mesmo tecido. — 10) Os pespontos e botões vermelhos dão a este vestido de shantung branco uma nota viva e colorida.

*Modas para
senhora...*

44

RUGOL

O CRÈME
EMBELEZADOR DA PÉLE

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Vestidos
lingerie

costumes
blusas

meias - bolsas

lenços

maillots

culotes

botas de montaria

cintas e soutiens

perfumes

MODAS

BLOMBINE

FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
SIMPLES E ELEGANTE É ESTE VESTIDO
DE SHANTUNG VERDE COM MANGAS CUR-
TA DE CORTE ORIGINAL E COM APLICA-
ÇÕES DE "VIEZES" BRANCOS

VESTIDO DE SEDA QUADRICULADA, COM
BOLSOS, TENDO OS OMBROS E A BARRA DA
SAIA CORTADOS ENVIEZADOS.

VESTIDO DE SEDA ESTAMPADA COM
GRANDES BOLSOS E ENFEITADO COM
"ROULOUTÉ"

VESTIDO JUVENIL, CINTURA BEM JUSTA
E BABADOS FORMANDO MANGAS.

DUAS PEÇAS EM SHANTUNG ESTAMPADO
ADORNADO COM BABADOS E BOTÕES
BRANCOS



Casa José Silva
RUA MIGUEL COUTO 3 • 5



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

60 = O PERFUME

Rion

O PERFUME DOS
MIL SONHOS

Nicolau Glaive

(Continuação da página 41)

fiio, o que é ainda uma vantagem para nós, porque os transeuntes não se detêm a ler os cartazes que, á última hora, os adversários esfixaram para nos prejudicar.

Meio dia. — Prenant vem a toda a pressa almoçar comigo:

— As coisas, vão bem... anuncia ele — mas não tão bem como poderíamos esperar. Acabo de correr as secções eleitorais. Há um contingente considerável de jovens eleitores cujas prefe-

rências não são conhecidas... Vencemos, quanto a isso não há dúvida. Mas vai custar um pouco!

Meia noite. — Vim a saber, ás oito horas, o resultado das urnas: Triquet, 3.190 votos; Télamon, 2.815; Nicolau Glaive, 523. Prenant declara-me que é um resultado soberbo, visto tratar-se duma campanha improvisada, módica, sem propriamente movimento de imprensa... Moralmente, não deixou de ser, para mim, uma vitória. Amigos que tinham vindo para me felicitar, ficaram para me fazer companhia. Organizámos um joguinho modesto. Foi uma espécie de serão de condolências.

pelos outros dois candidatos, triunfará no segundo escrutínio aqueie a quem eu der a minha votação. A questão, portanto, é esta: Em favor de quem desistirei? O meu companheiro de luta, Prenant, está indeciso. Ontem aconselhava-me a dar os meus votos a Triquet: e esta manhã disse-me que o melhor seria, pura e simplesmente, desistir...

29 de abril. — Prenant aconselha-me definitivamente a escolher Triquet. Está decidido. Redijo a minha declaração. Os quinhentos votos vão para Triquet.

E' extraordinário como, nesta terra de gente leviana e crédula, se formem e espalham as lendas! Eis, palavra por palavra, o trecho de conversa que hoje ouvi na minha habitual viagem no trem de subúrbios:

— Já lhe contaram o que se passou nos bastidores das eleições de Montsouris

Sud? E' uma história deveras curiosa. Por causa da sua política um pouco avançada de mais, Triquet receava, desta vez, ser derrotado pelo reacionário Télamon. Então, disse consigo: "Vou arranjar um candidato republicano modelado que lhe tirará algumas centenas de votos e depois desistirá em meu favor. "Deu cinco mil francos a um tal Prenant, agente eleitoral, para descobrir e agitar o candidato em questão. Prenant valeu-se dum Glaive ex-negociante bastante decorativo com quem naturalmente "rachou" os cinco mil francos. Mas após o primeiro escrutínio, cuja decisão se não tornou absoluta, Prenant foi dizer a Triquet que Glaive não queria desistir em favor dele; e Triquet teve que largar mais tres mil francos que, sem dúvida, os dois compadres tornaram a "rachar"... Valeria a pena eu perder tempo a desfazer semelhante balela? Calei-me, dei ao desprezo. Mas aí está como se escreve a História!

28 de abril. — Tendo eu alcançado 523 votos e sendo de menos de 500 a diferença entre os sufrágios obtidos



CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDENCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurinos da última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - SÃO PAULO

223

Ilmo. Sr. DIRETOR:
Peço enviar-me
GRATIS E SEM
COMPROMISSO
o folheto e as informações completas
sobre o Curso de
Corte e Costura.

NOME _____
RUA _____ N.º _____
CIDADE _____ Estado _____



CASA ANGLO-BRASILEIRA

Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131



F. FARQUINO

Locções GALLY

PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

Orygam - Rêve Rose - Narciso Azul
Paris e Harpa

A VENDA EM TODO O BRASIL



Com a paz chegará tambem Sabonete PEARS!

Por estar colaborando com algum de seus ingredientes, ao vital esforço de guerra das Nações Unidas, o Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente fabricado. Tão cedo, porém, cesse o atual conflito, o Sabonete Pears voltará a oferecer aos seus consumidores, as mesmas insuperáveis qualidades que o tornaram famoso no mundo inteiro!

SABONETE



LINTAS PWB 7-0367



Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua-Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — 1 BELO VESTIDO DE LINHO, SEM MANGAS E COM TIRAS CRUZADAS DO MESMO TECIDO, REALÇADAS POR LARGOS PESPOINTOS. — 2) ESSE MODELO DE SEDA LISTADA LAVAVEL É ENFEITADO APENAS POR UMA GOLA SPORTIVA DE PIQUÉ BRANCO.

3 — UM BABADO EM FORMA DE AVENTAL É APLICADO SOBRE ESTE LINDO VESTIDO DE LINHO, ENFEITADO COM BORDADOS EM CORES VIVAS — 4) MUITO ELEGANTE, DENTRO DA SUA SIMPLICIDADE, É ESTE MODELO DE LINHO OU SHANTUNG PASTEL, QUE LEVA NO DECOTE E NOS BOLSOS BORDADO INGLEZ — 5) GRACIOSO MODELO DE BORDADO, COM FIGURAS EM CORAÇÕES EM PONTO DE CRUZ; TANTO VESTIRÁ BEM AS MENINAS COMO AS MAMÃS.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

MODAS



incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PÁSTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

Madame Chang

(Continuação da pág. 35)

— Por que quer me obrigar a falar? Gaguejando, Lúcio protestou. O chinês pareceu tranquilizar-se. — Desculpe. Pensei que tinha sido uma brincadeira da nossa colaboradora que lhe ia custar muito caro.

Foi até á porta: — Póde entrar. Ele já me disse o que eu queria saber...

Madame Chang olhou para Lúcio. Ele sorriu, tranquilizando-a.

— Tudo em ordem?

O chinês disse:

— Tudo em ordem. Eis o seu dinheiro, sr. Lupton.

Lúcio contou quatro mil libras.

— Certo.

Não predeu essa oportunidade para fazer ver a Madame Chang que percebera o aviso. Gaguejou. Ela deu um sorriso aliviado.

— Um brinde? sugeriu o chinês.

Lúcio assentiu. O chinês encheu os copos de todos de champagne, e disse:

— Ao sucesso da nossa empresa!

Nesse momento, soou á porta uma pancada. O chinês foi abrir. Um homem, fantasiado de Mefistófelis, com uma fantasia perfeitamente igual á de Lúcio entrou e disse, vendo Madame Chang:

— Pode considerar-se vencedora. Eu me entrego. Assinarei o contrato.

Gaguejava.

O chinês não fez o menor gesto que denunciase espanto. Fechou, cuidadosamente, a porta, e disse:

— Sente-se Sr. Lupton. Não é esse seu nome?

Lúcio sentiu um frio na espinha.

Madame Chang olhou para o desconhecido, com um ar suplicante, porem ele não pareceu compreender. Finalmente, vendo Lúcio, ficou espantado. Parou, com ar surpreso, e disse:

— Mas...

O chinês riu baixinho:

— Eu acho que alguém vai ter que dar muitas explicações...

Madame Chang levantou-se:

— Eu explico. Você sabe que se eu falhasse nessa missão seria assassinada.

Pois bem: Arranjei este homem — apontou para o recém-chegado, para aparecer aqui às dez horas da noite. Se não tivesse tido a sorte de persuadir Lupton

a vir aqui e assinar o contrato restar-me ia essa alternativa...

Lúcio viu que agora tudo dependia de seu comportamento. Levantou-se e gaguejando sempre disse:

— Quem é o senhor?

O homem não respondeu. Então, virando-se para Madame Chang, Lúcio falou:

— Minha senhora, eu nunca pensei que me fizesse isso. O papel está assinado. Um compromisso entre nós. Porem como contrato legal não tem o menor valor. Ainda não dei o recibo do dinheiro. A transação ainda pode ser cancelada e é o que eu vou fazer.

O chinês agiu depressa:

(Continua no proximo número)



Novo e Moderno
Leite de Beleza LaLaque

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALIQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALIQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



A VENDA EM TODO O BRASIL

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

*Lábios preciosos
como joias*



As mulheres que usam VANESS fasci-
nam com seus lábios delicadamente
pintados.

Se o baton que V. usa não empresta
a seus lábios esse encanto vital que
conquista a admiração de todos os ho-
mens—experimente o baton VANESS.

A superioridade do VANESS consiste
em sua base de "Creme-Veludo", que
nunca resseca, conservando indefini-
damente o frescor e a suavidade dos
lábios—preciosos como joias.

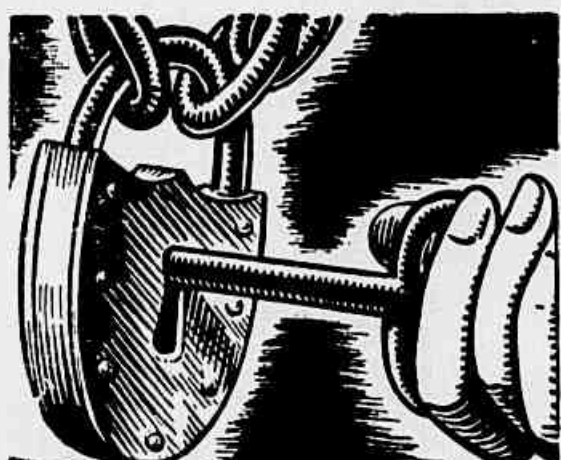
Van Ess
Baton - Rouge
p6

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente
um litro de bilis. Si a bilis não corre
livremente, os alimentos não são dige-
ridos e apodrecem. Os gases incham o
estômago. Sobrevem a prisão de ventre.
Você se sente abatido e como que en-
venenado. Tudo é amargo e a vida é
um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará
a causa. Neste caso, as Pilulas Carters
para o Fígado são extraordinariamente
eficazes. Fazem correr esse litro de bilis
e você se sente disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indica-
das para fazer a bilis correr livremente.
Peça as Pilulas Carters para o fígado.
Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

Jôgo de bichos



-Que é isso, mamãe?
-Dizem que é gúrlhotina...

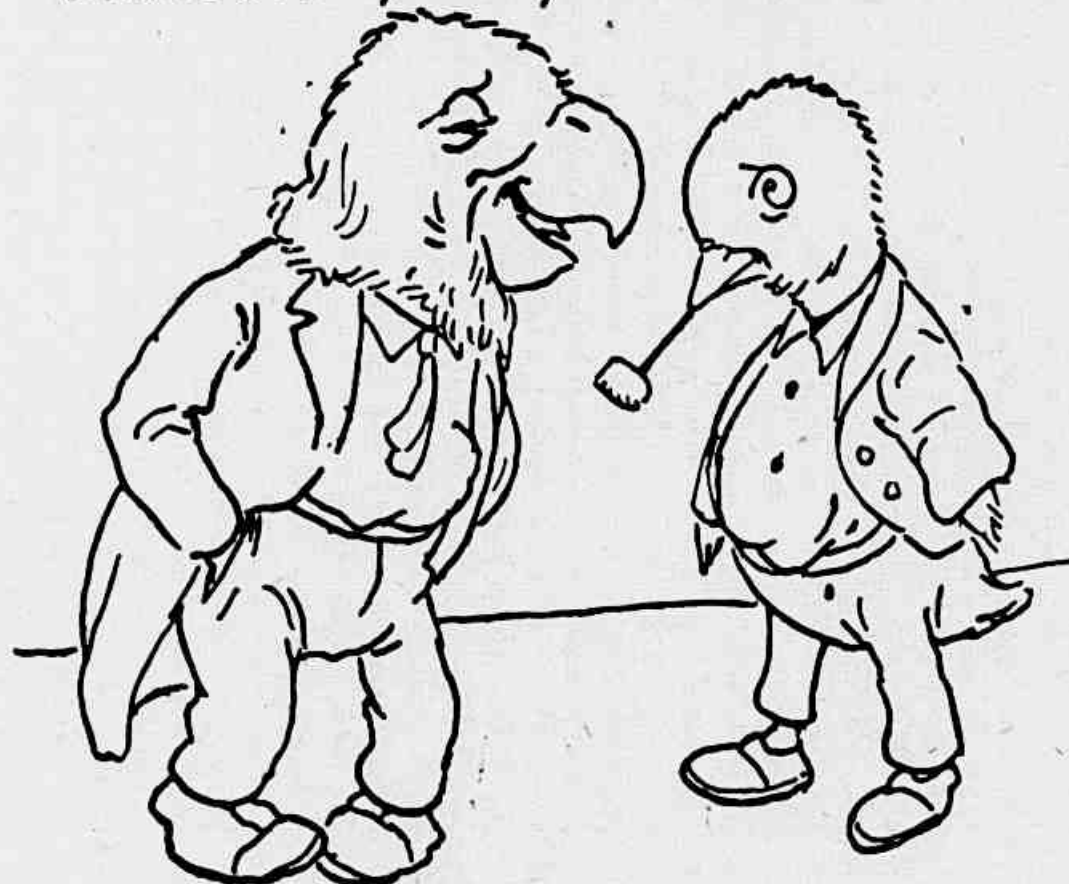
-Menina, acêite este singêlo
ramalhête...



-Bem sei o que é quádro humano.



-Sou a nata dos fabricantes
co' a alháda da manteiga.



-Você é livre do racionamento.
-Claro! Sou papagaio, não sou "arara"



-Sério? Vou figurar no açôgue?
Que ôuço!...

PAUL

PICOT — O espião, outro dia... não teve tempo de fugir...

LESLIE — O que é que eu tenho com isso?

PICOT — Você, nada... Eu, nada... Ninguém tem nada... Mas ele não saiu da propriedade Kergueven...

LESLIE — Não há de querer dizer que ele está entre a terra e o assoalho do barracão... a não ser que se tenha transformado num verme...

PICOT — Hi... Você disse uma grande verdade... Como é mesmo que você se chama?

LESLIE — Leon... Vertraest...

PICOT — Ah... sim... Leon... Belga... belga... sim... Pois é... Tem momentos que a gente até vira verme...

LESLIE — Bem... Preciso sair, Picot...

PICOT — Não sai agora...

LESLIE — Isso é uma ordem?

PICOT — É... tenho ordem do doutor Zimmerman...

LESLIE — Uma batida no barracão...

PICOT — É... uma batida... Ele disse até que eu poderia botar o barracão abaixo...

LESLIE — Botar o barracão abaixo... Demolir o barracão...

PICOT — Que tal?

LESLIE — O que?

PICOT — Demolir esse barracão... (ri) Ficou amarelo... Ficou amarelo... O senhor é belga... hortelão...

LESLIE — Picot!... Eu não tenho medo de você... Sei que você é um espião a serviço dos alemães... eu tenho a consciência limpa... Não gosto, como não poderia gostar, dessa gente que está aquartelada no castelo... Sabe por que não os suporto?... Porque a minha pátria foi massacrada, escravizada como a sua, Picot!... A França... a tua terra natal!...

PICOT — Não mude de assunto... Sabe o que eu estou pensando?

LESLIE — Ouço...

PICOT — Chamar vinte soldados...

LESLIE — Para que?...

PICOT — Esse lugar é muito incômodo para o senhor... Pode fazer mal à sua saúde... dormir aqui... O senhor viu o espião...

LESLIE — Ein?

PICOT — Você viu o espião... Ele entrou aqui... aqui no barracão...

LESLIE — Por que não disse isso ao doutor Zimmerman... já que tem a certeza?

PICOT — Porque não tenho a certeza... agora é que eu vou ter a certeza.

LESLIE — Agora?

PICOT — Sim... Eu vi de longe um vulto... Ele entrou aqui!... E ele ainda não saiu das propriedades do general!...

LESLIE — Você está louco!... Ele está aqui?

INTERLÚDIO

LESLIE — Então, Picot, veio-te à idéia a demolição desta habitação?

PICOT — Falarei ao doctorr Zimmerman...

LESLIE — E por que demolir o barracão?

PICOT — Ele entrou aqui... E ele não saiu...

LESLIE — Quem?

PICOT — Você sabe... (rindo).

LESLIE — O tal espião?

PICOT (rindo) — Olhe as pontas dos seus dedos... tremem...

LESLIE — És um louco... Isso, sim...

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

PICOT — Abre a porta, Leon Vertraest...

Contra-regra: passos que se afastam; girar de maçaneta.

LESLIE — Que quer, amigo?

VOZ — O corcunda Picot está aqui?

PICOT — Estou... Que quer, Schultz?

VOZ — Doctorr Eric Zimmerman mandou-te chamar, corcunda...

PICOT — Já vou.

Contra-regra: passos que se afastam.

PICOT — Ah!... A loura... está esperando você, Leon... (rindo).

LESLIE — Obrigado pelo recado...

PICOT (passos cambaleantes) — Não há de que... (rindo) Não há de que...

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

IRENE — Quem é?

ALAIN — Sou eu.

IRENE (apreensiva) — Quem?

ALAIN — Teu marido... Alain...

Contra-regra: passos e girar de maçaneta.

IRENE — Oh!... Grande honra... A pessoa simpática de meu marido em meu apartamento... Entre, meu amor...

ALAIN — Rogo-lhe, minha esposa... Estou saturado de suas ironias...

IRENE — Oh!... Irritado!... Não quero vê-lo irritado e nem de fisionomia fechada assim... Sente-se, meu bem... Fez bem em vir... Eu desejava vê-lo com urgência...

ALAIN — Acredito, Irene...

IRENE — O que?

ALAIN — Que desejavas a minha presença...

IRENE (sorrindo) — Por que?

ALAIN — Com efeito, esperavas a minha visita. Há dois cálices ali sobre a mesa...

IRENE — Não se trata disso...

ALAIN — Irene!... (baixinho e tenebroso) Irene!...

IRENE — Largue-me o braço!... Está me magoando...

ALAIN (entre dentes) — Que fazia Leslie no balcão?... Vi os dois juntos... tu e ele... Eras toda carinho para o meu cunhado... Esses cálices de vinho já servidos...

IRENE — Ah!... Você viu?

ALAIN — Onde está Leslie?

IRENE — Procure-o...

ALAIN — Escondido no banheiro? Tu o escondeste!...

IRENE — Ele saiu... Verifique isso você mesmo.

ALAIN — Ah!... Ainda bem... Não está louca para agir com tal imprudência?

IRENE — Claro... já que se acalmou, querido... Bem sabe que a presença do jardineiro do castelo a cuidar das minhas flores nada tem de anormal.

ALAIN — Estás perdendo a cabeça, Irene. Estas flores evidentemente não passam de um pretexto...

IRENE — Pretexto? Por que diz isso?

ALAIN — Sim, pretexto... Eu gostaria de saber... estou no meu direito, Irene... Por que atraís o meu cunhado para o teu quarto?

IRENE — Faz muita questão de saber?

ALAIN — Muito além do que podes supor...

IRENE — Vou satisfazer a tua curiosidade... Leslie é um rapaz que me agrada.

ALAIN (atordoado) — Agrada-te? Tens a coragem de lançar tão tremenda revelação à face do teu marido? Irene!...

IRENE — Solta-me os braços... Desertor!...

ALAIN — Desertor... Essa é a tua arma contra mim...

IRENE — Já que sabe, por que se arrisca?...

ALAIN — Desertor...

IRENE — E dito isso, querido, ficam dispensados todos os comentários... Seriam imensamente aborrecidos, não é verdade?... (carinhosa e solícita) Aceita um cálice de Porto?

ALAIN — Não!...

IRENE — Oh!... Zangadinho...

ALAIN (murmurando) — Ah!... Sim... tu dispensas os comentários... Bem... vou dar-te razão... Eu sei porque meu cunhado te visita... Ele também é vítima da tua chantagem!...

IRENE — Oh!...

ALAIN — Sim... uma vítima da tua chantagem... Julgo-te sórdida... mas não avaliava tanto refinamento de perversidade na alma de uma mulher...

IRENE — Oh!... Bem desejava eu conhecer a mim mesma... Está se tornando um fiel espelho onde posso mirar essa alma tão perversa... (rindo) Fale. Gosto de ouvi-lo falar... uma coisa que admiro em você, Alain, são as expressões que emprega... Fale!... E depois?

ALAIN — Leslie Westbury... não é do meu cunhado que falo, Irene... É o do capitão Leslie Westbury... em missão secreta na França ocupada... Precisa de teu silêncio... e o tens em tua mão!...

IRENE — Eu sou uma criatura assim, meu bem..... Não vá invocar com rasgos de eloquência o grande sentimento da honra!... Da lealdade!... Do dever!... (rindo) Principalmente do dever! Você, um herói... que enfrentou quase sozinho uma patrulha alemã ao norte da Maginot!... (rindo).

ALAIN — Tens a vida de dois homens na mão e te aproveitas disso.

IRENE — Não queria magoar-te, meu querido espôso... mas confesso... isto é uma opinião toda pessoal... A tua vida não vale grande coisa ao lado da dele. Leslie é um bravo!... É, na expressão fiel da palavra... (pausa).

ALAIN — Terminal!...

IRENE — Um homem!...

Técnica: música.

Alain (exaltado) — Irene!...

IRENE — Toma cuidado, Alain de Kergueven!... Não me conheces ainda bem... Não conheces a plebéia Irene Michon!

ALAIN (entre dentes) — Toma cuidado, aconselho-te eu!

IRENE (zombeteira) — Tomar cuidado em que? Sim... em que, meu nobre e hierárquico marido? Até agora nesta casa sofri os teus caprichos e os grandes ares de tua irmã, a linda castelã Denise de Kergueven... Neste mundo, meu velho, a vez de cada um está destinada, entendes? Esta é a minha vez!... Há anos que todos vocês, desde teu pai à tua orgulhosa irmã, fazem-me sentir que nada sou. Há anos que tu zombas de mim e que me esmagas com tua ironia, querendo utilizar-me egoisticamente pela minha formosura física!... Vamos!... Não o negues!... Os tempos mudam, meu amigo!... Os últimos serão os primeiros, diz a Escritura. Como tem razão a Escritura!... Sabes quem sou? Sabes o que represento para ti?

ALAIN — És o demônio!... E representas para a minha família uma nódoa fétida e indelével!...

IRENE — Não!... Sou apenas o instrumento de uma justiça imanente, de que pagarás as custas tu e todos os que me humilharam, a tua irmã, o teu cunhado.

ALAIN — Merecias ser espancada a chicote, como a miserável que és...

IRENE — Vamos mudar de assunto... Ao menor movimento de violência de tua parte perderei teu cunhado e toda tua família duma vez... Quem tem a faca e o queijo neste castelo sou eu... Corto-o a meu bel prazer... Vamos, querido, voltar às boas... Ora!... Discutindo atoa... coisas sem importância... Vou dizer-lhe por que desejava vê-lo... Tem você, querido, muito dinheiro escondido na floresta de Guenant, não é verdade?

ALAIN — Dinheiro?

IRENE — Vamos... não queira esquecer maldosamente uma coisa de que me lembro constantemente... E depois o homem apaixonado, entre beijos, conta muita coisa à sua bem amada... (rindo) Então... acima dum milhão de francos...

ALAIN — Não é verdade... não chega a meio milhão...

IRENE — Ah!... Sim... meio milhão... Agora quem se esqueceu fui eu... Sei que tem também no cofezinho que está enterrado na floresta... Aliás um cofre artístico...

pertencente aos antepassados Kergueven... Esqueceu-se, querido, que me contou isso numa linda noite de luar?...

ALAIN — Bastal... O que queres, Irene Michon?

IRENE — Irene Michon... (rindo) Zangou-se?...

ALAIN — Pergunto-te o que queres?

IRENE — Um acôrdo, querido... um acôrdo...

ALAIN — Um abrigo de peles?

IRENE — Não... não quero fazer jôgo de palavras, meu amor... Mas quero abrigo: as peles...

ALAIN — Vamos!... Onde queres chegar?

IRENE — No fundo, senhor meu marido, estamos virtualmente separados de corpo e bens. Um divórcio legal me daria a metade dos bens comuns... não é verdade isso?

ALAIN — Continua...

IRENE — Tu me falaste há tempo em 430 mil francos e em dólares... Quero simplesmente, como a boa razão aconselha, que me dêes a metade... duzentos e quinze mil... e a metade dos dólares... "Fifty-five"... como dizem os patrícios do nosso amado Leslie de Westbury...

ALAIN — Estás falando seriamente, Irene?

IRENE — Oh!... Que pena não termos um fotógrafo neste momento aqui!... Como serias retratado, querido!...

ALAIN — Terás perdido a razão, Irene?

IRENE — Oh!... Nunca tive tanta lucidez como nestes instantes em que te falo, meu amor... Não é justo meu pedido, amor? Não respondes? Por que?

ALAIN — Preferiria morrer de fome e sede numa ilha deserta, que te dar o que acabas de pedir.

IRENE — Tu reconheces que eu tenho direito a isso, não? Eu te suporrei durante cinco anos. Isso representa uma indenização de 42 mil francos, aproximadamente, por ano... Uma bagatela... Que diabo, senhor Alain de Kergueven!... Tenho a presunção de me considerar uma linda mulher...

ALAIN — Bastal... Por Deus, basta, ou eu...

IRENE — Ou você... Vamos... Termine...

ALAIN — Bem... Perdôa-me a exaltação...

IRENE — Trará amanhã então os duzentos e trinta mil francos?

ALAIN — Duzentos e trinta mil?

IRENE — Perdão... duzentos e quinze... Não foi por mal... Bem sabe que eu não faria uma coisa dessas... duzentos e quinze mil, e a metade dos dólares.

ALAIN — Duzentos e quinze mil francos?

IRENE — Sim...

ALAIN — Não te enganaste, querida... Tu sem dúvida queres dizer... duzentas e quinze mil bofetadas!

IRENE — Começal...

Contra-regra: passos.

IRENE — Começa... Vamos!...

ALAIN — Sim... começarei... Perco-me, mas não sairás viva de minha mão!...

Contra-regra: passos fortes; pancadas discretas na porta.

IRENE — Então...

ALAIN — Abra a porta...

IRENE — As muletas, meu amor... Esqueceu-se de que é um inválido?... A muleta...

Contra-regra: ruído de muletas.

INTERLÚDIO

Contra-regra: batem de novo à porta.

ALAIN — Pode abrir, cascavel...

IRENE — Obrigada... Um cumprimento que tem qualquer coisa do chocalhar dessa serpente, meu bem...

Contra-regra: passos que se aproximam; girar de maçaneta.

DENISE — Oh!... Desculpem-me... mas do corredor ainda ouvi... Os namorados brigavam...

ALAIN — Ah!... Essa miserável!... Esse trapo, minha irmã!...

DENISE — Meu Deus, meu irmão... Que dizes?

IRENE — Não lhe dê atenção, minha querida cunhada... Meu marido está em sua crise...

ALAIN — Denise!... Sabes o que esta garça tem o topete de reclamar? Duzentos e quinze mil francos!... Nada mais!...

IRENE — Esqueceu-se dos dólares, querido.

DENISE — Não compreendi ainda coisa alguma... duzentos e quinze mil francos... dólares... E por que?

IRENE — Senta-te, querida Denise... E' conversando calmamente que a gente se entende... Não achas?... Sempre te apreciei!

ALAIN — Cínica...

IRENE — Oh, querido... Está tão nervoso... Senta-te, Denise... Sempre te apreciei pelo que de ajuizada tens em tôdas as tuas atitudes... O teu irmão e eu não nos entendemos mais. Em tempos normais haveria uma solução rápida... cordial... Sim, cordial... não erro... bem amigável... O divórcio!

DENISE — O divórcio?

IRENE — Ouve, Denise... verás que não sou essa perversa que êle por força quer fazer-me... Não... mas em vista das circunstâncias eu lhe ofereço uma solução amável. Ele tem dinheiro líquido, escondido. Eu quero a metade. Apenas isso, minha querida cunhada.

ALAIN — Duzentos mil francos!

IRENE — Oh!... Tua voz lembrou-me o rugido de um leão ferido... Um sábio... um cientista como você se apegava tanto à miséria do dinheiro!

ALAIN — Estás louca varrida!... Duzentos mil francos!... Dar-te essa fortuna!... Eul... E sabendo o que realmente és!... Dar-te todo êsse dinheiro!

IRENE — Não se queixe, meu amor... Estou sendo muito sua amiga... estou lhe propondo um negócio de irmão... Ainda lucra, pois não necessitará pagar a um advogado... Que dizes tu, minha querida cunhada?

DENISE — Meu irmão... que vais fazer?

ALAIN — Que vou fazer? Que vou fazer?

DENISE — Ouve, Alain... já alcancei tudo... Irene conhece a delicadeza de tua situação... Ela está vendendo um silêncio tão precioso como a vida... Sim... do silêncio dela depende a tua vida...

IRENE — A dêle só, querida cunhada? (rindo) Só a dêle?

DENISE — Por que dizes isso, Irene Michon?

IRENE — Oh!... Com que escárneo disse isso... Michon!... Sim... Michon!... Cartas na mesa!... Agora é contigo, orgulhosa Denise... *née* Kergueven... castelã! Tenho vocês todos na mão... diante dum pelotão de fuzilamento... Chegou a minha vez!... Não é só a vida dêle que tenho na mão!

DENISE — A minha?

IRENE — Não!... Mais preciosa ainda, Denise de Kergueven!

DENISE — Meu pai!

IRENE — Quase!

ALAIN — Teu marido, minha irmã!

DENISE (apavorada) — Leslie!...

IRENE — Sim... Leslie... é o homem que eu quero, entendes, Denise? Jurei que um dia haveria de ferir-te em pleno coração... Olha... êsses dois cálices de vinho sobre a mesa... olha o fundo dos cálices... Ainda tem um restinho. Ele e eu bebemos à tua saude!...

DENISE — Ele... êle...

ALAIN — Sim... esteve aqui, minha irmã... lançou sobre o teu marido a rede pérfida da sedução!...

DENISE — Meu Deus... Leslie esteve aqui?

ALAIN — Esteve... mas êle te detesta, Irene Michon!... Ele é um escravo!... Ele não teme pela vida!... Ele luta pela causa... pela missão que traz!

IRENE — Oh!... Que contraste medonho... Um desertor com êsses fraseados...

DENISE (chorando) — Oh!... Meu Deus!...

IRENE — Perdão, madame Westbury... (gargalhada) Madame Westbury...

DENISE (enérgica e dura) — Basta, Irene Michon!... Que quer você?

IRENE — Já fiz o meu pedidol

ALAIN — Não dou um centavo do meu dinheiro.

IRENE — Nosso dinheiro!

ALAIN — Meu dinheiro!...

IRENE — Portanto já sei o que me resta fazer!...

Contra-regra: passos que se afastam.

DENISE — Irene!...

Contra-regra: passos que cessam.

DENISE — Aonde vais?

IRENE — Não percebe?

DENISE — Ao Estado Maior?... Denunciar meu irmão?...

IRENE — E teu romântico marido.

ALAIN — Miserável!... Mato-te!

IRENE — Não tens sangue e nem coragem para isso... Um desertor...

ALAIN — Verás!

Contra-regra: passos fortes.

DENISE — Um momento, meu irmão... Deixa-me falar a essa mulher...

IRENE — Essa mulher...

ALAIN — Serpente!

IRENE — A cobra coral é linda... Nunca viu uma cobra coral, meu bem?

ALAIN — Tenho a peçonha dela em meu espírito...

DENISE — Um instante, Irene... não saia... Uma palavra a meu irmão... (pausa e passos) Alain... Eu acho que poderias chegar a um acôrdo.

ALAIN — Um acôrdo com essa víbora, minha irmã?

DENISE — Ouve-me, meu irmão... Irene te fará uma concessão... Duzentos e quinze mil francos, não é verdade?

IRENE — Os dólares também, minha querida cunhada...

DENISE — Os dólares também... Farás uma concessão, Irene... Cortarás a pera em duas partes... Entregarás a soma convencionada à tua espôsa e ela irá embora.

IRENE — Não!... Não!... Já plagiaram tanto o velho Salomão... Nada disso! Não, antes de tudo é preciso que saibas duma coisa, querida Denise: não concordarei com a redução de um sôldo... Serão duzentos e quinze mil, a metade dos dólares que, se não me falha a memória, são quatro mil... E ainda tem mais... Em segundo lugar, estou muito bem aqui no castelo... Por que essa idéia de enxotar a pobre e plebéia Irene Michon?... Diabos... legalmente sou ainda Irene de Kergueven... Quero o dinheiro, agora, e a questão de minha mudança será resolvida mais tarde...

DENISE — Não seria melhor ires daqui, recebendo o dinheiro, Irene?

IRENE — Não... Qual!... As próprias empregadas recebem um aviso antecipado de oito dias... Por que querem me enxotar assim (rindo) E então?

ALAIN — Nem um sôldo!

IRENE — Ah!... Não... A tua avareza não estremece mesmo quando sabes que sou capaz de perder toda tua família?

ALAIN — Não darei êsse dinheiro!

IRENE — Então... paciência!... (passos).

DENISE — Irene!... Um momento!... Não se vá!... Não abra a porta!

IRENE — Esperei de mais e humilhei-me como nunca julguei que pudesse ser humilhada!... Agora é tarde!... Esperem as minhas notícias! (passos).

Técnica: disco musical de ouverture.

DENISE — Um instante, Irene Michon!... Um segundo apenas!... Retire a sua mão da maçaneta da porta!...

IRENE — Fale, Denise Westbury...

DENISE — Vai denunciar meu irmão ao Estado Maior hitlerista?

IRENE — Vou. Seu irmão e seu marido. Os dois!

DENISE — Ele lhe dará o que pede... uma redução na importância, Irene.

IRENE — Oh!... Você se engana em todos os pontos, minha querida cunhada!... Antes de tudo não concordarei com a redução de um centavo! Serão os duzentos e trinta mil francos e os dólares.

DENISE — E sairá dêste castelo?

IRENE — Sair daqui? Ora essa! Por que, madame Westbury, se estou me sentindo admiravelmente bem instalada aqui? E por que insiste tanto para que eu abandone o castelo? (rindo) Já sei, meu bem. Receio... O coração apreensivo...

DENISE — O coração apreensivo?

IRENE — Sim... Oh!... Eu não sou tão ingênua que não advinhe a sua apreensão, minha nobre cunhadinha Kergueven... Leslie vem aqui, neste quarto... (rindo) Não é isso que a mortifica?

DENISE — Basta...

IRENE — Mas não se preocupe... Ele vem apenas tratar das minhas flôres... e nada tem a temer dos alemães, minha cara. E depois a culpa não é minha... Ele mesmo é que se ofereceu para isso.

DENISE — Não é verdade!...

ALAIN — Denise, por favor... Não dê ouvidos a esta mulher! Denise, não creias!... Não creias no que ela diz. O teu marido jamais viria aqui para junto do Estado Maior Alemão por sua vontade. Foi ela quem o atraiu para te fazer mal, para me humilhar e me ridicularizar.

IRENE — A família Kergueven... (risada forçada) Gente fina... cura-se o caçula de uma paixão louca fazendo-o largar duzentos mil francos... Isso esfria os impulsos do camarada... Visconde de Kergueven, não!... (pausa) Um pequeno burguês que quer imitar os bolcheviques... que se diverte com o marxismo e foge diante do inimigo!... Foge do campo de honra para conservar um herdeiro para a família... Saiam todos daqui do meu quarto!... Já os vi de mais!... Saiam!... Você, minha pequena, vá brigar com o jardineiro, que virá aqui me ver quando me agrada, entendeu? E você, herói desconhecido, tome as suas muletas!...

Contra-regra: ruído forte de duas muletas lançadas ao chão.

IRENE — Tome as suas muletas de falso esmoler do Santo Sepulcro!... Dou-lhe quatro dias para refletir. Se na quinta-feira à noite não me aparecer com o dinheiro, sairá daqui com a guarda móvel ou com a Gestapo!... Vamos, rual... Kergueven... E você também, orgulhosa castelã... Nobres senhores... a porta está aberta!...

Contra-regra: ruído forte de maçaneta.

IRENE — Rual... Rua, nobres senhores... Irene Michon enxota-os e não tem interesse de saudá-los mais!... Rual...

ALAIN — Oh!... Essa miserável vai receber a paga que merece!...

Contra-regra: passos precipitados.

DENISE (voz abafada e entrecortada de emoção) — Não!... Não, Alain... Rogo-te!...

ALAIN (voz rouca e entre dentes) — Deixa-me, Denise... deixa-me...

DENISE — Vem!... Peço-te... Vem...

IRENE — Faça o favor de carregar as muletas daqui...

DENISE — Deixa, Alain... Eu apanharei as muletas...

Contra-regra: ruído de duas peças de madeira.

ALAIN — Irene, o último restinho de fascinação acaba de desaparecer do meu espírito!... A sordidez do seu caráter absorveu-o completamente...

IRENE — Quinta-feira quero a resposta!... O dinheiro ou...

DENISE — Vamos, Alain... quero conversar contigo, meu irmão... vem...

Contra-regra: toc-toc de muletas.

IRENE — Encolhe mais a perna ferida, meu herói... (gargalhada).

INTERLÚDIO

LESLIE (chamando baixinho) — Capitão Detang!... (passos) Alô!... (passos cinco segundos) Capitão Detang!...

DETANG — Westbury (distante e baixinho) Westbury!...

LESLIE (baixinho) — Onde está você, Detang?

DETANG (baixinho) — Aqui... Cuidado... trouxe a lanterna elétrica... Cuidado para não bater com a cabeça na abóbada... aqui...

LESLIE — Má notícia, meu velho...

DETANG — Ainda o corcunda?

LESLIE — Sim... Picot continua vigiando o barracão... Ele tem a certeza como ainda está você por aqui...

DETANG — Tive uma idéia desde ontem, Westbury!

LESLIE — Qual?

DETANG — Atrair Picot aqui para o subterrâneo do castelo...

LESLIE — E depois?

DETANG — Um tiro da minha F. M. resolveria tudo... Era menos um na terra e mais um no Inferno!

LESLIE — Matar Picot?

DETANG — Sim.

LESLIE — Trazê-lo para aqui?

DETANG — Seria um ótimo plano. Esse monstro ainda vai nos perder a todos!

LESLIE — Mas acho isso difícil... Ele é demasiado esperto para cair nessa armadilha... De mais a mais, o corcunda Picot tem sempre gente do Doctor Zimmerman com ele...

Contra-regra: ruído distante.

LESLIE — Maldição!

DETANG — Ele?

LESLIE — Está lá em cima no barracão...

Contra-regra: passos que se aproximam lentamente.

LESLIE — Devagar... aproximemo-nos devagar... Se sentir o menor ruído, esse corcunda ditará a nossa sentença de morte...

Contra-regra: arrastar dum móvel bem distante.

DETANG — Ele está arrastando algum móvel...

LESLIE — Minha cama... está procurando vestígio do alcapão... Ele desconfia!...

DETANG — Ele morrerá... se ele descer será um homem morto!...

LESLIE — Mas ele não está sozinho...

DETANG — Morrerão os que me fôr possível matar, Westbury...

LESLIE — Não!... Procuraremos evitar esse desfecho até quando nos fôr possível. Algo mais importante nos responsabiliza e exige a máxima cautela!

DETANG — E se ele descer? Ou eles?

LESLIE — Temos ainda uma saída...

DETANG — Este subterrâneo tem alguma saída para fora do castelo?

LESLIE — Não!... A única que tem é no interior do castelo, e é para lá que vamos.

DETANG — Para o interior do castelo?

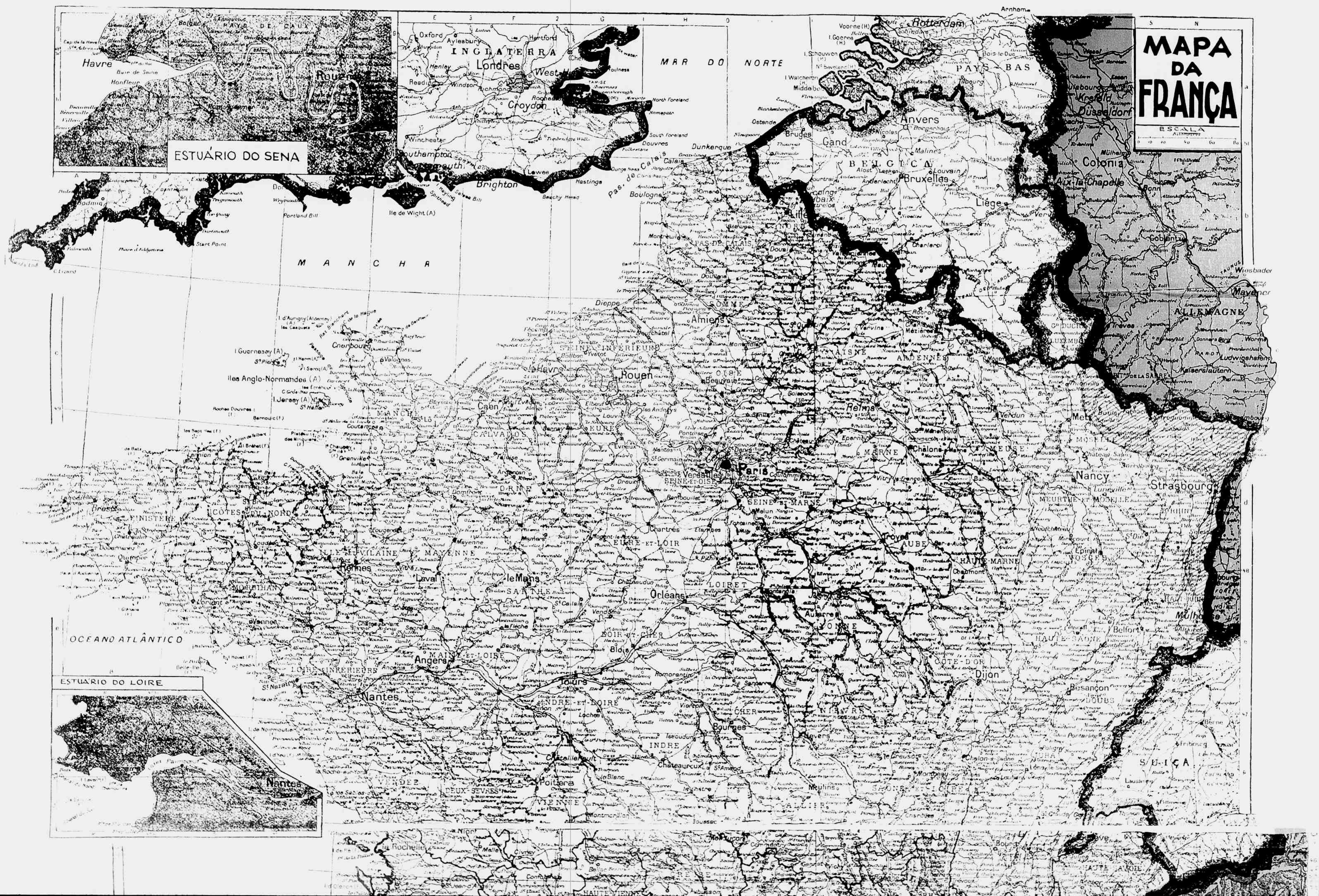
LESLIE — Sim...

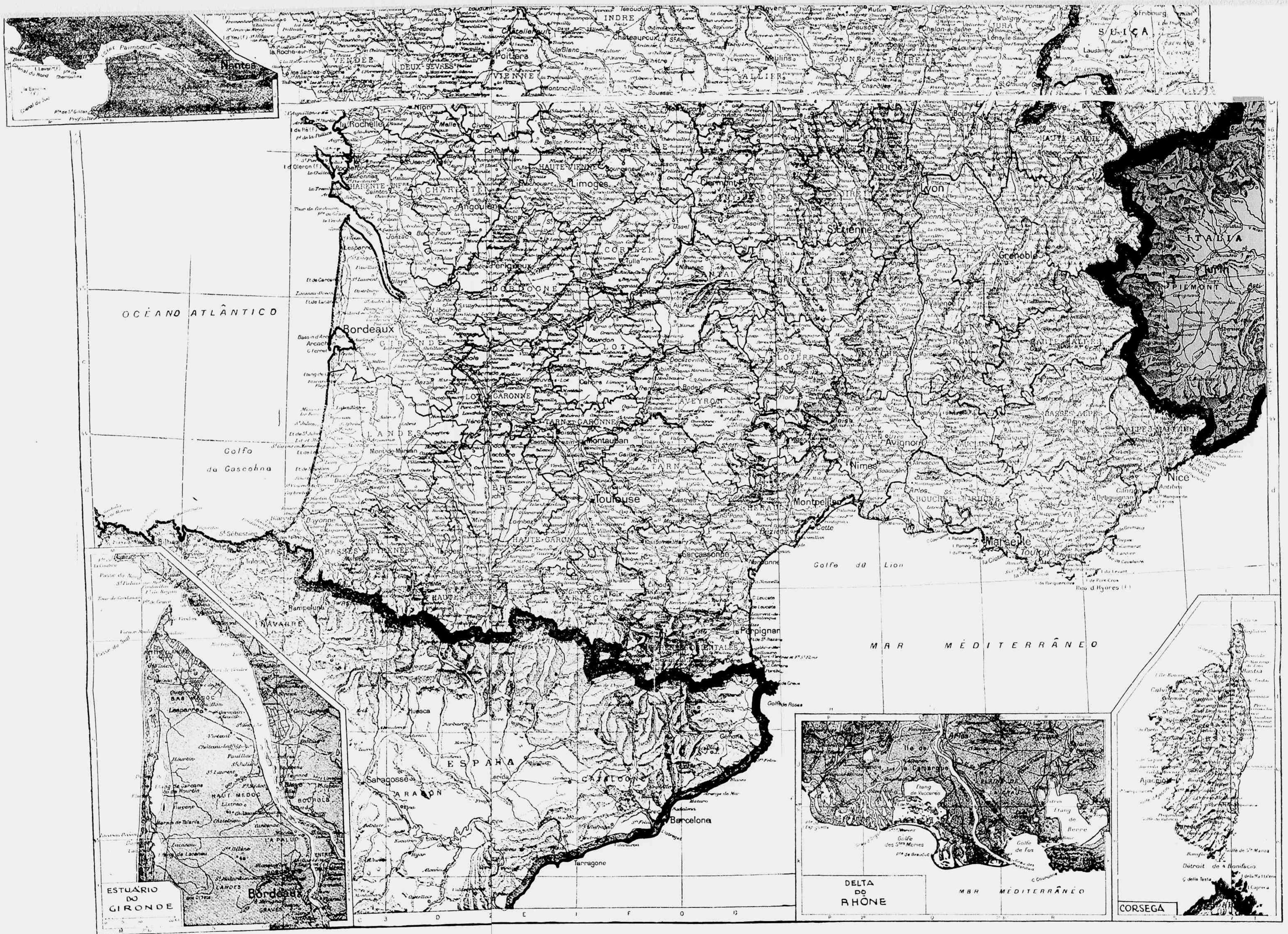
DETANG — E qual é esse lugar? A adega?

LESLIE — Não!...

REVISTA DA SEMANA

SUPLEMENTO DE GUERRA





MAPA
ESPECIAL
DA
**REVISTA
DA
SEMANA**

França libertada

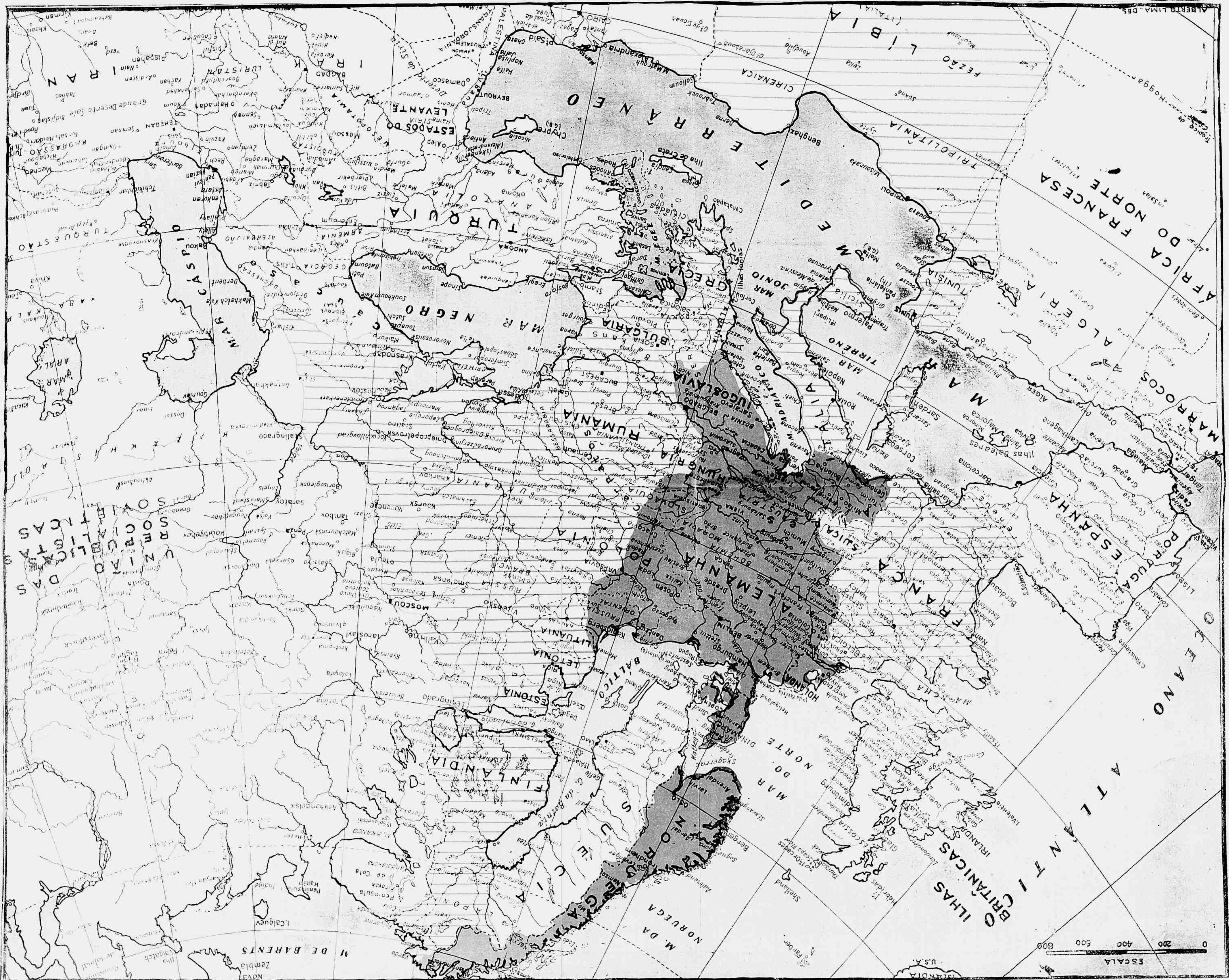
A queda das três barbas — Metz, Trier, Strasbourg — que
serviam de pontos de apoio aos alemães nos territórios franceses e serviam
de trampolim para a ocupação alemã do norte da França, é um passo decisivo
na libertação da França. A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo
decisivo na libertação da França. A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo
decisivo na libertação da França.

em todos os lugares ameaçados e, não sendo fortes em nenhum deles
para tomar a iniciativa, tem que aguardar os golpes que a iniciativa
deve resolver. Deve-se sentir a expectativa para os golpes que a iniciativa
deve resolver. Deve-se sentir a expectativa para os golpes que a iniciativa
deve resolver.

A luta de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.
A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.
A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.

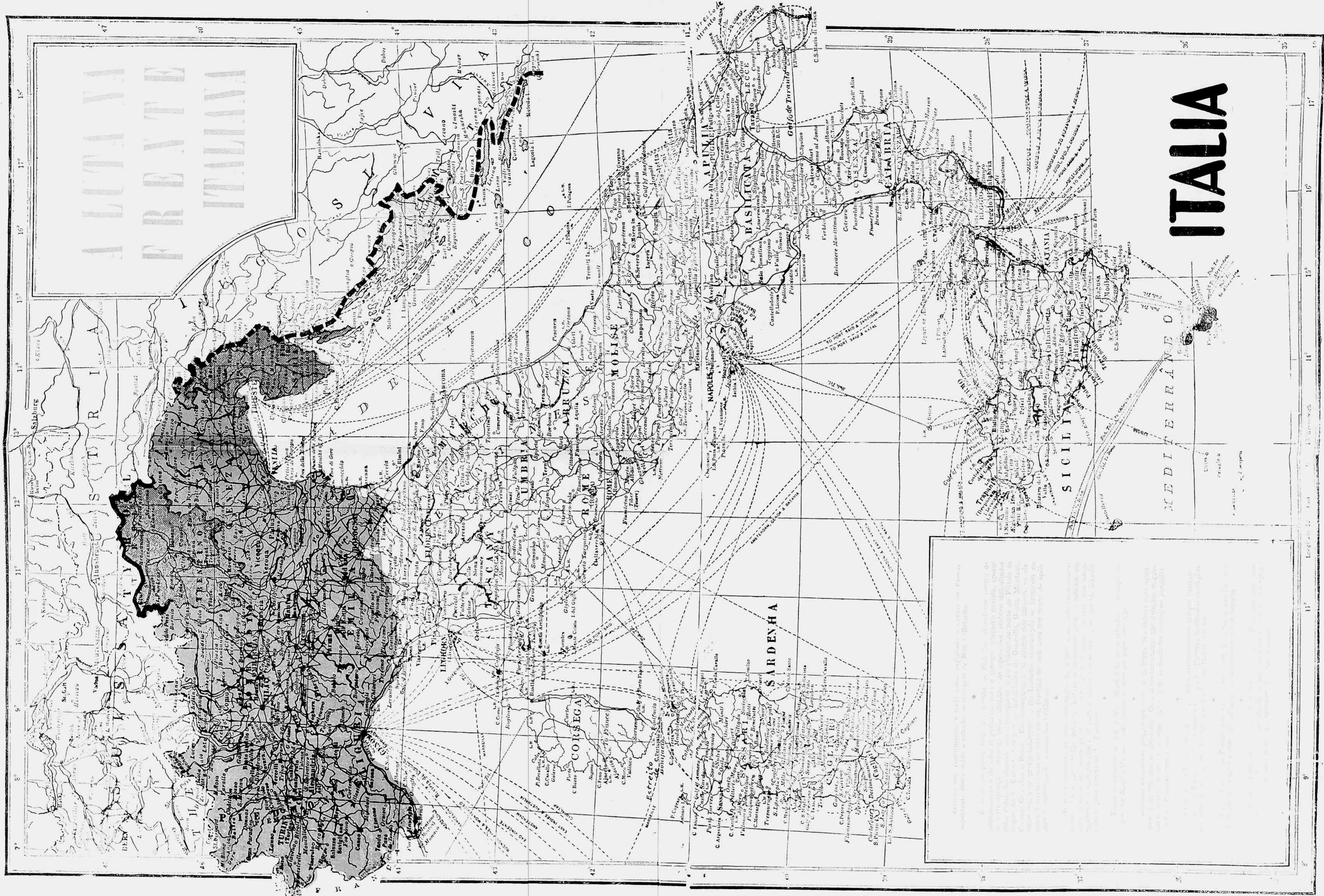
antecipar a concepção estratégica, explorando a situação de
confusão e avanço dos alemães que condizem com a situação
estratégica. Deve-se sentir a expectativa para os golpes que a iniciativa
deve resolver. Deve-se sentir a expectativa para os golpes que a iniciativa
deve resolver.

naquele momento, a situação de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.
A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.
A queda de Metz, Trier e Strasbourg é um passo decisivo na libertação da França.



ONDE O INIMIGO RETROCEDE

Em 1945, o exército alemão estava derrotado e os aliados estavam avançando para o interior da Alemanha. O mapa mostra a situação em 1945, com as fronteiras alemãs marcadas e as áreas ocupadas pelos aliados.



ITALIA

MEDITERRANEO

SICILIA

SARDEGNA

ROMA

FIRENZE

TORINO

VENEZIA

ADRIATICO

Ao pé da Lareira

Num "living-room fireplace", nome dado pelos americanos à sala onde está instalada a mais ampla lareira da casa, os membros da família costumam reunir-se para as palestras ou a leitura.

Para uma casa estilo alpino ou californiano, nada mais decorativo que uma lareira ornamental, embora ao nosso clima não seja ela de utilidade.

Ao pé da lareira devem ser colocadas poltronas de couro ou veludo espaçosas e espessas, como as que se vêem na gravura e não móveis leves e pequenos.



GRANDE

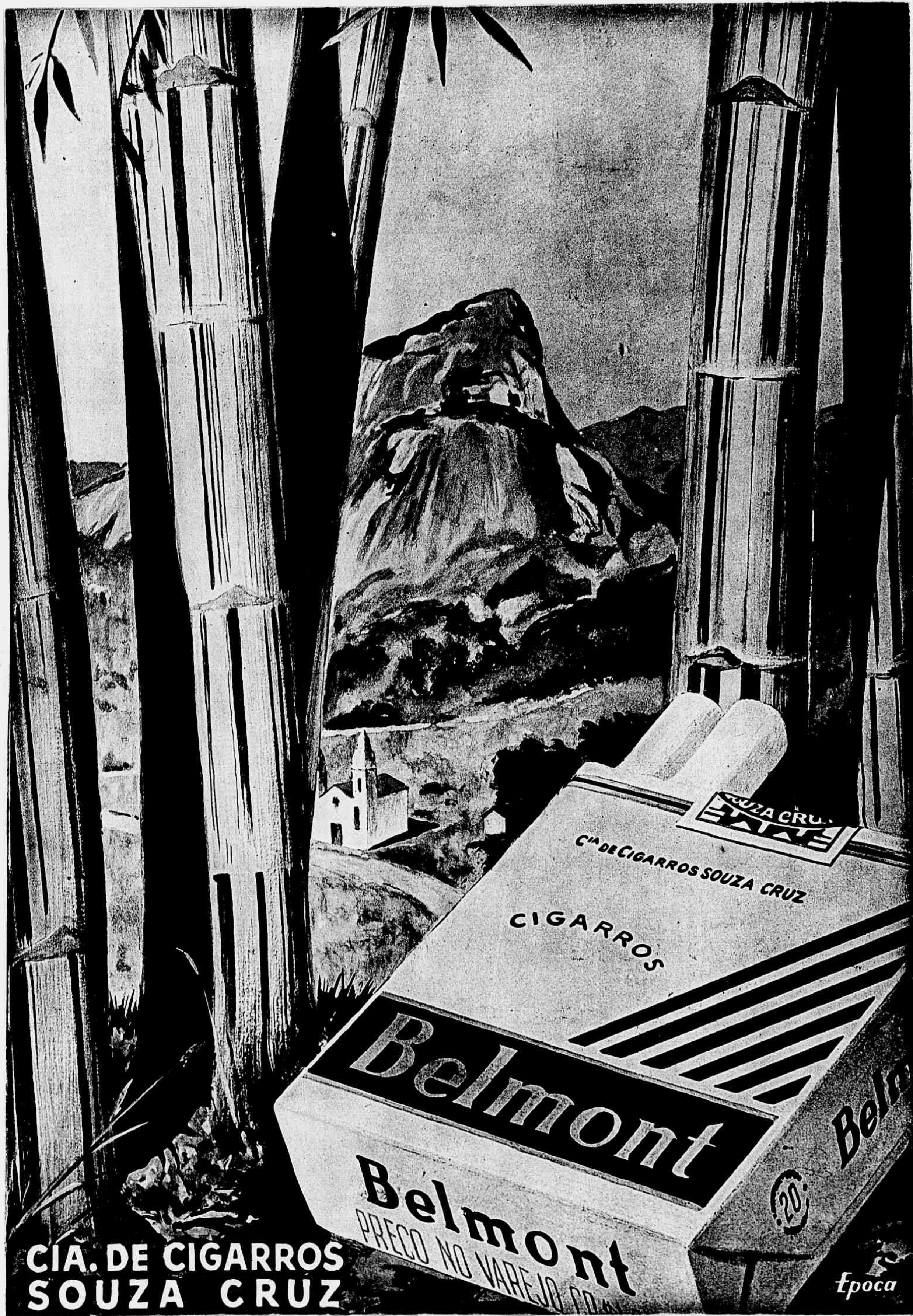
VIENDA DE ANIVERSARIO

novidades em tecidos para decoração
variedades em artigos para presentes

ASA
MAGGA

UNES
FESTIVAL

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



**CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**

Epoca